



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA FLORESTAL

**LEVANTAMENTO HISTÓRICO, PAISAGÍSTICO E
AVALIAÇÃO DA PERCEÇÃO ATUAL DOS JARDINS DO
INSTITUTO CENTRAL DE CIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA**

MIKAELA SOARES SILVA

**BRASÍLIA/DF
JULHO DE 2011**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA FLORESTAL

**LEVANTAMENTO HISTÓRICO, PAISAGÍSTICO E
AVALIAÇÃO DA PERCEPÇÃO ATUAL DOS JARDINS DO
INSTITUTO CENTRAL DE CIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA**

Aluna: Mikaela Soares Silva
Matrícula: 06/37211
Linha de Pesquisa: Paisagismo
Orientador: Profº. Fábio Alessandro Padilha Viana

Trabalho Final apresentado ao
Departamento de Engenharia
Florestal da Universidade de
Brasília como parte das
exigências para obtenção do
título de Engenheira Florestal.

BRASÍLIA/DF
JULHO DE 2011

Universidade de Brasília
Faculdade de Tecnologia
Departamento de Engenharia Florestal

**LEVANTAMENTO HISTÓRICO, PAISAGÍSTICO E AVALIAÇÃO DA
PERCEPÇÃO ATUAL DOS JARDINS DO INSTITUTO CENTRAL DE
CIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

Aluna: Mikaela Soares Silva
Matrícula: 06/37211


Trabalho Final de Curso apresentado ao Departamento de Engenharia Florestal como
requisito parcial para a obtenção do título de Engenheiro Florestal.

Menção: SS

APROVADA POR:



Prof.º Fábio Alessandro Padilha Viana, DSc. (UnB)
(Orientador)



Prof.º Rosana de Carvalho Cristo Martins, DSc. (UnB)
(Examinadora Interna)



Prof.º Antônio Xavier de Campos, DSc. (UnB)
(Examinador Externo)

Brasília - DF, Julho de 2011.

*Dedico este trabalho aos meus amigos
e familiares que não sabem o que é
DAP, mas que sempre me guardaram
à altura do peito, em seus corações.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e à vida pelos caminhos tortuosos, pelo destino imprevisível e pelas pessoas improváveis.

A minha mãe, por todo amor e apoio.

Ao Valdair Ribeiro de Carvalho pelas singelas, mas inestimáveis demonstrações de carinho, pelo “paitrocínio” dos estudos e por quem vale a pena continuar crescendo.

A Diana da Silva Soares, pelo empréstimo de força, pelo companheirismo, pela reposição da autoestima e pela renúncia que só um amor materno pode oferecer.

Ao Gabriel do Nascimento de Carvalho, irmão de coração, por compartilhar segredos e, apesar de ser mais novo, me proteger.

A, por muito tempo incompreendida, Elza do Nascimento de Carvalho, mas que hoje é reconhecidamente sócia majoritária do meu sucesso.

Ao avô Antenor José do Nascimento, pequeno pra quem vê, mas gigante pra quem conhece seu coração.

Ao meu Tio Hélio, a Di, ao Caco e ao Digo, por me acolherem em sua casa e me tornarem parte da família.

A Roberta Campos de Carvalho, que me ensinou que a vida pode ser divertida.

Aos queridos amigos de graduação Ângela Bussinguer, Cecília Menezes, Celina Rubiano, Daniela Rubim,, Fabrícia Mota, Flaviane Rodrigues, Kléber Santos, Lílian Nunes, Luiz Ricardo, Shilbert Gomes, Thaís Rodrigues e tantos outros que compartilharam bons momentos e deram força para superar os obstáculos durante a vida acadêmica.

Ao amigo Renielton Santos, pela sua amizade, pelo companheirismo em 5 anos de graduação, pela ajuda nas horas difíceis e mais recentemente pela formatação da monografia.

Agradecimento especial a Robeilton Silva (in memorian), pois “No dia em que você foi embora, Eu fiquei sentindo saudades do que não foi, Lembrando até do que eu não vivi pensando nós dois...”

Agradeço também ao professor, orientador e amigo Fábio Alessandro Padilha Viana, por ter vindo da UNESP, por ter aceitado à primeira vista me orientar, pela brilhante ideia de trabalhar com os jardins do ICC e por me ajudar a realizar o sonho de trabalhar com paisagismo.

Ao José Pedro, funcionário dedicado da UnB, por sua grande ajuda na identificação das espécies ornamentais dos jardins, pela paciência, simplicidade e bom humor.

*No mistério do Sem-Fim,
equilibra-se um planeta.
E, no planeta, um jardim,
e, no jardim, um canteiro;
no canteiro, uma violeta,
e, sobre ela, o dia inteiro,
entre o planeta e o Sem-Fim,
a asa de uma borboleta.*

Cecília Meireles

RESUMO

O trabalho consistiu em realizar um levantamento histórico e paisagístico dos jardins do Instituto Central de Ciências (ICC) da Universidade de Brasília, popularmente conhecido como Minhocão. Para a análise detalhada da estrutura atual dos jardins realizou-se uma série de levantamentos com o objetivo de inventariar todos os elementos que compõem o paisagismo do ICC: Levantamento Iconográfico e de Documentação Correlata; Levantamento Fotográfico; Levantamento Florístico ou Botânico; Levantamento do Meio Físico, Levantamento de Infraestrutura e Levantamento da Percepção e Importância dos Jardins. Como resultado do Levantamento Iconográfico encontrou-se o projeto da década de 70 e ao compará-lo com o Levantamento Fotográfico constatou-se que os jardins estão completamente diferentes da composição proposta originalmente. O Levantamento Florístico resultou na identificação de 89 espécies, distribuídas em 42 famílias botânicas, das quais 23 (25,8%) são nativas do Brasil e destas, apenas 3 (3,4%) ocorrem naturalmente no Bioma Cerrado. Os levantamentos do Meio Físico e de Infraestrutura forneceram informações sobre a irrigação, pedologia, climatologia, iluminação, drenagem dos jardins, entre outros. O Levantamento da Percepção e Importância dos jardins foi realizado quantitativamente a partir da aplicação de questionários a todos os frequentadores do ICC, divididos em professores, estudantes, funcionários/colaboradores e qualitativamente, classificando-se as interações homem-jardim em positivas ou negativas. 55% dos entrevistados disseram que os jardins são parte fundamental do ICC e devem sempre ser conservados. Qualitativamente identificou-se o desenvolvimento de um trabalho de extensão e de uma horta como interações positivas e a descaracterização de um dos canteiros como interação negativa.

Palavras - chave: Censo Florístico; Arquitetura; Paisagismo, Campus Universitário Darcy Ribeiro.

ABSTRACT

The work consisted of performing a historical survey of the gardens and landscape of the Central Institute of Sciences (ICC) at the University of Brasilia, popularly known as "Minhocão". For the detailed analysis of the current structure of the gardens held a series of surveys in order to list all the elements that make up the landscaping of the ICC: Iconographic Survey and Related Documentation, photographic surveys; Floristic survey and Botanical; Survey on Media , Infrastructure Survey and Survey of Perception and Importance of Gardens. As a result of the survey Iconographic met the design of the 70's and compare it with the photographic survey found that the gardens are completely different composition originally proposed. The floristic survey resulted in identifying 89 species in 42 botanical families, of which 23 (25.8%) are native to Brazil and of these only 3 (3.4%) occur naturally in the Brazilian Cerrado. Surveys of the Physical Environment and Infrastructure provide information on irrigation, pedology, climatology, lighting, drainage of the gardens, among others. The Survey of Perceptions and Importance of the gardens was carried out quantitatively from the questionnaires to all attendees of the ICC, divided into teachers, students, staff / employees and qualitatively classifying the interactions man-garden in positive or negative. 55% of respondents said that the gardens are a fundamental part of the ICC and should always be kept. Qualitatively identified the development of an outreach and a vegetable garden as positive interactions and characterization of the beds as a negative interaction.

Keywords: Floristic census, Architecture, Landscape, Campus Darcy Ribeiro.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Unidade SC-2 da proposta de setorização.....	21
Figura 2 - Instituto Central de Ciências – ICC.....	22
Figura 3 - Composição do jardim do ICC. Marrom.....	25
Figura 4 - Corte Transversal do ICC.....	23
Figura 5 - Pavimento Térreo do ICC.	23
Figura 6 - Mangueiras utilizadas na irrigação dos jardins.	33
Figura 7 - Drenagem dos jardins do ICC.	36
Figura 8 - Laje do jardim.....	37
Figura 9 - Remoção do acesso à parte elevada dos jardins.	38
Figura 10 - Acesso à área elevada dos jardins.....	38
Figura 11 - Bancos de cimento utilizados inadequadamente.	39
Figura 12 - Banco de madeira depredado.....	39
Figura 13 - Visibilidade do Jardim Central da Ala Norte de dia.....	40
Figura 14 - Visibilidade do Jardim Central da Ala Norte de noite.....	40
Figura 15 - Gráfico de avaliação da limpeza dos jardins (Estudante).	41
Figura 16 - Gráfico de avaliação da conservação dos jardins (Estudante).....	42
Figura 17 - Gráfico de avaliação da iluminação dos jardins (Estudante).	42
Figura 18 - Gráfico de avaliação da beleza dos jardins (Estudante).....	43
Figura 19 - Gráfico de avaliação da utilização dos jardins (Estudante).....	43
Figura 20 - Gráfico de avaliação do tempo de permanência nos jardins (Estudante).	44
Figura 21 - Gráfico de avaliação da importância dos jardins (Estudante).	44
Figura 22 - Gráfico de avaliação da limpeza dos jardins (Funcionários).	45
Figura 23 - Gráfico de avaliação da conservação dos jardins (Funcionários).....	46
Figura 24 - Gráfico de avaliação da iluminação dos jardins (Funcionários).....	46
Figura 25 - Gráfico de avaliação da beleza dos jardins (Funcionários).....	47
Figura 26 - Gráfico de avaliação da utilização dos jardins (Funcionários).....	47
Figura 27 - Gráfico de avaliação do tempo de permanência nos jardins (Funcionários).....	48
Figura 28 - Gráfico de avaliação da importância dos jardins (Funcionários).	48
Figura 29 - Gráfico de avaliação da limpeza dos jardins (Professores).....	49
Figura 30 - Gráfico de avaliação da conservação dos jardins (Professores).....	50
Figura 31 - Gráfico de avaliação da iluminação dos jardins (Professores).....	50
Figura 32 - Gráfico de avaliação da beleza dos jardins (Professores).	51
Figura 33 - Gráfico de avaliação da utilização dos jardins (Professores).	51
Figura 34 - Gráfico de avaliação do tempo de permanência nos jardins (Professores).....	52
Figura 35 - Gráfico de avaliação da importância dos jardins (Professores).....	52
Figura 36 - Espécies arbóreas (<i>Mangifera indica</i> e <i>Spondias purpurea</i>) compondo plano vertical.....	54
Figura 37 - Espécie <i>Bougainvillea spectabilis</i> mal conduzida.....	55
Figura 38 - Transição quase imperceptível entre vegetações.....	56
Figura 39 - Transição grosseira entre vegetações.....	56
Figura 40 - Canteiro conduzido com princípios estéticos do paisagismo.....	57
Figura 41 - canteiro sem princípios básicos.	58

Figura 42 - Canteiro com vegetação senescente.....	58
Figura 43 - Efeitos negativos da restauração dos jardins.....	59
Figura 44 - Canteiro totalmente descaracterizado.....	60
Figura 45 - Lixo nos jardins.....	60
Figura 46 - Núcleo de Experimentação Sócio-Cultural em Agricultura Urbana- NESCAU...	62
Figura 47 - Horta no canteiro do subsolo.....	63
Figura 48 - Interação negativa no canteiro C8A.....	63

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Lista de Espécies catalogadas por família.....	29
Tabela 4 - Composição granulométrica.....	34
Tabela 5 - Parâmetros da Análise de Solos.....	35

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. OBJETIVOS.....	15
2.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	15
3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	15
3.1. CONCEITO DE PAISAGEM E PAISAGISMO	15
3.2. PAISAGISMO MODERNISTA	16
3.3. ÁREAS VERDES E SUAS FUNÇÕES	18
3.4. PAISAGISMOS EM ÁREAS EDUCACIONAIS.....	19
3.5. JARDINS SOBRE LAJES.....	20
3.6. DIRETRIZES DO PAISAGISMO DO ICC	20
4. MATERIAIS E MÉTODOS	22
4.1. LEVANTAMENTO ICONOGRÁFICO E DE DOCUMENTAÇÃO CORRELATA.....	25
4.2. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO.....	24
4.3. LEVANTAMENTO FLORÍSTICO	25
4.4. LEVANTAMENTO DO MEIO FÍSICO.....	26
4.5. LEVANTAMENTO DE INFRAESTRUTURA	27
4.6. LEVANTAMENTO DA PERCEPÇÃO E IMPORTÂNCIA DOS JARDINS.....	27
5. RESULTADOS.....	28
5.1. LEVANTAMENTO ICONOGRÁFICO E DE DOCUMENTAÇÃO CORRELATA.....	28
5.2. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO	28
5.3. LEVANTAMENTO FLORÍSTICO	28
5.4. LEVANTAMENTO DO MEIO FÍSICO.....	33
5.4.1. Irrigação	33
5.4.2. Clima.....	34
5.4.3. Análise dos Solos.....	34
5.5. LEVANTAMENTO DE INFRAESTRUTURA	36
5.5.1. Laje e Drenagem.....	36
5.5.2. Caminhos e Acessos	38
5.5.3. Bancos	39
5.5.4. Iluminação	40
5.6. LEVANTAMENTO DA PERCEPÇÃO E DA IMPORTÂNCIA DOS JARDINS	41
5.6.1. Estudantes.....	41

5.6.2. Funcionários	45
5.6.3. Professores.....	49
6. DISCUSSÃO.....	54
6.1. CONCEPÇÃO ESTÉTICA.....	54
6.2. CONCEPÇÃO AMBIENTAL	61
6.3. CONCEPÇÃO SOCIAL.....	61
6.4. COMPARAÇÃO ENTRE O PROJETO DA DÉCADA DE 70 E A COMPOSIÇÃO DOS JARDINS NA ATUALIDADE	64
7. CONCLUSÃO	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	66
ANEXOS	70
Anexo A – Ficha de Catalogação	71
Anexo B – Questionário sobre o paisagismo do ICC	72
Anexo C – Projeto Paisagístico de 1970	73
Anexo C (1): Projeto Paisagístico de 70 - 1º Trecho Reto (Ala sul)	73
Anexo C (2): Projeto Paisagístico de 70 - Trecho Curvo (Ala Centro)	74
Anexo C (3): Projeto Paisagístico de 70 - 2º Trecho Reto (Ala Norte)	75
Anexo D – Projeto Paisagístico elaborado por Maria Aparecida Furtado de Resende	76
Anexo E - Levantamento Fotográfico.....	77
Anexo F- Levantamento Florístico ou Botânico.....	144

1. INTRODUÇÃO

A Universidade de Brasília, UnB, foi inaugurada em 21 de abril de 1962. Atualmente, possui mais de 1.900 professores e cerca de 2.525 servidores. A UnB oferece 103 cursos de graduação, 73 especializações, 64 mestrados e 45 doutorados ¹ divididos em quatro campi: Campus Universitário Darcy Ribeiro, Faculdade de Ceilândia (FCE), Faculdade UnB Gama (FGA) e Faculdade UnB Planaltina (FUP).

A UnB possui ainda órgãos complementares que auxiliam os alunos no desenvolvimento de trabalhos de ensino, pesquisa e extensão como o Hospital Universitário de Brasília, a Biblioteca Central, a Fazenda Água Limpa, o Centro de Informática, a UnB TV e a Editora UnB¹.

O Instituto Central de Ciências (ICC), localizado no Campus Universitário Darcy Ribeiro era, inicialmente, a unificação dos cinco Institutos de Ciências (Matemática, Física, Química, Biologia e Geociências) previstos por Lúcio Costa no primeiro plano urbanístico da universidade. De Oscar Niemeyer partiu a decisão de unificá-los em um único prédio, destinado às “ciências puras”².

Voltado especificamente para atividades de ensino, o ICC, apelidado de Minhocão por sua grande extensão, é composto por dois blocos que abrigam departamentos, salas de aula, anfiteatros, laboratórios e centros acadêmicos.

Com o aumento do número de cursos oferecidos pela Universidade o ICC foi ocupado de maneira diferente do planejamento inicial. Áreas do subsolo originalmente projetadas para comportar almoxarifados foram transformadas em salas de aula sem estrutura adequada. A construção de novos prédios no Campus Darcy Ribeiro possibilita a mudança de departamentos para outros locais, com espaços mais amplos para salas de aula e laboratórios, além de promover o aproveitamento dos espaços remanescentes no ICC.

O Instituto, conjunto edificado em dois pavimentos e subsolo, é composto por blocos retos nas extremidades e um bloco curvo no centro, subdivididos em dois arcos que são separados por uma faixa central de 15 metros que abrigam os jardins e áreas de circulação.

¹Disponível em: <<http://www.unb.br/sobre>> Acesso em: 15 de fevereiro de 2011.

²Disponível em: <<http://vsites.unb.br/fau/guia/institutocentraldeciencias.htm>> Acesso em 22 de fevereiro de 2011.

Os jardins, projetados sobre lajes, são compostos por canteiros elevados e áreas gramadas, com predominância de espécies arbustivas. As áreas verdes dentro do ICC são utilizadas pelos frequentadores do Instituto para diversas finalidades como lazer, confraternização, estudo e descanso. Nota-se, atualmente, pouca uniformidade e coerência na composição florística dos jardins, além da total descaracterização de alguns canteiros causada por modificações realizadas pelos estudantes.

2. OBJETIVOS

O objetivo do trabalho foi fazer um levantamento histórico e paisagístico dos jardins do ICC, com o intuito de resgatar o projeto original bem como analisar, as mudanças ocorridas ao longo dos anos desde a sua implantação e avaliar a percepção da importância destes jardins para os frequentadores do Instituto.

2.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

O trabalho tem como objetivos específicos realizar uma avaliação da estrutura dos jardins na atualidade por meio de inventário paisagístico e comparar a situação atual dos jardins às condições originais de implantação.

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1. CONCEITO DE PAISAGEM E PAISAGISMO

A paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É, em uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução (BERTRAND,1972).

Magnoli (1983) entende que “paisagem é o suporte físico no qual se estrutura a sociedade”, em que a morfologia da paisagem é resultante da interação entre a lógica dos processos do suporte (geológico e climático) e a lógica dos processos sociais e culturais (antrópico). A lógica dos processos do homem se apresenta por expressões físicas

(parcelamento, escavações, plantações, construções, edificações etc.) e que por sua vez atuam sobre a lógica dos processos de suporte (geologia e clima, solo, relevo, vegetação e sol, água e vento).

O termo “paisagem” não informa nada acerca de suas características. É evidente que qualquer vista tem para o observador uma série de elementos que a definem e que a diferenciam de outras infinitas paisagens. A morfologia do terreno, a flora, a fauna, os recursos hídricos locais e a ação antrópica são elementos que, ao constituírem a paisagem, ao mesmo tempo a caracterizam de forma inconfundível (MARX, 1987).

Para Macedo (1999), paisagem é “expressão morfológica das diferentes formas de ocupação e de transformação do ambiente em determinado tempo”, podendo significar tanto produto como sistema. Produto como resultado de processo social. Sistema como algo que se modifica com o tempo, por meio de ações e reações que se estabelecem no espaço físico, nas relações sociais e que correspondem a alterações morfológicas parciais ou totais.

De acordo com Santos (1997), paisagem é o conjunto de formas que num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza. Ou ainda, a paisagem se dá como conjunto de objetos concretos.

O paisagismo é filosoficamente uma ciência multidisciplinar que estuda as paisagens naturais e que interfere nestas paisagens, embasada nos conhecimentos da Biologia, Agronomia e Ecologia, e instrumentada com as técnicas da Morfologia, Fisiologia, Taxonomia e Patologia Vegetal, assim como Horticultura e Climatologia (WINTERS, 1992).

Segundo Barbosa (2000), o paisagismo impõe-se como uma necessidade fundamental para a sobrevivência daqueles que habitam em cidades grandes, já que serve para equilibrar o ecossistema violentado pelo grande número de construções em concreto, pavimentações asfálticas e poluição industrial.

3.2. PAISAGISMO MODERNISTA

De acordo com Teles (2005), a arquitetura paisagística moderna estrutura-se basicamente no atendimento de novas formas de uso que passam a exigir nova organização morfológica do espaço livre urbano.

Conforme Macedo (2003): A arquitetura paisagística se torna, então, **funcionalista** (com a determinação de áreas equipadas especialmente para o lazer recreativo ou esportivo); **nacionalista** (com o abandono do uso de vegetação exótica e com ênfase na tropicalidade do país); **simples** (com a "proibição" do uso de elementos decorativos do passado - pitorescos e temáticos – sendo execradas as cenarizações, as topiarias e qualquer lembrança do Ecletismo recente); **geométrica** (com o uso e abuso das formas geométricas livres, inspiradas nas temáticas da pintura da época, na qual Burle Marx foi o mestre inspirador nacional); **colorida** (com a introdução do uso intenso de pisos multicores).

O surgimento do paisagismo moderno no Brasil ocorre juntamente com a consolidação da arquitetura moderna brasileira. Entre as décadas de 20 e 30, inúmeras transformações marcam a chegada do modernismo, que comparece, sobretudo, com um conjunto de manifestações culturais e artísticas de forte tendência nacionalista, tanto na literatura, na música, nas artes plásticas como na arquitetura. No contexto, os arquitetos modernos se imbuem cada vez mais da disposição de pensar uma nova arquitetura que reflita as especificidades brasileiras (DOURADO, 1997).

O desenvolvimento modernista brasileiro foi paralelo ao da Europa, se firmando como expressão original. Este período fértil para as artes, arquitetura, urbanismo e paisagismo no Brasil revelam a busca da consciência de um povo rumo a identificação com seus valores próprios, enfim, sua identidade. Tal comportamento revela (ainda) uma correspondência a um antropocentrismo como ideologia e o individualismo como expressão. A maior expressão deste contexto cultural, social, político e tecnológico durante o século XX foi a construção de Brasília (CÉSAR, 2003).

O paisagismo modernista brasileiro em muitos aspectos se confunde com a obra de Roberto Burle Marx (1909-1994). Sua obra contribuiu principalmente em dois aspectos: a sedimentação de uma linguagem do paisagismo que fosse claramente moderna (não remanescente do paisagismo inglês); e por iniciar uma ruptura de paradigmas na prática do paisagismo no Brasil, principalmente ao que cabe a valorização da vegetação nativa brasileira (CÉSAR, 2003).

3.3. ÁREAS VERDES E SUAS FUNÇÕES

As áreas verdes são “[...] áreas com vegetação fazendo parte dos equipamentos urbanos, parques, jardins, cemitérios existentes, áreas de ‘pequenos jardins’, alamedas, bosques, praças de esportes, ‘play-grounds’, ‘play-lots’, balneários, ‘camping’ e margens de rios e lagos (GEISER et al,1975 apud CAVALHEIRO; DEL PICCHIA (1992).

Segundo Meneghetti 2003, as áreas verdes, áreas livres e arborização viária são fundamentais na melhoria da qualidade do ambiente urbano. Os benefícios ambientais da vegetação urbana são tão mais necessários à saúde ambiental do ecossistema urbano quanto maior o nível de urbanização.

De acordo com Grey e Deneke (1978) e Harris (1992 apud SILVA, 2000) as plantas possuem funções estéticas como: suavizar linhas arquitetônicas e acentuar detalhes estruturais; formar perspectivas, molduras, fornecer pontos de focalização e definir espaços; aliviar a monotonia de pavimentos e alvenaria; tornar mais atraente as áreas de lazer, particularmente as árvores; fornecer sombra, fragrâncias agradáveis e tornar locais mais serenos; criar a impressão de bem-estar em novas áreas residenciais; unificar cenários visivelmente caóticos; e realçar as estações do ano.

A vegetação em aspectos urbanos, além de suas funções estéticas, ecológicas e econômicas, proporciona também benefícios sociais, agindo como fator de equilíbrio psicológico (SILVA, 2000).

Vieira (2004) admite que as áreas verdes tendam a assumir diferentes papéis na sociedade e suas funções devem estar inter-relacionadas no ambiente urbano, de acordo com o tipo de uso a que se destinam. Ainda de acordo com Vieira (2004) as funções destas áreas estariam relacionadas à:

- *Função Social:* possibilidade de lazer que essas áreas oferecem à população. Com relação a este aspecto, deve-se considerar a necessidade de hierarquização.
- *Função Estética:* diversificação da paisagem construída e embelezamento da cidade. Relacionada a este aspecto deve ser ressaltada a importância da vegetação.
- *Função Ecológica:* provimento de melhorias no clima da cidade e na qualidade do ar, água e solo, resultando no bem estar dos habitantes, devido à presença da vegetação, do solo não impermeabilizado e de uma fauna mais diversificada nessas áreas.

- *Função Educativa*: possibilidade oferecida por tais espaços como ambiente para o desenvolvimento de atividades educativas, extra-classe e de programas de educação ambiental.
- *Função Psicológica*: possibilidade de realização de exercícios, de lazer e de recreação que funcionam como atividades “anti-estresse” e relaxamento, uma vez que as pessoas entram em contato com os elementos naturais dessas áreas.

3.4. PAISAGISMO EM ÁREAS EDUCACIONAIS

O tratamento paisagístico das áreas externas das unidades de ensino tem como objetivo principal a melhoria de sua qualidade visual e ambiental (Schaffer, 2005).

A composição da vegetação adotada em cada projeto paisagístico deve valorizar e potencializar o uso de áreas externas para atividades pedagógicas e recreativas, além de contribuir para o conforto microclimático dos espaços internos e externos das unidades de ensino (Fedrizzi, 1999).

Segundo Biondi et al. (2008), a intervenção paisagística nos pátios das escolas deveria ser planejada não apenas para atender às necessidades estéticas e de conforto ambiental dos usuários como, também, para servir de ferramenta às práticas de ensino. A vegetação, matéria-prima do paisagismo, deve ser usada para ilustrar os conhecimentos teóricos relativos à conservação da natureza.

Para McKinney 2006, plantas cultivadas na arborização/paisagismo também podem servir à educação ambiental, gerando um sentimento de afeição das pessoas para com a natureza e aumentando o suporte do público a ações de conservação biológica.

Os *Campi* das grandes universidades brasileiras apresentam, em geral, reconhecido potencial para o desenvolvimento de sólidas pesquisas em arborização urbana e paisagismo (EISENLOHR et. al., 2006).

Nobre & Menezes (2006, apud LEAL, 2009) realizaram diagnóstico das espécies que são usadas no paisagismo do *Campus* Marco Zero do Equador da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), como subsídio para a transformação do *Campus* em um espaço adequado para a comunidade acadêmica e local, proporcionando uma paisagem propícia ao trabalho e lazer, além de disponibilizar materiais didáticos e de pesquisa.

Na UnB Kurihara et. al., 2005, realizaram levantamento da arborização do Campus Universitário Darcy Ribeiro com o objetivo de descrever a quantidade e qualidade das árvores do campus e valorizar a arborização existente.

3.5. JARDINS SOBRE LAJES

De acordo com Abbud (2006), no planejamento de jardins sobre lajes, a primeira medida é saber se é possível que a terra do jardim fique no mesmo nível dos pisos, como nos jardins sobre o solo normal. Ou se, por questões técnicas ou de custo, os canteiros terão de ser elevados, reduzindo psicologicamente o espaço e tirando o aspecto natural da paisagem.

Para a implantação de jardins sobre lajes deve-se adotar procedimentos na construção como a drenagem e a impermeabilização bem como uso de solo preparado (ABBUD, 2006).

De acordo com Abbud (2006), é preciso estudar o porte de vegetação que será utilizada, se haverá ou não árvores e palmeiras altas, evitando algumas espécies pelo raizame agressivo que possuem. Essas informações são imprescindíveis para o calculista avaliar as cargas e acrescentá-las no dimensionamento de vigas, lajes e pilares do prédio.

3.6. DIRETRIZES DO PAISAGISMO DO ICC

De acordo Plano Diretor Físico do Campus Universitário Darcy Ribeiro de 1998, que apresenta proposta de setorização e zoneamento do campus, o ICC é inserido na Unidade SC-2, categoria de ocupação estritamente acadêmica, considerada a fração de maior valor arquitetônico do Campus Universitário Darcy Ribeiro. A figura a seguir indica a localização da unidade SC2 no campus.



Figura 1 - Unidade SC-2 da proposta de setorização

Fonte: Plano Diretor Físico do Campus Universitário Darcy Ribeiro (1998)

As diretrizes de ocupação das áreas verdes para a Unidade SC-2 propostas no Plano Diretor Físico de 1998 são:

Diretrizes de Paisagismo:

- a) recomendação de posterior projeto específico;
- b) árvores ao longo dos passeios;
- c) preservação de vista para o Lago Paranoá.

Cobertura Vegetal:

- a) Observar formações de vegetação introduzida (espécimes exóticos), visando à sua preservação;
- b) A preservação de espécimes e a introdução de espécies nativas deverão constar do projeto de paisagismo recomendado.

De acordo com o Plano de Setorização do Campus Universitário Darcy Ribeiro de 2000, que institui a setorização e as diretrizes de uso do solo do território do campus, o ICC está inserido no Setor Central (SC), com diretrizes referentes à ocupação descritas no artigo sétimo do plano:

Art. 7º. O Setor Central será ocupado por atividades acadêmicas, culturais, de pesquisa e de extensão, por atividades de apoio ao convívio da comunidade universitária e por instituições públicas ou privadas de interesse acadêmico.

Ainda de acordo com o Plano de Setorização instituiu-se que compete ao Centro de Planejamento (CEPLAN), órgão de assessoria técnica da Reitoria, elaborar as normas para os procedimentos de manutenção predial, de parques, jardins e demais componentes físicos do Campus e de suas Unidades.

4. MATERIAIS E MÉTODOS

O jardim que foi analisado situa-se no Instituto Central de Ciências (ICC), localizado na porção central do Campus Universitário Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília, na Asa Norte. Projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, o ICC começou a ser construído em junho de 1963 e foi parcialmente concluído em 1970.

O ICC, popularmente conhecido como Minhocão, possui 720 metros de extensão, com duas alas constituídas de subsolo, térreo e mezanino, ocupando uma área total de 130.000 m². As duas alas têm largura diferente e foram concebidas para destinações distintas: a mais estreita (Bloco A) possui 25 metros de largura e serviria, originalmente, aos laboratórios de pesquisa; a mais larga (Bloco B) possui 30 metros de largura, provida de anfiteatros e salas de aula de capacidade variável, foi projetada principalmente para alojar as atividades de ensino.



Figura 2 - Instituto Central de Ciências – ICC.

Fonte: Revista Acrópole, 1970.

As imagens seguintes apresentam a estrutura do ICC. A divisão de espaços e utilizações propostas inicialmente para os prédios pode ser observada na Figura 3. A Figura 4 indica a estrutura do pavimento térreo, onde se localizam os jardins.

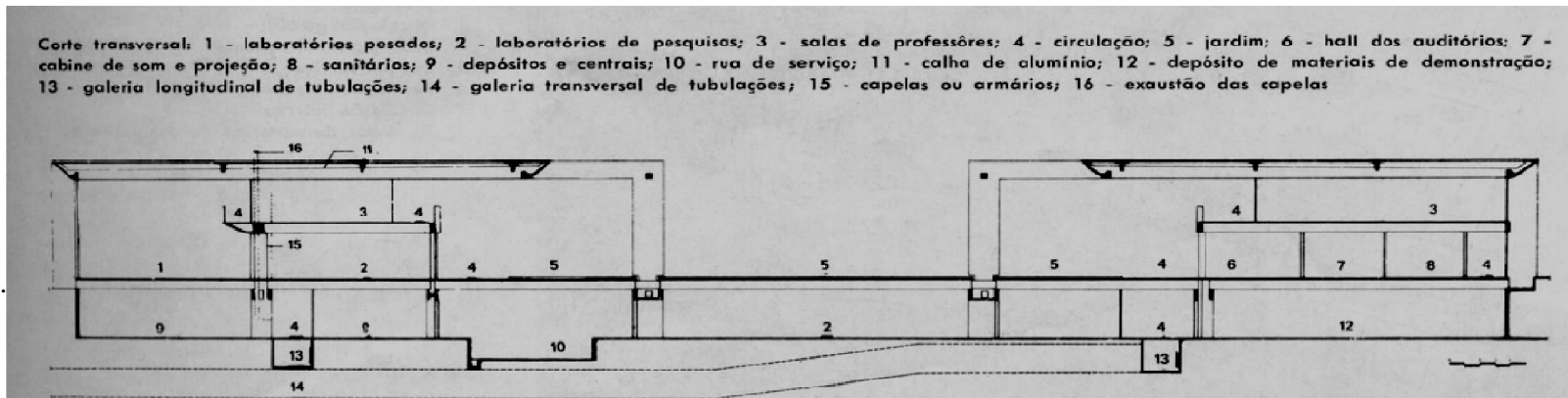


Figura 3 - Corte Transversal do ICC.

Fonte: Revista Acrópole (1970)

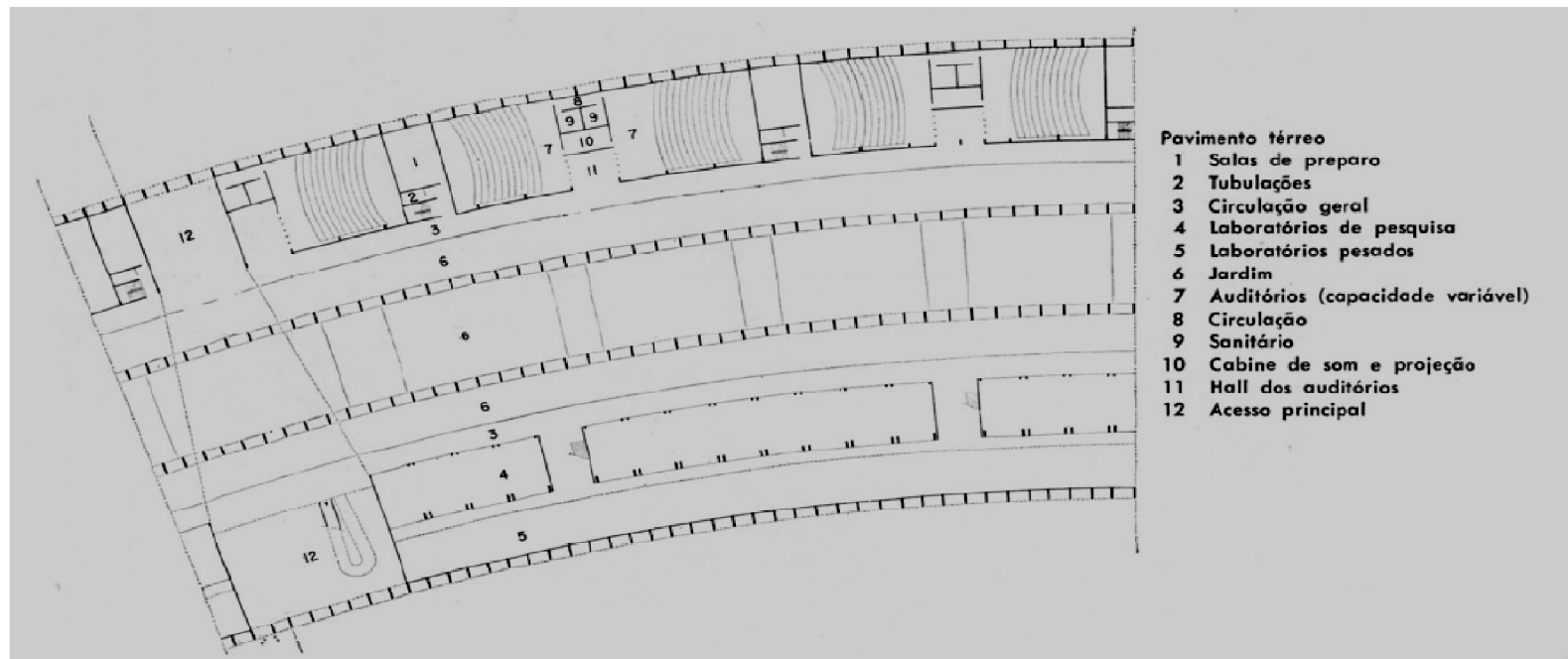


Figura 4 - Pavimento Térreo do ICC.

Fonte: Revista Acrópole (1970)

Os blocos do Instituto são separados por uma faixa central de 15 metros, onde se localizam os jardins e as áreas de circulação. O jardim do ICC, construído sobre lajes, é composto por 48 canteiros e áreas gramadas elevadas.

Os canteiros, com elevação de 30 centímetros em relação ao piso dos corredores, possuem formatos retangulares e trapezóides, de arestas arredondadas, largura de 7 metros e comprimento variável entre 15 e 45 metros. As áreas gramadas possuem elevação de 20 centímetros em relação aos corredores e são cortadas por praças e caminhos que permitem o acesso entre os blocos do Instituto.

Para a análise detalhada da estrutura atual dos jardins foi realizada uma série de levantamentos com o objetivo de inventariar todos os elementos que compõem o paisagismo do ICC. São eles: Levantamento Iconográfico e de Documentação Correlata; Levantamento Fotográfico; Levantamento Florístico ou Botânico; Levantamento do Meio Físico e de Infra-Estrutura e Levantamento da Percepção e Importância dos Jardins. A metodologia utilizada para realizar o presente trabalho foi adaptada do Manual de Intervenções em Jardins Históricos (DELPHIM, 2005).

Para facilitar a abordagem os canteiros foram denominados por uma sigla que indica a sua localização no ICC. A sigla é composta por uma letra (N, C ou S) que designa a ala em que o canteiro se encontra, por um número (de 1 a 8) que refere-se a ordem do jardim e por outra letra (A ou B) correspondente ao lado do instituto em que o canteiro está localizado.

Por exemplo, o canteiro N7B está localizado na Ala Norte e corresponde ao sétimo canteiro do lado B do instituto. O canteiro C3A está localizado na Ala Centro e corresponde ao terceiro canteiro do lado A do ICC. O canteiro S1B está localizado na Ala Sul e corresponde ao primeiro canteiro do lado B do ICC.

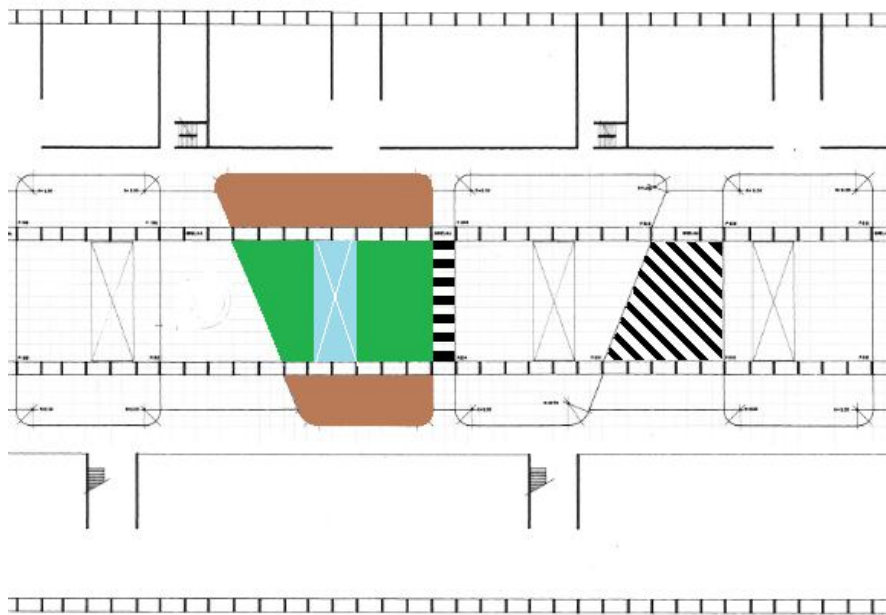


Figura 5 - Composição do jardim do ICC. Marrom: Canteiro; Verde: Área gramada; Azul: Vão; Hachurado horizontal: Caminho; Hachurado transversal: Praça.

4.1. LEVANTAMENTO ICONOGRÁFICO E DE DOCUMENTAÇÃO CORRELATA

Utilizaram-se vários tipos de documentos tais como fotografias, textos, projetos, croquis entre outros que detalham as condições originais do projeto do ICC/UnB. A busca foi realizada nos setores que armazenam documentos históricos da UnB, o Centro de Planejamento Oscar Niemeyer (CEPLAN), o Centro de Documentação da Universidade de Brasília (CEDOC) e a Prefeitura do Campus (PRC).

4.2. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

Para análise da situação atual, tiraram-se fotografias de todos os canteiros do jardim, com o intuito de utilizá-las na análise da composição de espécies e, com o resgate do projeto original, na comparação da evolução dos jardins ao longo do tempo.

4.3. LEVANTAMENTO FLORÍSTICO

Realizou-se a identificação e catalogação sistemática de todas as espécies que compõem os jardins do ICC, sejam elas herbáceas, arbustivas, arbóreas ou palmeiras. Para cada espécie encontrada foi preenchida uma ficha, com informações sobre morfologia,

taxonomia, fisiologia e outros dados relevantes como a origem da espécie e exigências (Anexo A). A descrição botânica e utilização das espécies foram realizadas de acordo com Lorenzi, (2008).

O mapeamento das espécies permitiu a observação da transição entre espécies e entre canteiros, além da análise de princípios básicos do paisagismo. Ao coletar dados de todas as espécies obtiveram-se informações sobre a composição dos jardins, sobre o número de espécies nativas, endêmicas e exóticas, além de permitir a análise da utilização adequada das espécies. A documentação fotográfica foi essencial para verificar a qualidade dos espécimes empregados nos canteiros.

4.4. LEVANTAMENTO DO MEIO FÍSICO

Do ponto de vista hidráulico foi analisado o sistema de irrigação dos jardins, se o método empregado proporciona a irrigação adequada de acordo com as plantas utilizadas, o tipo de solo e as condições climáticas. Verificou-se havia déficit de água ou consumo exagerado.

Para a análise química dos solos foram coletadas amostras nos canteiros do ICC, divididos em alas Norte, Centro e Sul de acordo com as normas para coleta de amostras de solos publicadas pelo Laboratório de Adubos, Corretivos e Substratos da Fazenda Água Limpa da Universidade de Brasília (Labstratos).

Todas as amostras coletadas na Ala Norte foram depositadas num balde e em seguida misturadas, retirando-se pedras e raízes. Da mistura de todas as amostras de solo foram retirados cerca de 500 gramas de solo que foram armazenados em saco plástico com identificação e levados para análise em laboratório. O mesmo procedimento foi repetido para as alas Centro e Sul.

As análises de solo realizadas para as amostras dos jardins foram: Análise de Fertilidade, Análise de Granulometria e Análise de Determinação de pH.

O clima na região do campus foi definido de acordo com a Classificação Climática de Köppen-Geiger e os dados sobre precipitação e temperatura foram obtidos no Instituto Nacional de Meteorologia - INMET.

4.5. LEVANTAMENTO DE INFRAESTRUTURA

A infraestrutura dos jardins foi avaliada por meio da observação do estado de conservação dos elementos estruturais dos jardins: caminhos e acessos, iluminação artificial, limpeza, conservação dos bancos e drenagem dos canteiros.

4.6. LEVANTAMENTO DA PERCEPÇÃO E IMPORTÂNCIA DOS JARDINS

Outro elemento fundamental para a produção de conhecimentos sólidos sobre o paisagismo do ICC é a compreensão da relação entre os jardins e as pessoas que deles usufruem. Para análise quantitativa da interação homem-jardim elaborou-se um questionário que foi aplicado aos frequentadores do ICC (Anexo B).

Os frequentadores foram divididos em professores, estudantes e funcionários/colaboradores. A divisão foi realizada com o objetivo de identificar as possíveis diferenças nas relações entre jardins e frequentadores, de acordo com o vínculo à instituição.

O questionário é composto por perguntas sobre o tempo que passam nos jardins, a qualidade de conservação, a beleza estética e a importância dos espaços verdes dentro da universidade, além de conter espaço para sugestões.

Questionou-se 90 pessoas: 50 estudantes, 20 professores e 20 funcionários/colaboradores. Os questionários foram aplicados de segunda-feira a sexta-feira nos três turnos com o intuito de identificar possíveis variações da percepção dos jardins de acordo com o horário e quantidade de luminosidade natural.

Para a análise qualitativa da interação homem-jardim, os resultados obtidos nos levantamentos florístico e fotográfico foram fundamentais na classificação das interações em positivas ou negativas. As sugestões propostas nos questionários permitiram o conhecimento das expectativas dos frequentadores em relação aos jardins, de pontos que precisam ser melhorados de acordo com a visão particular de cada entrevistado.

5. RESULTADOS

5.1. LEVANTAMENTO ICONOGRÁFICO E DE DOCUMENTAÇÃO CORRELATA

Os documentos referentes aos primeiros projetos elaborados para os jardins internos do ICC foram obtidos no Centro de Planejamento Oscar Niemeyer (CEPLAN) da UnB. Estes projetos, devido seu tamanho, encontram-se anexos (Anexo C). O projeto encontrado foi elaborado pelos arquitetos Miguel Alves Pereira e Nelson Saraiva da Silva.

Não é possível afirmar que o projeto da década de 70 foi implantado, pois não foram encontrados documentos que comprovassem tal implantação. Projetos paisagísticos menores foram desenvolvidos e a implantação destes pode ser confirmada por registros fotográficos (Anexo D).

Atualmente não há um projeto paisagístico para o ICC. A composição dos jardins é elaborada pelos jardineiros de acordo com a disponibilidade de plantas no viveiro da prefeitura do campus.

5.2. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

Realizou-se o levantamento fotográfico entre os dias 20 de junho e 27 de junho de 2011. Para tal, foram fotografados os canteiros com vistas ao nível do observador e vistas panorâmicas do mezanino, dos jardins elevados e dos jardins localizados no subsolo, onde muitas espécies arbóreas são plantadas. As fotografias dos jardins encontram-se anexas (Anexo E).

Notou-se, a partir do levantamento fotográfico comparado aos primeiros projetos, que a composição florística atual dos jardins é completamente diferente da composição proposta no projeto da década de 70.

5.3. LEVANTAMENTO FLORÍSTICO

Para a catalogação das espécies utilizou-se sistema proposto pelo Angiosperm Phylogeny Group (APG II 2003). O censo florístico resultou na identificação de 89 espécies pertencentes a 42 famílias botânicas. As Fichas de Catalogação de cada espécie

encontram-se anexas (Anexo F). Abaixo a lista de espécies catalogadas em ordem alfabética por família:

Tabela 1 - Lista de Espécies catalogadas por família.

Família	Nome Científico	Nome Comum
Acanthaceae	<i>Justicia brandegeana</i> Wassh. & L.B Sm.	Camarão-vermelho
Acanthaceae	<i>Pachystachys lutea</i> Nees	Camarão-amarelo
Agavaceae	<i>Agave attenuata</i> Salm-Dyck	Agave
Agavaceae	<i>Chlorophytum comosum</i> (Thumb.) Jacques	Clorofito
Agavaceae	<i>Yucca guatemalensis</i> Baker	Iuca-elefante
Amaranthaceae	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze var. <i>brasiliana</i>	Penicilina
Amaranthaceae	<i>Alternanthera sessilis</i> (L.) R. Br. Ex DC.	Periquito
Amaryllidaceae	<i>Hymenocallis caribea</i> (L.) Herb.	Lírio-aranha
Anacardiaceae	<i>Mangifera indica</i>	Manga
Anacardiaceae	<i>Spondias purpurea</i>	Siriguela
Apocynaceae	<i>Allamanda polyantha</i> Müll. Arg.	Alamanda
Apocynaceae	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G. Don	Vinca
Araceae	<i>Colocasia esculenta</i> var <i>aquatilis</i> Hassk.	Inhame-preto
Araceae	<i>Colocasia esculenta</i> var <i>illustris</i> (W. Bull) Schott	Inhame-imperial
Araceae	<i>Colocasia gigantea</i> (Blume)Hook. f.	Inhame-gigante
Araceae	<i>Dieffenbachia amoena</i> Bull.	Comigo-ninguém-pode
Araceae	<i>Epipremnum pinnatum</i> (L.) Engl.	Jiboia
Araceae	<i>Monstera deliciosa</i> Liebm.	Costela-de-adão
Araceae	<i>Philodendron cordatum</i> Kunth ex Schott	Imbê
Araceae	<i>Philodendron renauxii</i> Reitz	Filodendro-rasteiro
Araceae	<i>Syngonium angustatum</i> Schott	Singônio
Araceae	<i>Xanthosoma robustum</i> Schott	Taioba
Arecaceae	<i>Dyopsis lutescens</i> (H. Wendl.) Beentje & J. Dransf.	Areca-bambu
Arecaceae	<i>Euterpe edulis</i>	Palmito-juçara
Arecaceae	<i>Livistona chinensis</i>	Falsa-latânia
Arecaceae	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	Jerivá
Asphodelaceae	<i>Aloe humilis</i> (L.) Mill.	Babosa
Asphodelaceae	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Babosa
Asteraceae	<i>Sphagneticola trilobata</i> (L.) Pruski	Vedélia
Balsaminaceae	<i>Impatiens walleriana</i> Hook. f.	Maria-sem-vergonha

Tabela 1 (cont.)

Família	Nome Científico	Nome Comum
Bignoniaceae	<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. ex DC.) Mattos	Ipê-roxo
Bignoniaceae	<i>Saritaea magnifica</i> (W. Bull.)	Sariteia
Bignoniaceae	<i>Spathodea campanulata</i>	Xixi-de-macaco
Bignoniaceae	<i>Tecoma stans</i> (L.) Juss. ex Kunth	Ipê-de-jardim
Cannaceae	<i>Canna paniculata</i> Ruiz & Pav.	Beri
Cannaceae	<i>Canna X generalis</i> L.H. Bailey	Cana-índica
Caricaceae	<i>Carica papaya</i> L.	Mamoeiro
Commelinaceae	<i>Callisia repens</i> (Jacq.) L.	Dinheiro-em-penca
Commelinaceae	<i>Tradescantia pallida</i> var <i>purpurea</i> (Boom) Hook.	Trapoeira-roxa
Commelinaceae	<i>Tradescantia zebrina</i> Heynh.	Lambari
Convolvulaceae	<i>Dichondra microcalyx</i>	Dicondra
Crassulaceae	<i>Bryophyllum pinnatum</i>	Folha-da-fortuna
Davalliaceae	<i>Nephrolepis biserrata</i> (Sw.) Schott	Samambaia
Dicksoniaceae	<i>Dicksonia sellowiana</i> Hook.	Samambaiçu
Equisetaceae	<i>Equisetum hyemale</i> L.	Cavalinha
Euphorbiaceae	<i>Acalypha hispida</i> Burm. f.	Rabo-de-gato
Euphorbiaceae	<i>Codiaeum variegatum</i> (L.) Rumph. Ex A. Juss	Cróton
Euphorbiaceae	<i>Euphorbia leucocephala</i> Lotsy	Cabeleira-de-velho
Euphorbiaceae	<i>Euphorbia pulcherrima</i> Willd. ex. Klotzsch	Bico-de-papagaio
Euphorbiaceae	<i>Manihot esculenta</i> Crantz.	Mandioca
Fabaceae	<i>Arachis repens</i> Handro	Amendoim-rasteiro
Fabaceae	<i>Erythrina indica</i>	Brasileirinho
Heliconiaceae	<i>Heliconia psittacorum</i> L. f.	Helicônia-papagaio
Heliconiaceae	<i>Heliconia rostrata</i> Ruiz & Pav.	Helicônia
Hemerocallidaceae	<i>Hemerocallis flava</i> (L.) L.	Lírio-de-são-josé
Iridaceae	<i>Dietes iridiodes</i> (L.) Sweet ex Klatt	Moreia-branca
Lamiaceae	<i>Clerodendron X speciosum</i> Tiejism. & Binn.	Coração-sangrento
Lamiaceae	<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	Falso-boldo
Lamiaceae	<i>Plectranthus nummularius</i> Briq.	Hera-sueca, dólar
Lauraceae	<i>Persea americana</i>	Abacateiro
Laxmanniaceae	<i>Cordyline terminalis</i> (L.) Kunth	Dracena-vermelha
Malvaceae	<i>Abutilon darwinii</i> Hook. f.	Sino-amarelo
Malvaceae	<i>Abutilon striatum</i> Dick. Ex Lindl.	Lanterna-chinesa

Tabela 1 (cont.)

Família	Nome Científico	Nome Comum
Malvaceae	<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L.	Hibisco
Marantaceae	<i>Ctenanthe burle-marxii</i> H. Kenn.	Maranta-zebrada
Melastomataceae	<i>Schizocentron elegans</i> (Schltdl.) Meisn	Quaresmeira-rasteira
Moraceae	<i>Artocarpus integrifolia</i>	Jaqueira
Moraceae	<i>Morus nigra</i> L.	Amoreira
Myrtaceae	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitangueira
Myrtaceae	<i>Psidium guajava</i>	Goiabeira
Nyctaginaceae	<i>Bougainvillea spectabilis</i> Willd.	Buganville
Nyctaginaceae	<i>Bougainvillea glabra</i> Heimerl	Buganville
Passifloraceae	<i>Passiflora edulis</i> Sims.	Maracujazeiro
Poaceae	<i>Bambusa gracilis</i> Hort. Ex Rivière & C. Rivière	Bambu-de-jardim
Poaceae	<i>Cymbopogon winterianus</i>	Capim-citronela
Poaceae	<i>Paspalum notatum</i> Flügge	Gramma-batatais
Poaceae	<i>Zoysia japonica</i> Steud.	Gramma-esmeralda
Poaceae	<i>Zoysia tenuifolia</i> Thiele	Gramma-japonesa
Rubiaceae	<i>Coffea arabica</i>	Cafeeiro
Ruscaceae	<i>Beaucarnea recurvata</i> Lem.	Pata-de-elefante
Ruscaceae	<i>Dracaena fragrans</i> (L.) Ker Gawl.	Coqueiro-de-vênus
Ruscaceae	<i>Dracaena marginata</i> Lam.	Dracena-de-madagascar
Ruscaceae	<i>Sansevieria trifasciata</i> var <i>laurentii</i> (De Wild.) N.E.Br	Espada-de-são-jorge
Urticaceae	<i>Pilea microphylla</i> (L.) Liebm.	Brilhantina
Verbenaceae	<i>Duranta erecta</i> L.	Pingo-de-ouro
Verbenaceae	<i>Lippia Alba</i> (Mill.) N. E. Brown.	Erva-cidreira-de-arbusto
Vitaceae	<i>Leea guineensis</i> G. Don	Leia
Vitaceae	<i>Leea rubra</i> Blume ex Spreng.	Leia rubra
Zingiberaceae	<i>Alpinia purpurata</i> (Vieill.) K. Schum.	Alpínia

As espécies foram classificadas, quanto a sua procedência, em: nativa ou exótica. Do total identificado apenas 23 espécies são nativas (25,8%). As 66 espécies exóticas (74,2%) são oriundas de regiões de clima semelhante e apresentam boa adaptação às condições dos jardins do ICC. Das 23 espécies nativas apenas *Euterpe edulis*, *Handroanthus impetiginosus* e *Syagrus romanzoffiana* ocorrem naturalmente no Cerrado.

Quanto ao hábito, identificou-se 43 espécies herbáceas (48,3%), 30 espécies arbustivas (33,7%), 12 espécies arbóreas (13,5%) e 4 palmeiras (4,5%). As famílias mais ricas em espécies foram Araceae e Euphorbiaceae, com 10 e 5 espécies, respectivamente.

No total foram identificadas 86 espécies pertencentes à divisão Angiospermae, distribuídas em 39 famílias. Dentre as espécies de angiospermas foram encontradas 6 espécies que não são comumente utilizadas no paisagismo: *Bryophyllum pinnatum*; *Coffea arabica*; *Cymbopogon winterianus*; *Lippia Alba*; *Manihot esculenta*; *Plectranthus barbatus*. De fato estas espécies foram introduzidas com objetivo principal de oferecer suporte às atividades acadêmicas, pois compõem o jardim de plantas medicinais implantado a pedido dos professores do departamento de Biologia.

As espécies de angiosperma *Aloe humilis*; *Aloe vera*; *Carica papaya*; *Passiflora edulis*, embora possam ser empregadas no paisagismo, foram utilizadas no ICC com outra finalidade. As duas primeiras, do gênero *Aloe*, compõem o jardim medicinal da Biologia. As duas últimas foram introduzidas nos canteiros por estudantes da UnB.

Ainda sobre as Angiospermas que foram encontradas nos jardins do ICC, é desconhecida a finalidade primária da introdução de 10 espécies, pois estas foram introduzidas no subsolo, onde não era previsto a criação de jardins de acordo com o projeto da década de 70. São elas: *Artocarpus Integrifolia*; *Eugenia uniflora*; *Handroanthus impetiginosus*; *Livistona chinensis*; *Mangifera indica*; *Morus nigra*; *Persea americana*; *Psidium guajava*; *Spathodea campanulata*; *Spondias purpurea*; *Tecoma stans*. Apesar de não ser possível afirmar o motivo da introdução destas espécies e nem quem as introduziu, vale ressaltar que estas possuem valor ornamental.

As angiospermas *Artocarpus Integrifolia*; *Eugenia uniflora*; *Mangifera indica*; *Morus nigra*; *Persea americana*; *Psidium guajava*; *Spondias purpurea*, além de possuírem valor ornamental, possuem frutos comestíveis pela fauna e por seres humanos.

Apenas 3 espécies catalogadas nos jardins pertencem à divisão Pteridophyta: *Dicksonia sellowiana* (Dicksoniaceae); *Equisetum hyemale* (Equisetaceae); *Nephrolepis*

biserrata (Davalliaceae). As 3 pteridófitas encontradas no ICC possuem valor ornamental, contudo, a espécie *Equisetum hyemale* foi prioritariamente introduzida com o objetivo de compor o jardim medicinal da Biologia.

Das 89 espécies catalogadas nos jardins do ICC, 9 (10,1%) são consideradas invasoras no Brasil, sendo elas: *Coffea arabica*, *Dracaena fragrans*, *Impatiens walleriana*, *Mangifera indica*, *Morus nigra*, *Psidium guajava*, *Spathodea campanulata*, *Tecoma stans* e *Tradescantia zebrina*.

5.4. LEVANTAMENTO DO MEIO FÍSICO

5.4.1. Irrigação

A irrigação dos jardins do ICC é feita manualmente, ou seja, os jardineiros realizam a irrigação com mangueiras extensas, que causam certo transtorno pelo seu comprimento. De acordo com o jardineiro mestre, senhor José Pedro, já se cogitou a hipótese de automatizar a irrigação dos canteiros, mas tal hipótese foi descartada, pois a água atingiria os corredores ou não chegaria a todos os locais onde há plantas.



Figura 3 - Mangueiras utilizadas na irrigação dos jardins.

Nos dias de análise não foi identificado excesso ou déficit hídrico nos jardins e, aparentemente, não foi encontrado nenhuma espécie sofrendo avarias causadas pela má condução da irrigação.

5.4.2. Clima

O clima dos jardins do ICC (clima de Brasília), de acordo com a Classificação Climática de Köppen-Geiger é o Cwa: Clima Subtropical/Clima Tropical de Altitude.

A precipitação média varia bastante ao longo do ano, sendo mais baixa entre os meses de maio e agosto. A umidade relativa do ar varia de aproximadamente 80% nos meses chuvosos a uma média de 15% nos meses de estiagem.

A temperatura média anual é de cerca de 19,8°C, podendo chegar aos 30,0°C de média das máximas em setembro, e aos 10,5°C de média das mínimas nas madrugadas de inverno em julho. A temperatura, porém, varia de forma significativa nas áreas menos urbanizadas, onde a média das mínimas de inverno cai para cerca de 10°C a 5°C³.

5.4.3. Análise dos Solos

A análise das amostras dos canteiros do jardim do ICC resultou na seguinte granulometria média:

Tabela 2 - Composição granulométrica.

Granulometria	g/kg
Argila	425
Areia	400
Silte	175

De acordo com as classes texturais dos solos e os resultados obtidos na análise, classificou-se os solos do ICC como argilo-arenosos. Observaram-se valores bem próximos para a argila e a areia e pequena porção de silte. Tais características permitem supor que são solos de boa drenagem e boa fertilidade, características que foram amostradas nas análises químicas realizadas. Para a análise das condições físico-químicas dos solos do jardim, utilizaram-se os seguintes parâmetros:

³ Disponível em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Distrito_Federal_\(Brasil\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Distrito_Federal_(Brasil))> Acesso em 19 de março de 2011.

Tabela 3 - Parâmetros da Análise de Solos.⁴

Característica	Valor	Classificação
pH em água	6,8	Médio a Alto
Fósforo - P, em mg/dm ³	19,4	Muito bom
Cálcio - Ca, em cmol _c /dm ³	7	Muito bom
Magnésio - Mg, em cmol _c /dm ³	1,9	Muito bom
Potássio - K, em cmol _c /dm ³	0,24	Bom
Sódio - Na, em cmol _c /dm ³	0,2	Médio
Alumínio - Al, em cmol _c /dm ³	0	Toxidez nula
Acidez (H + Al), em cmol _c /dm ³	3	Médio
Soma das Bases, em cmol _c /dm ³	9,34	Muito bom
CTC ou T, em cmol _c /dm ³	12	Bom
Saturação por Bases - V, em %	76	Bom
Saturação por Alumínio - m, em %	0	Bom
Carbono Orgânico - C, em g/kg	12,7	Médio
Matéria Orgânica - MO, em g/kg	21,8	Médio

Para a classificação dos resultados obtidos nas análises comparou-se os valores encontrados aos valores das Classes de interpretação de fertilidade do solo da Comissão do Estado de Fertilidade do Solo do Estado de Minas Gerais (CFSEMG), 1999.

Os resultados da análise química dos solos mostram que o pH encontra-se numa faixa um pouco acima do ideal para a maioria dos cultivares. Segundo a CFSEMG (1999), o pH adequado está na faixa entre 5,5 e 6,0.

Os macronutrientes essenciais para o desenvolvimento das plantas apresentam boa disponibilidade. A CTC, fundamental para a absorção dos nutrientes, apresenta valor considerado bom. Os valores encontrados de alumínio não foram significativos, o que indica toxidez nula para a maioria dos cultivares. Contudo, vale ressaltar que algumas espécies necessitam de alumínio para o seu desenvolvimento pleno. Apenas a quantidade estimada de matéria orgânica foi considerada um pouco abaixo dos valores ideais para o desenvolvimento das plantas.

A análise realizada foi expressiva apenas para traçar um quadro geral das condições do solo dos jardins e apontar alguma deficiência ou falha grosseira. Para recomendar correções no solo dos jardins do ICC seria necessária uma análise mais

detalhada, com amostragem de todos os canteiros, que resultaria em dados precisos e permitiriam o manejo adequado dos solos.

5.5. LEVANTAMENTO DE INFRAESTRUTURA

5.5.1. Laje e Drenagem

O projeto paisagístico do ICC da década de 70 previa que a drenagem nos jardins seria elaborada da seguinte maneira:

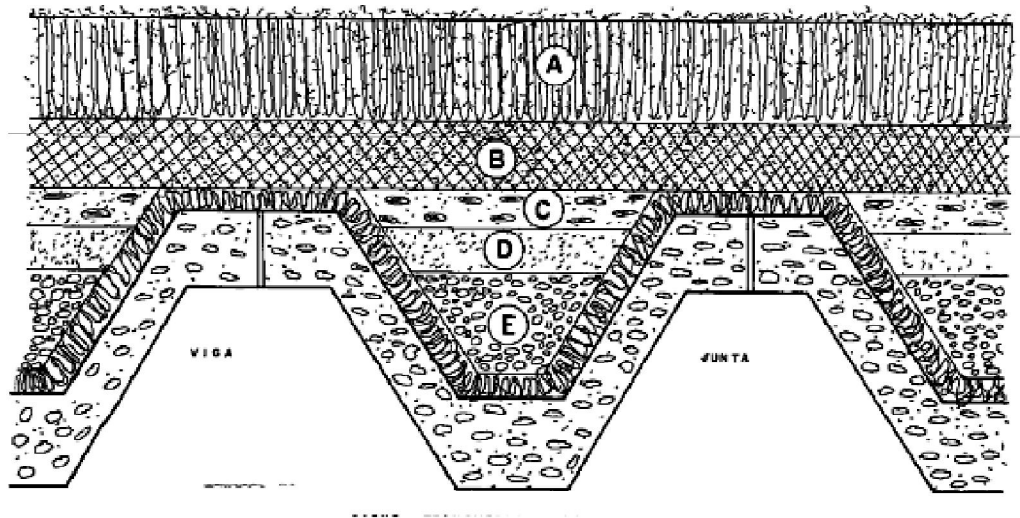


Figura 4 - Drenagem dos jardins do ICC.

Onde:

- A- Terra Adubada;
- B- Terra do Cerrado;
- C- Terra Arenosa e Brita de Calcário;
- D- Areia Grossa;
- E- Seixo Rolado.

A drenagem encontrada atualmente é semelhante ao sistema proposto originalmente. A foto a seguir mostra a laje dos jardins na Ala Centro.



Figura 5 - Laje do jardim.

O sistema de drenagem dos jardins foi implantado no início da década de 70 e sua manutenção só é realizada quando surgem infiltrações no subsolo do prédio. As fotos foram tiradas no dia 18 de junho de 2011 e mostram um trecho da Ala Centro onde o jardim foi removido para a realização dos devidos reparos.

Em outro trecho, na Ala Norte, houve a remoção dos acessos à parte elevada dos jardins, também por problemas de infiltração.



Figura 6 - Remoção do acesso à parte elevada dos jardins.

5.5.2. Caminhos e Acessos

Os caminhos e acessos dos jardins encontram-se em bom estado de conservação. Nota-se, contudo, empecilhos à acessibilidade de cadeirantes à parte elevada dos jardins, pois não há rampas para viabilizar o acesso à área gramada.



Figura 7 - Acesso à área elevada dos jardins.

5.5.3. Bancos

Nos jardins do ICC há bancos feitos de cimento e bancos feitos de madeira. Observaram-se muitos bancos de cimento depredados por uso indevido, necessitando substituí-los. Há também bancos de madeira que necessitam serem trocados por depreciação e principalmente pelo tempo de uso da madeira.



Figura 8 - Bancos de cimento utilizados inadequadamente.



Figura 9 - Banco de madeira depredado

5.5.4. Iluminação

Não há iluminação artificial nos jardins do ICC. Durante o dia os jardins podem ser observados devido à luz natural. Durante a noite pouco pode ser observado, pois a iluminação dos prédios não é suficiente para iluminar os jardins, o que limita sua utilização.



Figura 10 - Visibilidade do Jardim Central da Ala Norte de dia.



Figura 11 - Visibilidade do Jardim Central da Ala Norte de noite.

5.6. LEVANTAMENTO DA PERCEPÇÃO E DA IMPORTÂNCIA DOS JARDINS

Os questionários foram aplicados durante seis dias da semana (segunda a sábado), entre os dias 2 de junho de 2011 e 16 de junho de 2011, nos três turnos – manhã, tarde e noite. Entrevistou-se 50 estudantes, 20 professores e 20 funcionários/colaboradores. Os entrevistados encontravam-se no ICC no momento da aplicação do questionário. Todos os professores que participaram da pesquisa são de departamentos localizados no ICC.

O questionário, composto por sete questões, permitia a marcação de apenas uma alternativa nas questões 1, 2, 3 e 4. Nas questões 5, 6 e 7 o entrevistado podia escolher uma ou mais opções. No final do questionário havia um espaço destinado a sugestões, de preenchimento facultativo. A seguir os resultados obtidos em cada questão, divididos de acordo com o vínculo entre o entrevistado e a instituição.

5.6.1. Estudantes

Questão 1: Qual nota você daria para a Limpeza dos Jardins do ICC?

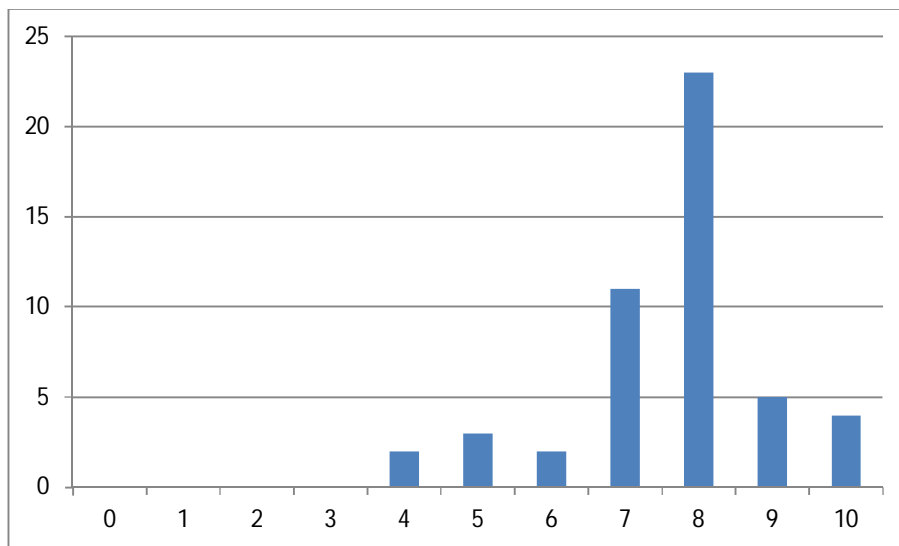


Figura 12 – Gráfico de avaliação da limpeza dos jardins.

O gráfico acima mostra que 86% dos estudantes entrevistados atribuíram notas de 7 a 9 quando perguntados sobre a limpeza dos Jardins do ICC.

Questão 2: Qual nota você daria para a Conservação dos Jardins do ICC?

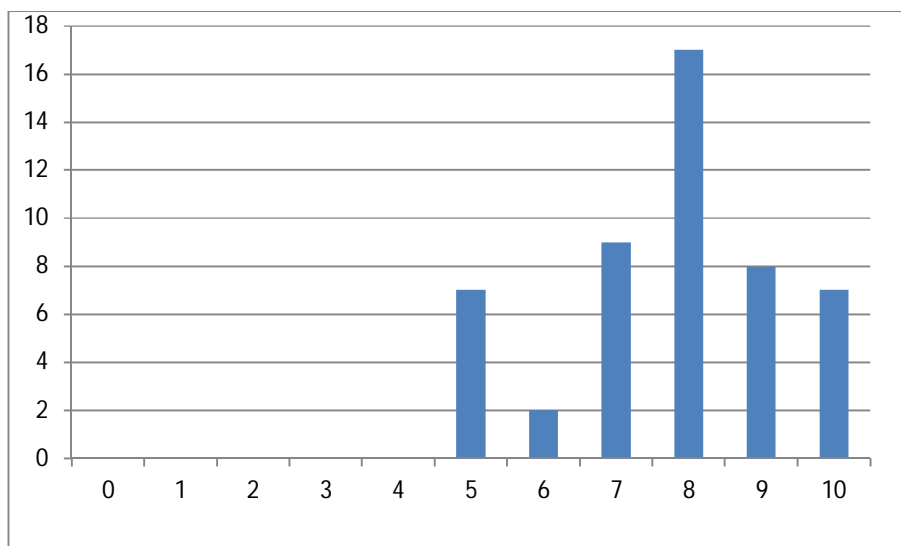


Figura 13 - Gráfico de avaliação da conservação dos jardins.

O gráfico mostra que 68% dos estudantes entrevistados atribuíram notas de 7 a 9 para a conservação dos jardins do ICC.

Questão 3: Qual nota você daria para a Iluminação dos Jardins do ICC?

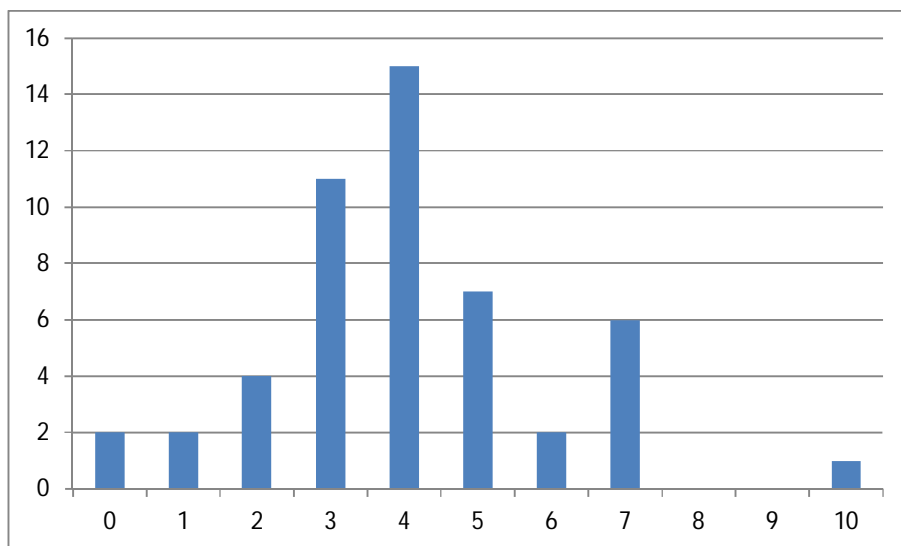


Figura 14 - Gráfico de avaliação da iluminação dos jardins.

O gráfico mostra que 66% dos estudantes avaliaram a iluminação dos jardins do ICC com notas de 3 a 5, sendo este o critério que obteve notas mais baixas na avaliação dos estudantes.

Questão 4: Do ponto de vista estético, que nota você atribuiria à Beleza do paisagismo do ICC?

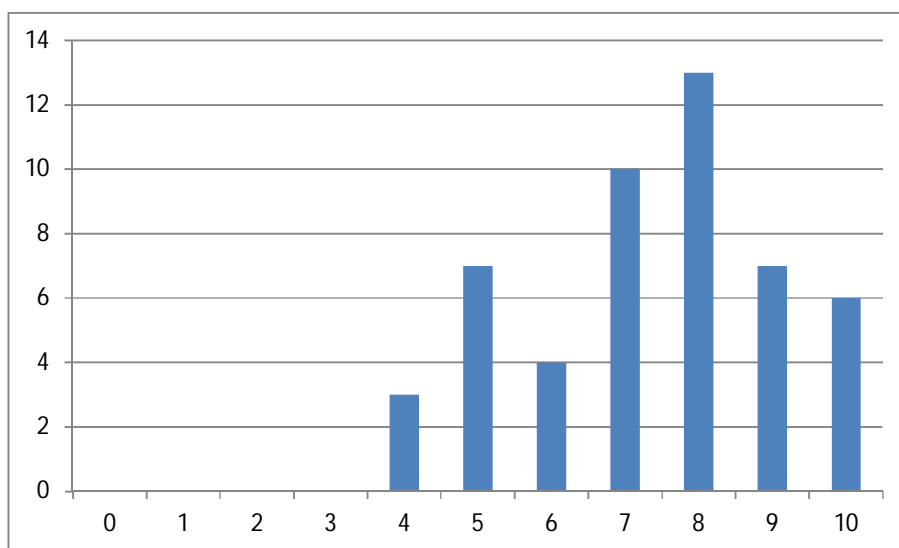


Figura 15 - Gráfico de avaliação da beleza dos jardins.

Quando questionados sobre a beleza dos jardins do ICC, 60% dos estudantes avaliaram este critério com notas de 7 a 9.

Questão 5: Como você utiliza os Jardins do ICC?

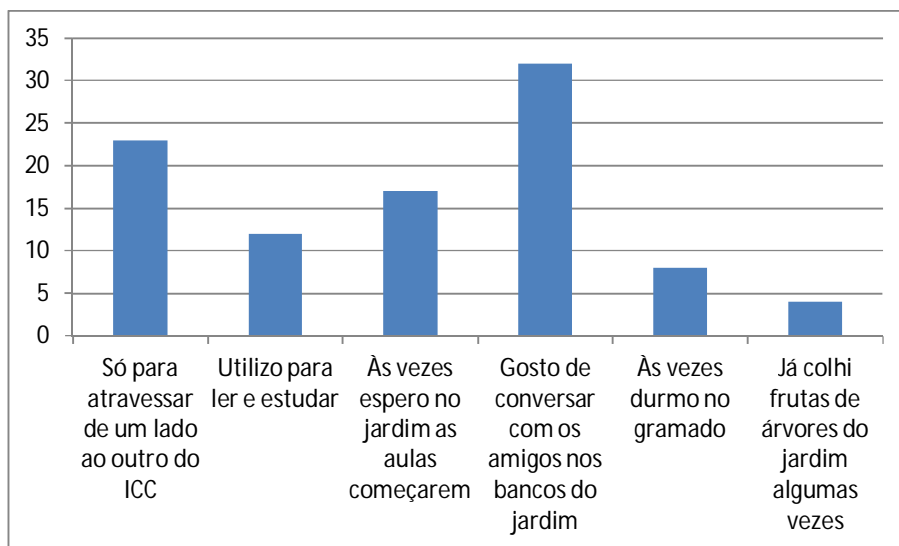


Figura 16 - Gráfico de avaliação da utilização dos jardins.

Esta questão permitia a marcação de mais de uma alternativa. 46% dos estudantes disseram que utilizam os jardins para atravessar de um lado a outro do ICC; 24% utilizam os jardins para ler e estudar; 34% esperam no jardim as aulas começarem; 64% gostam de conversar com os amigos nos bancos do jardim; 16% às vezes dormem nos jardins; 8% já

colheram frutas no jardim algumas vezes. Apenas estudantes, entre os grupos entrevistados, disseram utilizar os jardins para ler e estudar e para esperar as aulas começarem.

Questão 6: Quanto tempo, em média, você passa nos Jardins do ICC?

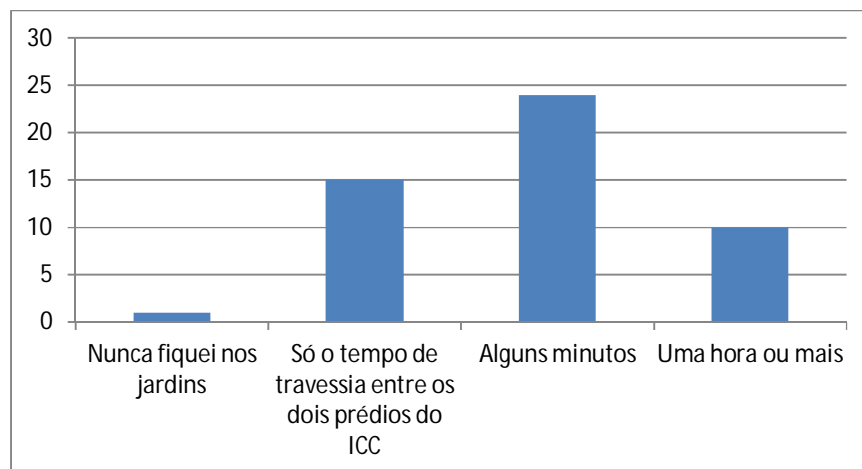


Figura 17 - Gráfico de avaliação do tempo de permanência nos jardins.

Sobre o tempo de permanência nos jardins, também era permitido marcar uma ou mais opções. 2% dos estudantes disseram que nunca ficaram nos jardins; 30% passam o tempo suficiente para a travessia entre os dois prédios do instituto; 48% permaneceram no jardim por alguns minutos; 20% já passaram uma hora ou mais. Dentre os grupos entrevistados, os estudantes são os frequentadores que permanecem nos jardins por mais tempo.

Questão 7: Para você, qual a importância dos Jardins do ICC?

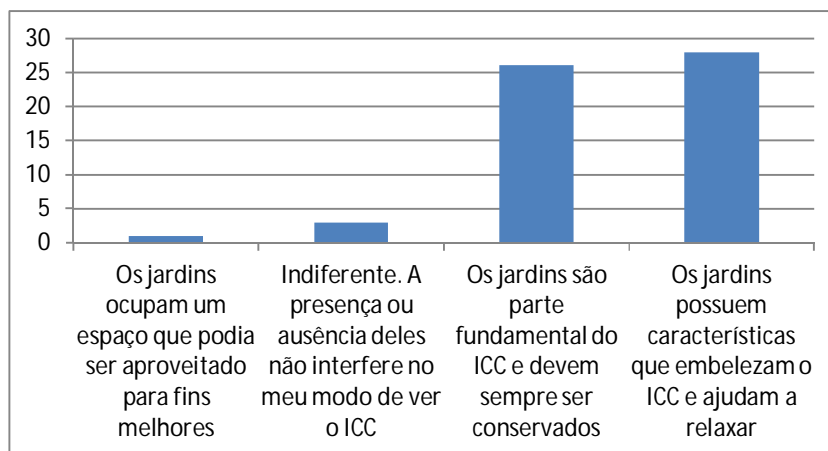


Figura 18 - Gráfico de avaliação da importância dos jardins.

Na última questão, que aborda a importância dos jardins do ICC, também era permitida a marcação de uma ou mais alternativas. 2% dos estudantes disseram que os jardins ocupam um espaço que podia ser aproveitado para fins melhores; 6% mostram-se indiferentes: a presença ou ausência dos jardins não interfere no modo de verem o ICC; 52% consideram que os jardins são parte fundamental do ICC e devem sempre ser conservados. 56% disseram que “os jardins possuem características que embelezam o ICC e ajudam a relaxar”.

5.6.2. Funcionários

Questão 1: Qual nota você daria para a Limpeza dos Jardins do ICC?

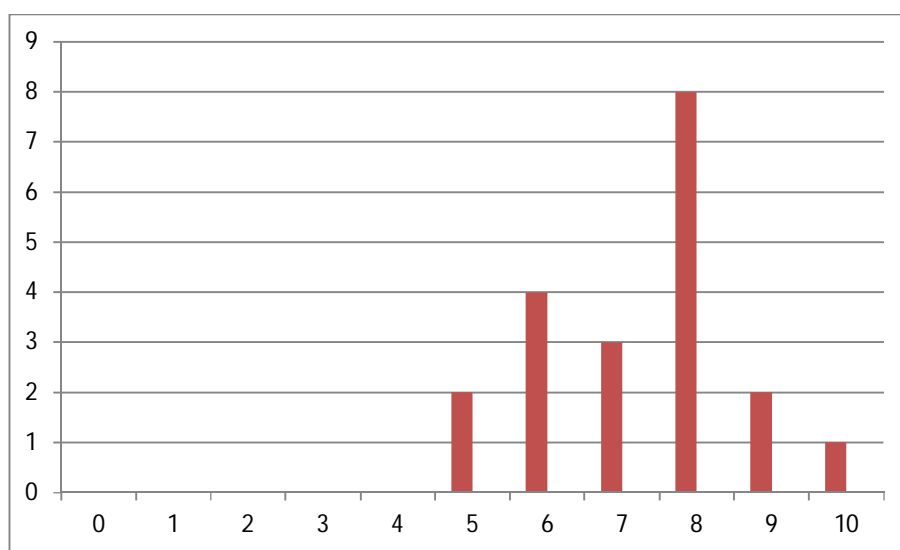


Figura 19 - Gráfico de avaliação da limpeza dos jardins.

Assim como os estudantes, 70% dos funcionários entrevistados avaliaram a limpeza dos jardins do ICC com notas de 7 a 9.

Questão 2: Qual nota você daria para a Conservação dos Jardins do ICC?

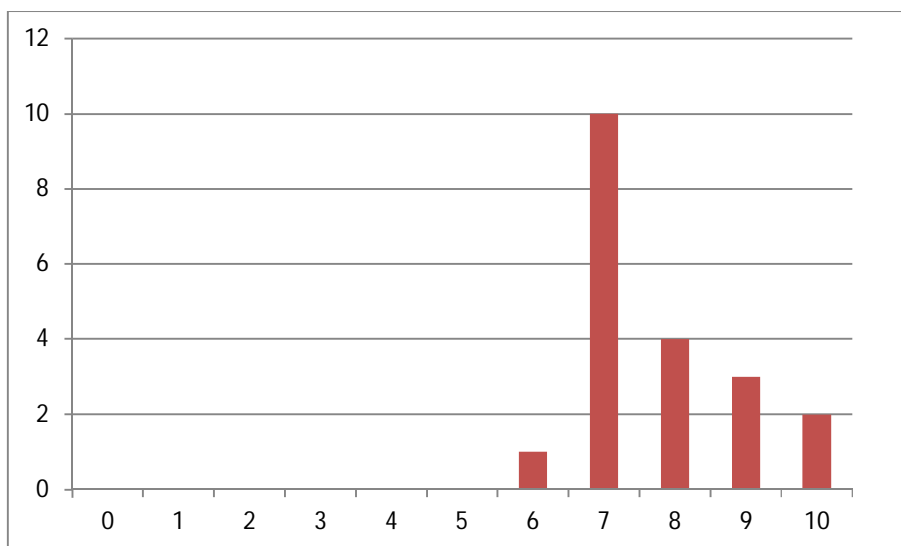


Figura 20 - Gráfico de avaliação da conservação dos jardins.

O gráfico acima mostra que 85% dos funcionários entrevistados atribuíram notas de 7 a 9 para a conservação dos jardins.

Questão 3: Qual nota você daria para a Iluminação dos Jardins do ICC?

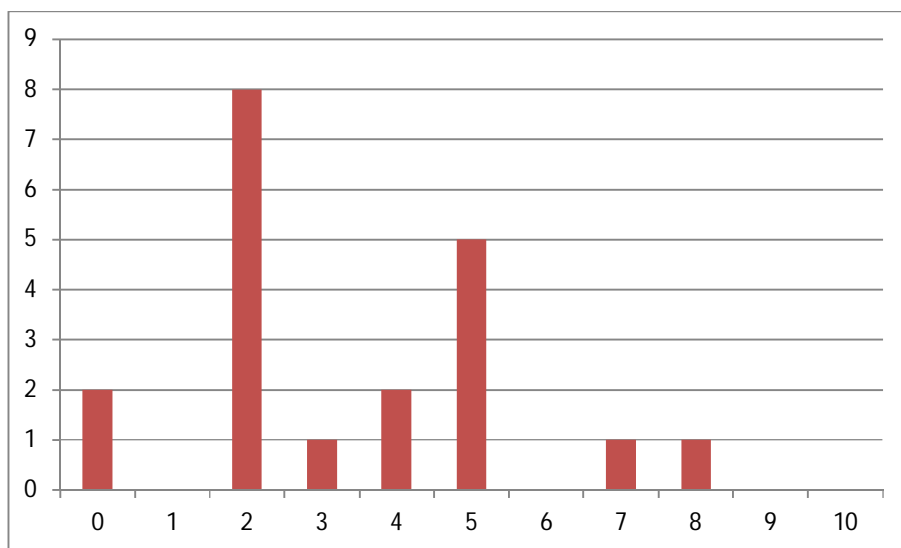


Figura 21 - Gráfico de avaliação da iluminação dos jardins.

Este foi o critério que recebeu as notas mais baixas em todos os grupos entrevistados. Além disso, os funcionários atribuíram as menores notas neste para este critério: 55% avaliaram a iluminação dos jardins com notas de 2 a 4.

Questão 4: Do ponto de vista estético, que nota você atribuiria à Beleza do paisagismo do ICC?

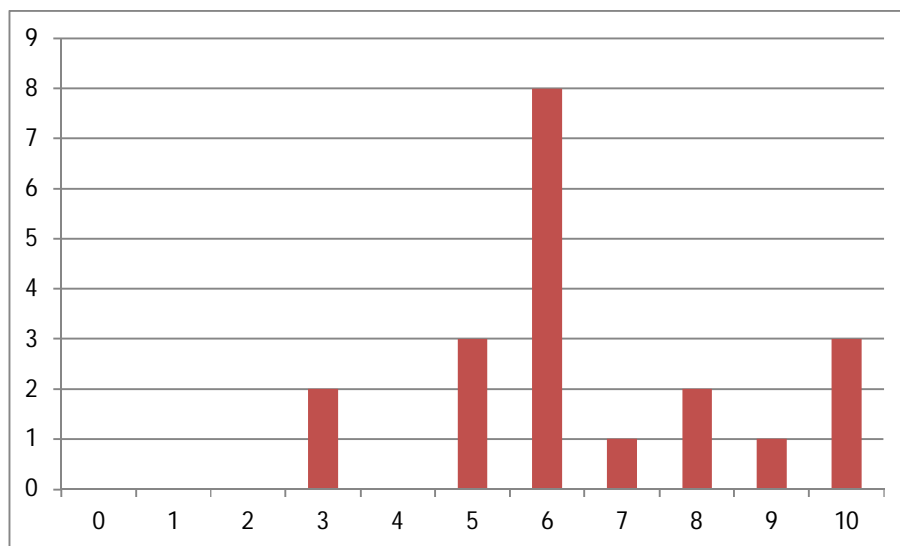


Figura 22 - Gráfico de avaliação da beleza dos jardins.

Quando perguntados sobre a beleza dos jardins, 70% dos funcionários atribuiu notas de 5 a 7, sendo este o grupo que avaliou a estética dos jardins com notas médias mais baixas.

Questão 5: Como você utiliza os Jardins do ICC?

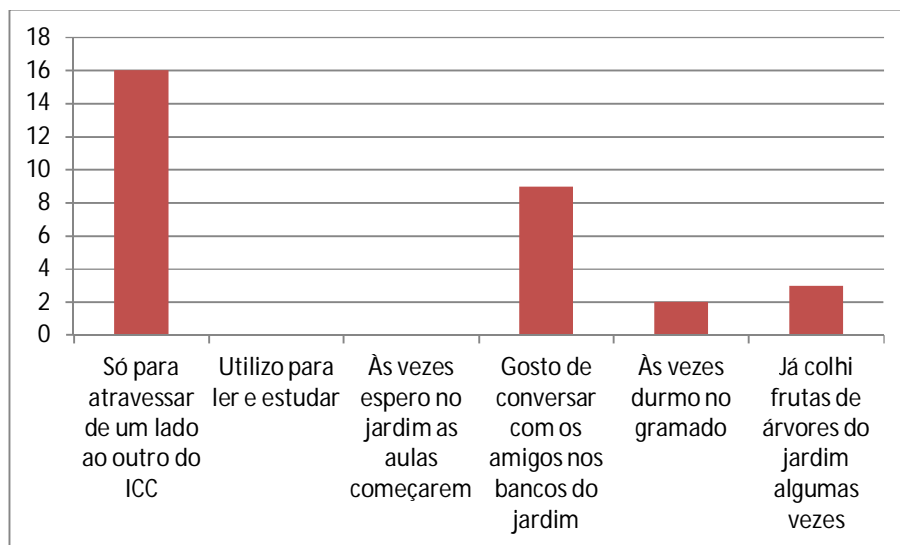


Figura 23 - Gráfico de avaliação da utilização dos jardins.

Sobre a utilização dos jardins, questão que permitia a marcação de uma ou mais alternativas, 80% dos funcionários disse utilizá-los para atravessar de um lado a outro do

ICC; 45% gostam de conversar com amigos nos bancos; 10% dormem nos gramados; 15% já colheram frutas das árvores dos jardins.

Questão 6: Quanto tempo, em média, você passa nos Jardins do ICC?

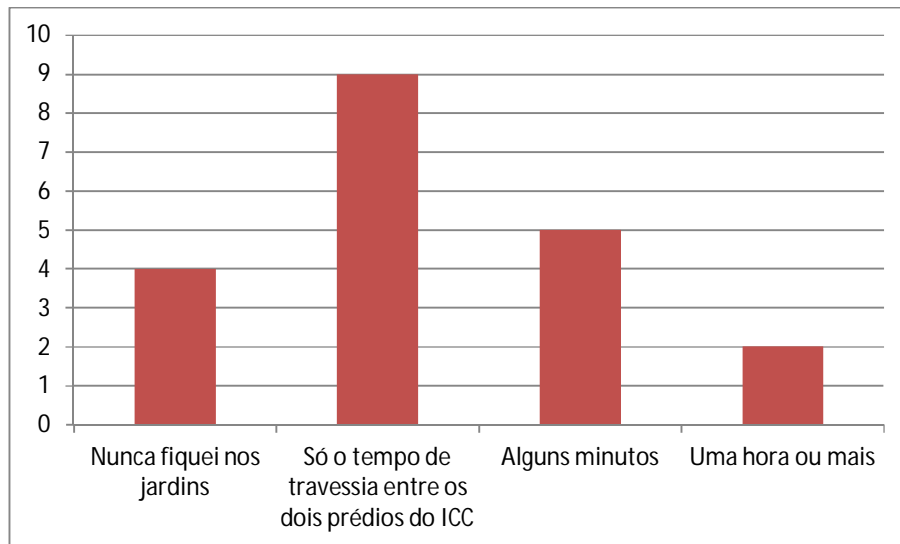


Figura 24 - Gráfico de avaliação do tempo de permanência nos jardins.

Questionados sobre o tempo de permanência nos jardins, os funcionários também podiam marcar uma ou mais opções. 20% disse nunca ter ficado nos jardins; 45% permaneceu apenas pelo tempo de travessia entre os prédios; 25% passa ou passou alguns minutos; 10% passou uma hora ou mais.

Questão 7: Para você, qual a importância dos Jardins do ICC?

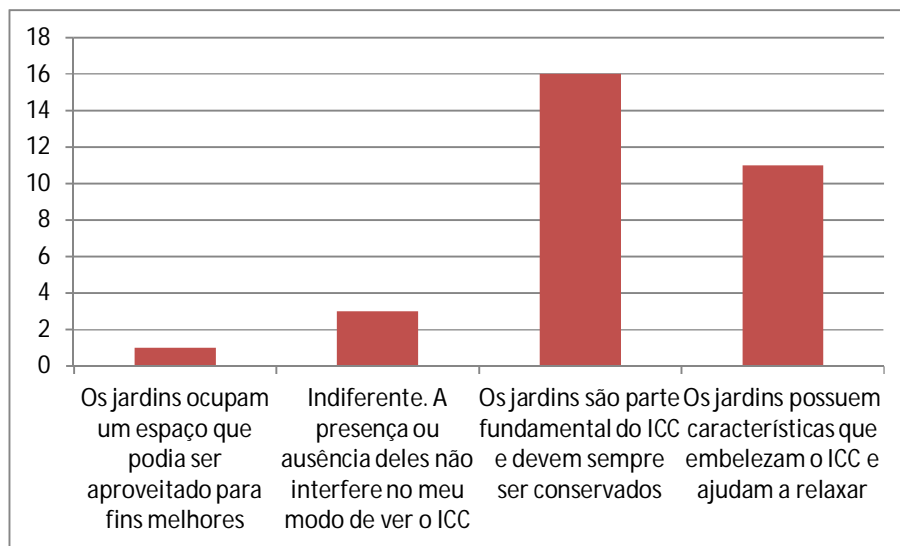


Figura 25 - Gráfico de avaliação da importância dos jardins.

Sobre a importância dos jardins 5% dos funcionários disse que estes ocupam um espaço que podia ser aproveitado para fins melhores; 15% mostram-se indiferentes: a presença ou ausência dos jardins não interfere no modo de verem o ICC; 80% consideram que os jardins são parte fundamental do ICC e devem sempre ser conservados. 55% disseram que “os jardins possuem características que embelezam o ICC e ajudam a relaxar”.

5.6.3. Professores

Questão 1: Qual nota você daria para a Limpeza dos Jardins do ICC?

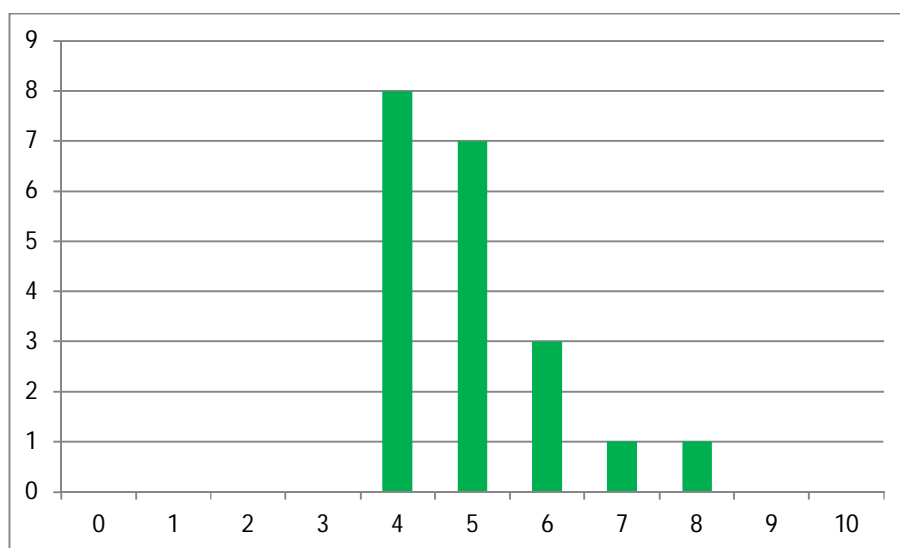


Figura 26 - Gráfico de avaliação da limpeza dos jardins.

O gráfico acima mostra que 90% dos professores entrevistados atribuíram notas de 4 a 6 quando perguntados sobre a limpeza dos Jardins do ICC, sendo este o grupo que atribuiu as notas mais baixas para este critério.

Questão 2: Qual nota você daria para a Conservação dos Jardins do ICC?

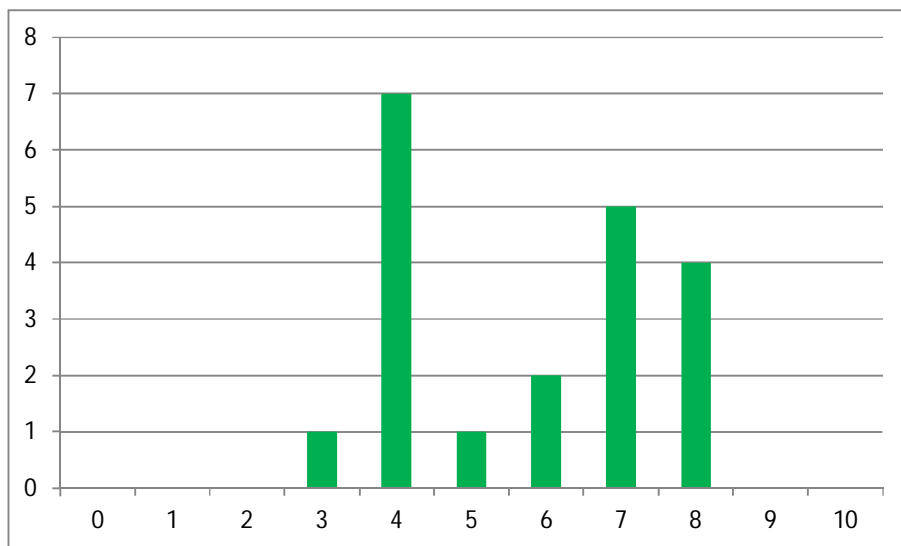


Figura 27 - Gráfico de avaliação da conservação dos jardins.

O gráfico mostra que 50% dos professores entrevistados atribuíram notas de 4 a 6 para a conservação dos jardins do ICC; 55% atribuíram notas de 6 a 8, sendo este grupo o que avaliou o quesito conservação com as notas mais baixas.

Questão 3: Qual nota você daria para a Iluminação dos Jardins do ICC?

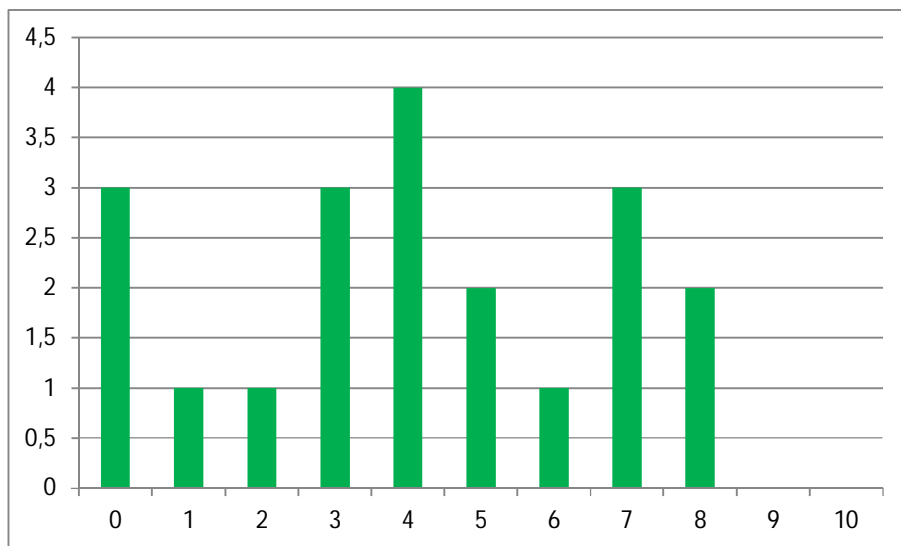


Figura 28 - Gráfico de avaliação da iluminação dos jardins.

O gráfico mostra que 45% dos professores avaliaram a iluminação dos jardins do ICC com notas de 3 a 5, sendo este o critério que obteve notas mais baixas na avaliação dos professores.

Questão 4: Do ponto de vista estético, que nota você atribuiria à Beleza do paisagismo do ICC?

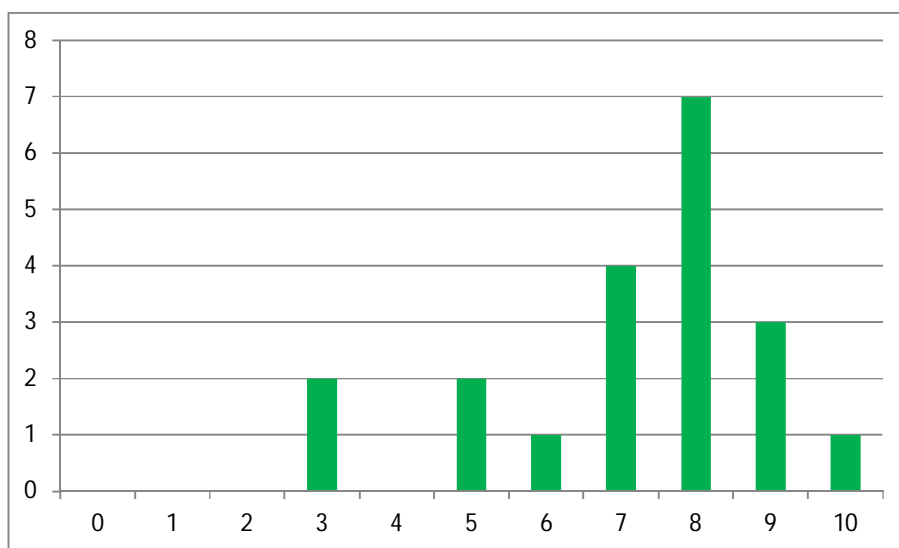


Figura 29 - Gráfico de avaliação da beleza dos jardins.

Quando perguntados sobre a beleza dos jardins do ICC, 70% dos professores atribuiu notas de 7 a 9 para este quesito.

Questão 5: Como você utiliza os Jardins do ICC?

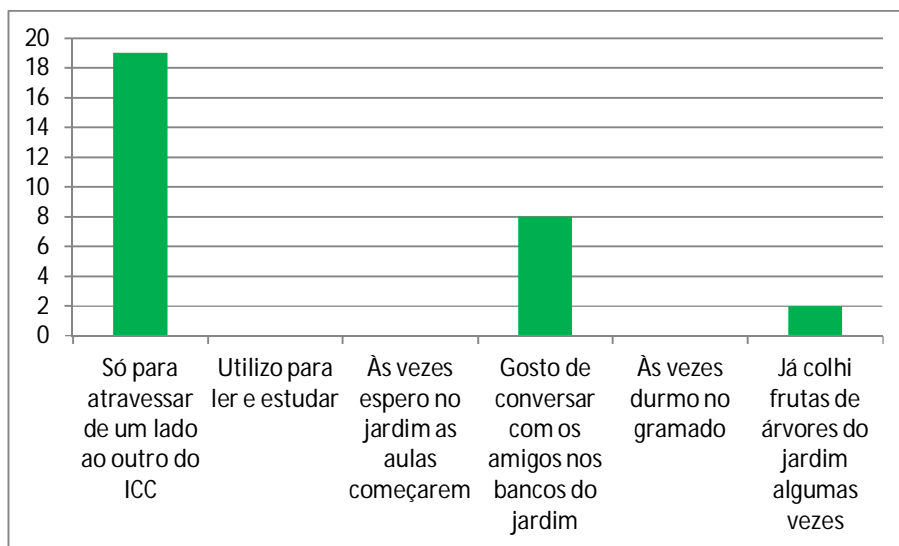


Figura 30 - Gráfico de avaliação da utilização dos jardins.

Esta questão permitia a marcação de mais de uma alternativa. 95% dos professores disseram que utilizam os jardins para atravessar de um lado a outro do ICC; 40% gostam de conversar com os amigos nos bancos do jardim; 10% já colheram frutas nos jardins. Este é, possivelmente, o grupo que menos interage com os jardins.

Questão 6: Quanto tempo, em média, você passa nos Jardins do ICC?

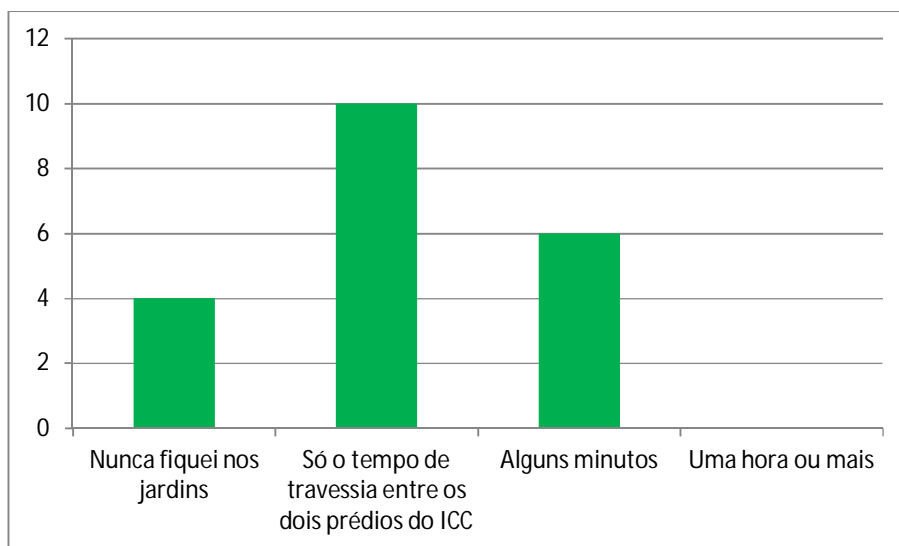


Figura 31 - Gráfico de avaliação do tempo de permanência nos jardins.

Questionados sobre o tempo de permanência nos jardins, os professores também podiam marcar uma ou mais opções. 20% disseram nunca ter ficado nos jardins; 50% permaneceram apenas pelo tempo de travessia entre os prédios; 30% passam ou passaram alguns minutos. Nenhum professor entrevistado permaneceu uma hora ou mais nos jardins. Acredita-se que este seja o grupo que menos tempo passe nos jardins.

Questão 7: Para você, qual a importância dos Jardins do ICC?

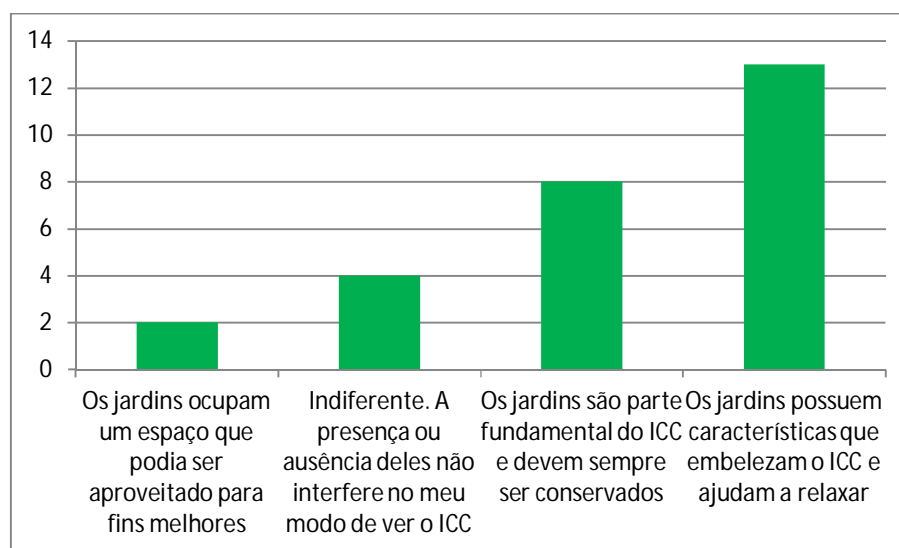


Figura 32 - Gráfico de avaliação da importância dos jardins.

Na última questão, que aborda a importância dos jardins do ICC, também era permitida a marcação de uma ou mais alternativas. 10% dos professores disseram que os

jardins ocupam um espaço que podia ser aproveitado para fins melhores; 20% mostram-se indiferentes: a presença ou ausência dos jardins não interfere no modo de verem o ICC; 40% consideram que os jardins são parte fundamental do ICC e devem sempre ser conservados. 65% disseram que “os jardins possuem características que embelezam o ICC e ajudam a relaxar”.

As sugestões a seguir, referentes aos jardins do ICC, foram apresentadas por alguns estudantes, funcionários/colaboradores e professores:

- “Mais praças ou bancos para que os alunos estejam em contato com a natureza.”;
- “Colocar mais bancos para as pessoas não terem que sentar em cima das plantas.”;
- “Melhorar a iluminação.”;
- “Melhorar a manutenção do jardim para evitar a dengue.”;
- “Com melhor iluminação e com mais bancos utilizaríamos mais os espaços e de forma mais lúdica!”;
- “Manter os jardins, mas acrescentar bancos, talvez mesas para os alunos e professores terem mais lazer na hora do almoço etc.”;
- “Melhorar a iluminação e cuidar mais do jardim.”;
- “Colocar mais flores”.

6. DISCUSSÃO

6.1. CONCEPÇÃO ESTÉTICA

A utilização de árvores nos jardins do ICC é realizada de maneira peculiar. Geralmente as espécies arbóreas são utilizadas em projetos paisagísticos para compor plano de teto. No caso dos jardins do ICC, a maioria das espécies arbóreas foi introduzida no subsolo e configuram plano vertical nos jardins do térreo.



Figura 33 - Espécies arbóreas (*Mangifera indica* e *Spondias purpurea*) compondo plano vertical.

Do ponto de vista estético, a espécie *Bougainvillea spectabilis* apresenta problemas de condução, pois se trata de uma espécie arbustiva /trepadeira que, no caso dos jardins do ICC, não está plenamente desenvolvida pela ausência do suporte necessário para este tipo de planta.



Figura 34 - Espécie *Bougainvillea spectabilis* mal conduzida.

De modo geral, ao considerar apenas a utilização de uma planta isoladamente, não se encontram problemas no uso de cada espécie nos jardins do ICC. Contudo, a composição paisagística dos jardins é majoritariamente elaborada pela junção de elementos vegetais e é na formação do conjunto paisagístico onde se encontram os maiores erros de projeto e de condução.

A transição entre espécies é um dos maiores problemas observados nos canteiros. Em alguns casos a transição é quase imperceptível, em outros, a transição entre plantas é extremamente grosseira.



Figura 35 - Transição quase imperceptível entre vegetações.

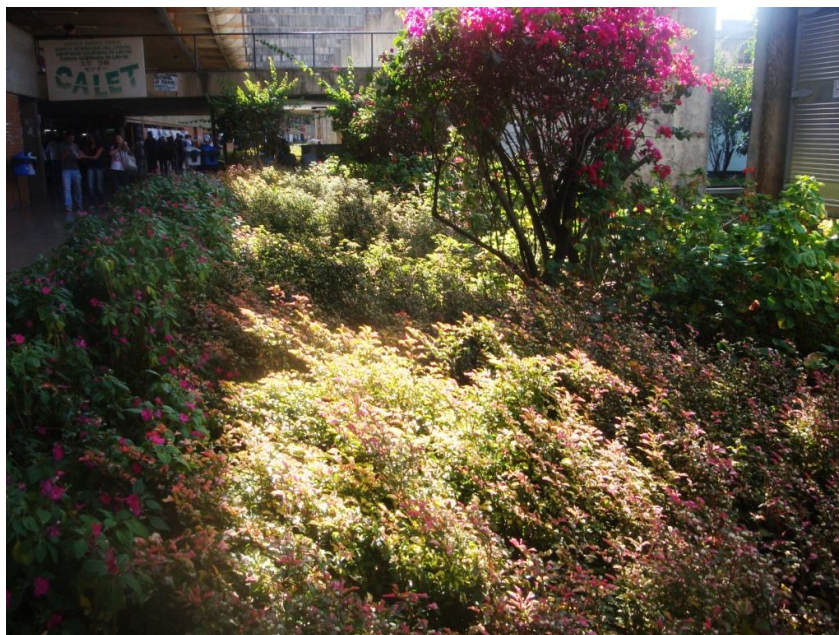


Figura 36 - Transição grosseira entre vegetações.

Acredita-se que a falta de um projeto paisagístico único para todo o jardim do ICC seja o principal motivo causador da heterogeneidade dos canteiros. Observa-se que a composição de alguns canteiros é elaborada a partir de princípios estéticos básicos de paisagismo. A maioria dos canteiros, porém, parece ser elaborada de maneira aleatória, de acordo com a disponibilidade de plantas.

No canteiro abaixo percebemos que alguns princípios de paisagismo são utilizados. Utilizam-se linhas, há uma composição harmônica de elementos com formas e

texturas diferentes. As plantas são arranjadas de maneira ritmada, a organização dos elementos obedece a uma sequência, criando-se contrastes equilibrados.



Figura 37 - Canteiro conduzido com princípios estéticos do paisagismo.

Já no canteiro abaixo, observa-se a utilização de elementos vegetais conduzidos sem princípios estéticos básicos. Nota-se a falta de ritmo e sequência na introdução das plantas, criando-se contrastes confusos. As plantas da mesma espécie possuem tamanhos diferentes e comprometem a uniformidade dos maciços. A falta de manutenção acarreta ainda na propagação inadequada das plantas pelo canteiro, aumentando a heterogeneidade deste.

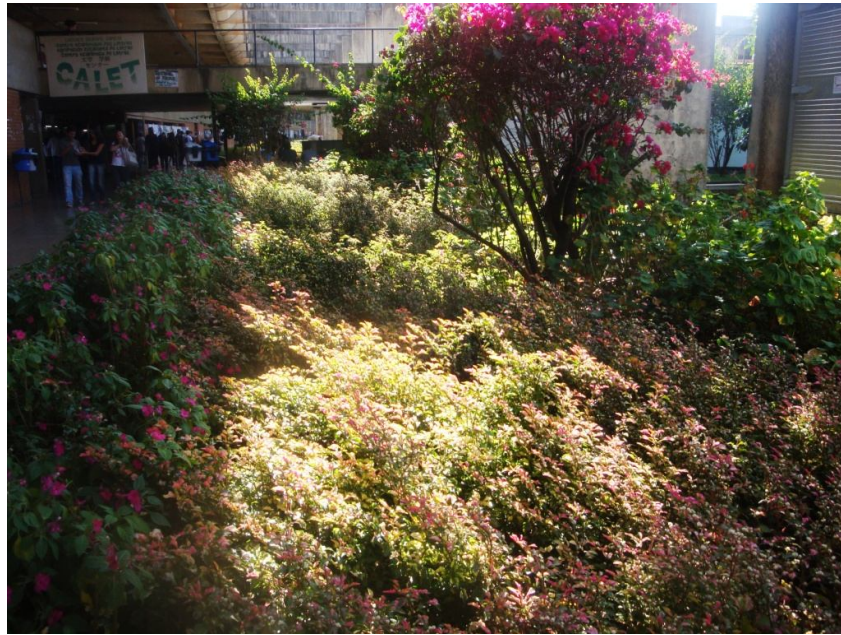


Figura 38 - canteiro sem princípios básicos.

A restauração dos canteiros, atividade fundamental para condução dos jardins e manutenção de sua beleza, é um ponto falho na condução do paisagismo no ICC. Nota-se que muitos canteiros precisam ser revitalizados, pois muitas plantas já morreram ou estão senescentes.



Figura 39 - Canteiro com vegetação senescente.

A restauração dos canteiros apresenta erros que comprometem a estética do jardim. A falta de um projeto paisagístico faz com que, na maioria das vezes, as plantas de um canteiro sejam substituídas por plantas de outras espécies. A restauração se torna, na verdade, a criação de um novo jardim.

Em processos de restauração de jardins costuma-se manter as plantas que estão em boas condições e substituir apenas os espécimes que não apresentam bom vigor. No caso dos canteiros do ICC é comum a permanência de espécies arbustivas de porte maior, muitas vezes sem considerar a vitalidade de tais plantas.

Na restauração de jardins é interessante a permanência de espécimes porque ocorre, geralmente, a substituição das demais plantas por plantas de mesma espécie. No caso do ICC, a permanência de plantas causa problemas, pois as espécies que são removidas são substituídas por espécies diferentes. As espécies remanescentes então, na maioria dos casos, destoam nos canteiros de maneira negativa, pois não apresentam harmonia com as novas espécies introduzidas.



Figura 40 - Efeito negativo da restauração dos jardins.

Observa-se no canteiro acima que a restauração foi realizada recentemente. Mantiveram-se espécies de *Agave attenuata* de crescimento inclinado, quase caídas no solo. Manteve-se também um arbusto mal conduzido de *Abutilon striatum* e um espécime de *Xanthosoma robustum*. As três espécies destoam no canteiro de maneira negativa.

Apesar de não haver um projeto paisagístico para o ICC, observa-se o empenho dos jardineiros para tornar os jardins belos. Entretanto, nota-se a descaracterização parcial

ou total de alguns canteiros. As mudanças na composição dos canteiros são efetuadas principalmente por estudantes.



Figura 41 - Canteiro totalmente descaracterizado.

Outro problema causado principalmente por estudantes é a deposição de lixo nos canteiros. Além de descaracterizar o paisagismo do ICC, a presença de lixo nos jardins atrai fauna indesejável como ratos e baratas.



Figura 42 - Lixo nos jardins.

6.2. CONCEPÇÃO AMBIENTAL

A concepção ambiental em projetos paisagísticos visa a utilização da ótica ecológica na composição de paisagens. A predominância de espécies exóticas no jardim do ICC mostra que o paisagismo do instituto é elaborado sem grandes preocupações com a ecologia e a educação ambiental. Segundo Heiden et. al., 2006, plantas ornamentais exóticas são praticamente compulsórias devido à reduzida oferta de espécies ornamentais nativas.

Além disso, 10% do total de espécies catalogadas no ICC são consideradas invasoras no Brasil. Do total de espécies ornamentais introduzidas em outros ambientes, em todo o mundo, quase a metade com o tempo tornou-se invasora (Ziller, 2000).

A utilização de espécies do cerrado no jardim do ICC foi quase nula, pois apenas 3 espécies catalogadas (3,5%) ocorrem naturalmente no bioma. A baixa representatividade de espécies do cerrado no paisagismo do ICC contrasta com a utilização destas na arborização do campus Darcy Ribeiro, onde Kurihara *et al.*, 2005, mostraram que 24% das espécies utilizadas são originárias do bioma Cerrado.

Castro et. al, 2010, apontam que, considerando a grande biodiversidade presente nos vários domínios do Brasil e o papel das universidades como espaço gerador e difusor de conhecimento, seria desejável e recomendável que o ajardinamento e a arborização dos *campi* universitários fossem implementados com espécies autóctones a fim de produzir um paisagismo afinado com os princípios da conservação biológica e da educação ambiental.

6.3. CONCEPÇÃO SOCIAL

A importância dos jardins pode ser comprovada pela análise dos resultados dos questionários, onde 55% dos entrevistados disseram que os jardins são parte fundamental do ICC e devem sempre ser conservados. Do total de 90 entrevistados 52 responderam que os jardins possuem características que embelezam o ICC e ajudam a relaxar.

A avaliação dos resultados obtidos nos questionários permite observar que há interação entre os frequentadores e os jardins do ICC. Do total de 90 entrevistados, apenas 9 (10%) disseram nunca ter permanecido nos jardins. O tamanho amostral utilizado não foi suficiente para identificar possíveis diferenças na intensidade de interação de acordo com o vínculo à UnB. Para avaliar se há diferenças na interação e na percepção da importância de

estudantes, funcionários e professores com os jardins é necessário ampliar a população amostral.

A interação homem-jardim varia de acordo com o tempo de permanência e o modo de utilização dos jardins. Os questionários foram aplicados para estimar a utilização dos jardins quantitativamente e levava em consideração apenas interações positivas como conversar, descansar e estudar nos jardins.

Os resultados dos levantamentos florístico e fotográfico permitem uma análise qualitativa da interação homem-jardim. De acordo com o uso dos jardins classificou-se as interações identificadas em positivas ou negativas.

Observou-se no subsolo do ICC, onde não era previsto a existência de jardins de acordo com o projeto da década de 70, a interação de alguns professores e estudantes com os jardins. Em um dos canteiros foi implantado um experimento do Núcleo de Experimentação Sócio-Cultural em Agricultura Urbana (NESCAU).

Em outro foi implantada uma horta pelos professores com o objetivo de cultivar algumas hortaliças. Não foram encontrados documentos que indicassem a existência de projetos de paisagismo para o subsolo do ICC, portanto, a implantação do experimento e da horta não pode ser classificada como descaracterização da concepção paisagística e é considerada uma forma positiva de interação com os jardins.



Figura 43 - Núcleo de Experimentação Sócio-Cultural em Agricultura Urbana- NESCAU.



Figura 44 - Horta no canteiro do subsolo.

Já no canteiro C8A, a interação entre estudantes e o jardim é considerada negativa, pois se observa a total descaracterização da composição elaborada pelos jardineiros. As espécies que compunham a ornamentação do canteiro foram removidas para a introdução de espécies que não são utilizadas no paisagismo do ICC. Além disso, foram colocados bancos e há circulação de estudantes no canteiro.



Figura 45 - Interação negativa no canteiro C8A.

6.4. COMPARAÇÃO ENTRE O PROJETO DA DÉCADA DE 70 E A COMPOSIÇÃO DOS JARDINS NA ATUALIDADE

O resgate do primeiro projeto paisagístico do ICC permite observar que a composição atual dos jardins é completamente diferente do que foi proposto inicialmente. O projeto original previa a utilização de 5 espécies para compor o paisagismo de todo o ICC. São elas: *Bougainvillea glabra*; *Cortadeira selloana*; *Cynodon dactylon*; *Nephrolepis sp.*; *Ophiopogon japonicus*. Das espécies propostas no projeto de 70 apenas *Bougainvillea glabra* e *Nephrolepis sp* encontram-se no ICC atualmente.

Ao comparar o projeto da década de 70 com os jardins atuais encontram-se vantagens e desvantagens. Dentre as vantagens da concepção atual há a diversificação no número de espécies utilizadas. Hoje os jardins são compostos por 89 espécies e apresentam maior diversidade ecológica. No projeto inicial não havia a intenção de utilizar árvores nos jardins. Atualmente encontram-se no ICC 12 espécies arbóreas, sendo 7 delas frutíferas.

De acordo com Biondi e Kischlat (2006), quanto maior o número de espécies presentes, maior será a capacidade de resistir às variações e de absorver impactos negativos, como a poluição e as adversidades climáticas, e menores serão as possibilidades do surgimento de pragas e doenças.

A diversidade de cores, texturas, tamanhos e formas tornam os jardins menos monótonos do que seriam se houvessem apenas 5 espécies em todo o ICC. Carvalho et. al. 2006, apontam como resultado qualitativo de seu trabalho que a vegetação ajuda em vários aspectos na vida acadêmica dos alunos. Ela diminui a dificuldade das longas caminhadas que a geografia do campus exige, torna o ambiente mais interessante e até mesmo aumenta a motivação.

A desvantagem da concepção atual dos jardins em relação ao projeto de 70 é a falta de um projeto paisagístico que norteie a condução do paisagismo no ICC e confira a coerência mínima entre os diversos canteiros do jardim do instituto.

7. CONCLUSÃO

Atualmente os jardins do ICC estão completamente diferentes do projeto paisagístico da década de 70 e não são coerentes com a concepção modernista do Instituto Central de Ciências projetado por Oscar Niemeyer.

Sobre a Infraestrutura, basicamente os jardins necessitam de melhorias como a criação de rampas de acesso as áreas elevadas, a reposição de bancos depredados e principalmente da instalação de um sistema de iluminação para que o paisagismo do instituto seja contemplado a noite. Mas deve-se considerar a hipótese sobre a necessidade de se refazer toda estrutura de drenagem o que geraria alto impacto e custo.

Para a manutenção dos jardins é importante que os funcionários sejam capacitados, que possuam conhecimentos básicos de paisagismo e condução de jardins. A conscientização dos estudantes e demais frequentadores sobre a importância de manter a limpeza e conservação dos jardins é fundamental para que os jardins sejam preservados.

O maior problema na concepção dos jardins atualmente é a falta de um projeto paisagístico que considere o estilo arquitetônico do ICC, que sincronize a escolha de espécies com as condições climáticas e pedológicas, priorizando a utilização de plantas nativas do Brasil e do Cerrado e que atenda aos anseios dos frequentadores do instituto por espaços de lazer, relaxamento, integração e estudo.

Recomenda-se a elaboração de um projeto paisagístico de maneira participativa, onde a opinião dos diversos membros da UnB possa ser considerada e que, além da função estética, apresente funcionalidade social, ambiental e ecológica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBUD, Benedito. **Criando paisagens: guia de trabalho em arquitetura paisagística**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

BARBOSA, Antônio Carlos da Silva. **Paisagismo, jardinagem & plantas ornamentais**. São Paulo: Iglu, 2000.

BERTRAND, G. **Paisagem e geografia física global: Esboço metodológico**. Tradução de O. Cruz. São Paulo: IG-USP, v. 13, p. 27, 1972. (Série Caderno de Ciências da Terra).

BIONDI, D.; KISCHLAT, E. **A vegetação urbana e a biodiversidade**. *Diálogo*, n. 1, p.155-168, 2006.

BIONDI, D.; LEAL, L.; SCHAFFER, M. **Aspectos importantes das plantas ornamentais em escolas públicas estaduais da cidade de Curitiba, PR**. *Revista Brasileira de Ciências Agrárias*. v.3, n.3, p.267-275, jul.-set., 2008

CARVALHO, H. M.; CHAVES, I. R.; SOUZA, W. R. **A Influência da Presença de Vegetação na Escolha por Ambientes no Campus Universitário Darcy Ribeiro**. Série: Textos de Alunos de Psicologia Ambiental, n 2, 5 p. 2006.

CAVALHEIRO, F.; DEL PICCHIA, P.C.D. **Áreas verdes: conceitos, objetivos e diretrizes para o planejamento**. In: Anais do 1º Congresso Brasileiro sobre Arborização Urbana e 4º Encontro Nacional sobre Arborização Urbana. Vitória – ES, p 29-38, 1992.

CASTRO, A. S. F.; MORO M. F.; ROCHA F. C. L. **Plantas dos espaços livres da Reitoria da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), Ceará, Brasil**. *Revista Brasileira de Biociências*, v.9, n.1, 4 p. 2011.

CESAR, Luiz Pedro de Melo. **Visões de Mundo e Modelos de Paisagismo: Ecossistemas urbanos e utilização de espaços livres em Brasília**, 255 p., 2003.

COMISSÃO DE FERTILIDADE DO SOLO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. **Recomendações para o uso de corretivos e fertilizantes em Minas Gerais**. 5. ed. Lavras, 1999. 359 p.

DELPHIM, C. F. M.. **Intervenções em Jardins Históricos: manual**. Brasília, IPHAN, 2005

DOURADO Guilherme Mazza, (1997a). **Prelúdio do Paisagismo moderno no Brasil em: Paisagem e ambiente: ensaios**, nº 14, p: 79-94. São Paulo: FAU /USP.

EISENLOHR, P. V. et al. **Espécies arbóreas empregadas na ornamentação do Campus-Sede da Universidade Federal de Viçosa**. Viçosa, Minas Gerais, Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ARBORIZAÇÃO URBANA, 10., 2006, Maringá **Anais...** Maringá: SBAU, 2006

FEDRIZZI, B. **Paisagismo no pátio escolar**. Porto Alegre: UFRGS, 1999. 60 p.

GREY, G.W.; DENEKE, F.J. **Urban forestry**. New York: John Wiley, 1978. 279 p.

HEIDEN, G.; Barbieri, R. L.; Stumpf, E. R. T. **Considerações sobre o uso de plantas ornamentais nativas**. Revista Brasileira de Horticultura Ornamental, v.12, n.1, p.2-7, 2006.

KURIHARA, D. L.; IMAÑA-ENCIMAS, J.; PAULA, J. E. Levantamento **da arborização do Campus da Universidade de Brasília**. Cerne, v. 11, n. 2, p. 127-136, 2005.

LORENZI, Harri. **Palmeiras no Brasil: exóticas e nativas**. Nova Odessa, SP. Editora Plantarum, 303 p. 1996.

LORENZI, Harri. **Plantas Ornamentais no Brasil: arbustivas, herbáceas e trepadeiras**. Nova Odessa, SP. 4. ed. Instituto Plantarum, 1088 p. 2008.

MACEDO, Sílvio Soares (2003). **O paisagismo moderno brasileiro – além de Burle Marx** em: Paisagem, revista eletrônica da área Paisagem e Ambiente, FAU/USP. Disponível em: <<http://www.usp.br/fau/deprojeto/gdpa/paisagens-artigos/burle1.pdf>> Acesso em 26 de abril 2011.

MAGNOLI, Miranda (1983). **Espaços livres e urbanização**: uma introdução a aspectos da paisagem metropolitana. Tese (Livre-docência). São Paulo: FAU/USP.

MARX, Roberto Burle. **Arte & paisagem: conferências escolhidas**. São Paulo: Nobel, 1987.

MCKINNEY, M. L. 2006. **Urbanization as a major cause of biotic homogenization**. *Biological Conservation*, 127(3): 247-260.

MENEGHETTI, G.I.P. **Estudo de dois métodos de amostragem para inventário da arborização de ruas dos bairros da orla marítima do município de Santos, SP**. 2003. 100 p. dissertação (Mestrado em Recursos Florestais) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2003.

NOBRE, F. R.; MENEZES, C. R. O Paisagismo das áreas de jardim do *Campus* Marco Zero do Equador da UNIFAP - diagnóstico preliminar das espécies existentes. In: LEAL, L.; MACEDO, J. H. P.; BIONDI, D. B. **Censo da Arborização do Campus III Centro Politécnico da Universidade Federal do Paraná**. *Scientia Agraria*, Curitiba, v.10, n.6, p.443-453, Nov./Dec. 2009.

Plano de Desenvolvimento Físico, UnB 1974. Disponível em <http://vsites.unb.br/ceplan/Plano/PlanoDiretorFisico_1974.pdf> Acesso em 17/01/2011.

Plano Diretor Físico do Campus Universitário Darcy Ribeiro, 1998. Disponível em <http://vsites.unb.br/ceplan/Plano/plano1998/PlanoDiretorFisico_1998_1.pdf> Acesso em 17/01/2011.

Plano de Setorização do Campus Universitário Darcy Ribeiro, UnB. Disponível em <<http://vsites.unb.br/ceplan/projetos/projeto1.htm>> Acesso em 17/01/2011.

Revista Acrópole – Edição especial da UnB, 1970. Disponível em <http://vsites.unb.br/ceplan/Plano/RevistaAcropole_1970.pdf> Acesso em 17/01/2011.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. 2ª Edição. São Paulo: Hucitec, 1997.

SCHAFFER, M. **Análise da qualidade ambiental dos terrenos das escolas estaduais do Município de Curitiba / PR.** 2005. 201 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Solo) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

SILVA, A.G. **Avaliação da arborização no perímetro urbano de Cajuri-MG, pelo método do quadro sintético.** 2000. 150 p. Dissertação (Mestrado em Ciência Florestal) – Universidade Federal de Viçosa, 2000.

TELES, Delayse Maria. **Tratamento paisagístico de espaços livres públicos de superquadras do Setor Sudoeste: o abandono da concepção modernista** – 168 p., 2005.

VIEIRA, P. B. H. **Uma visão geográfica das áreas verdes de Florianópolis, SC: estudo de caso do Parque Ecológico do Córrego Grande (PECG).** Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis - SC, 2004.

WINTERS, George Harold Miskimen. **Apostila do curso avançado de paisagismo.** Holambra, SP, 1992.

ZILLER, S.R. 2001. **Plantas exóticas invasoras: a ameaça da contaminação biológica.** Ciência Hoje v.30, n. 178, p. 77-79.

ANEXOS

Anexo A – Ficha de Catalogação

Nome Científico:		Nome Popular:	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família:	Origem:	Porte: () Árboreo () Arbustivo () Forração Forração: () Pisoteável () Não pisoteável	
Efeito significativo:			
Condições de cultivo:		Propagação:	
Aspectos atrativos:			
Cor da flor:	Época de floração:	Frutífera: () Sim () Não	
Cor da folha:	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica:			
Avaliação do Uso:			

Nome Científico:		Nome Popular:	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família:	Origem:	Porte: () Árboreo () Arbustivo () Forração Forração: () Pisoteável () Não pisoteável	
Efeito significativo:			
Condições de cultivo:		Propagação:	
Aspectos atrativos:			
Cor da flor:	Época de floração:	Frutífera: () Sim () Não	
Cor da folha:	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica:			
Avaliação do Uso:			

Anexo B – Questionário sobre o paisagismo do ICC

1. Qual nota você daria para a Limpeza dos jardins do ICC?

0() 1() 2() 3() 4() 5() 6() 7() 8() 9() 10()

2. Qual nota você daria para a Conservação dos jardins do ICC?

0() 1() 2() 3() 4() 5() 6() 7() 8() 9() 10()

3. Qual nota você daria para a Iluminação dos jardins do ICC?

0() 1() 2() 3() 4() 5() 6() 7() 8() 9() 10()

4. Do ponto de vista estético, que nota você atribuiria à Beleza do paisagismo do ICC?

0() 1() 2() 3() 4() 5() 6() 7() 8() 9() 10()

5. Como você utiliza os jardins do ICC?

- Só para atravessar de um lado ao outro do ICC;
- Utilizo para ler e estudar;
- Às vezes espero no jardim as aulas começarem;
- Gosto de conversar com os amigos nos bancos do jardim;
- Às vezes durmo no gramado;
- Já colhi frutas de árvores do jardim algumas vezes.

6. Quanto tempo em média você passa nos jardins do ICC?

- Nunca fiquei nos jardins;
- Só o tempo de travessia entre os dois prédios do ICC;
- Alguns minutos;
- Uma hora ou mais.

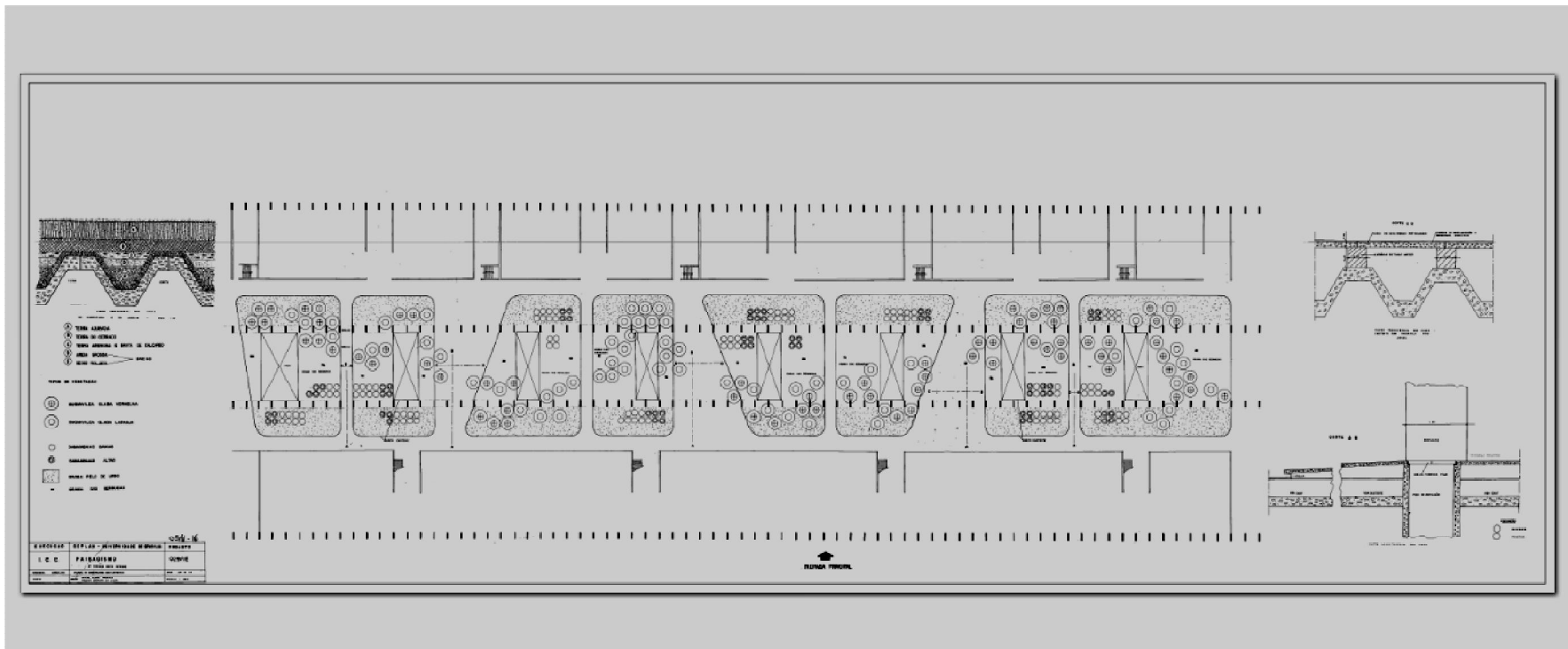
7. Para você, qual a importância dos jardins do ICC?

- Os jardins ocupam um espaço que podia ser aproveitado para fins melhores;
- Indiferente. A presença ou ausência deles não interfere no meu modo de ver o ICC;
- Os jardins são parte fundamental do ICC e devem sempre ser conservados;
- Os jardins possuem características que embelezam o ICC e ajudam a relaxar.

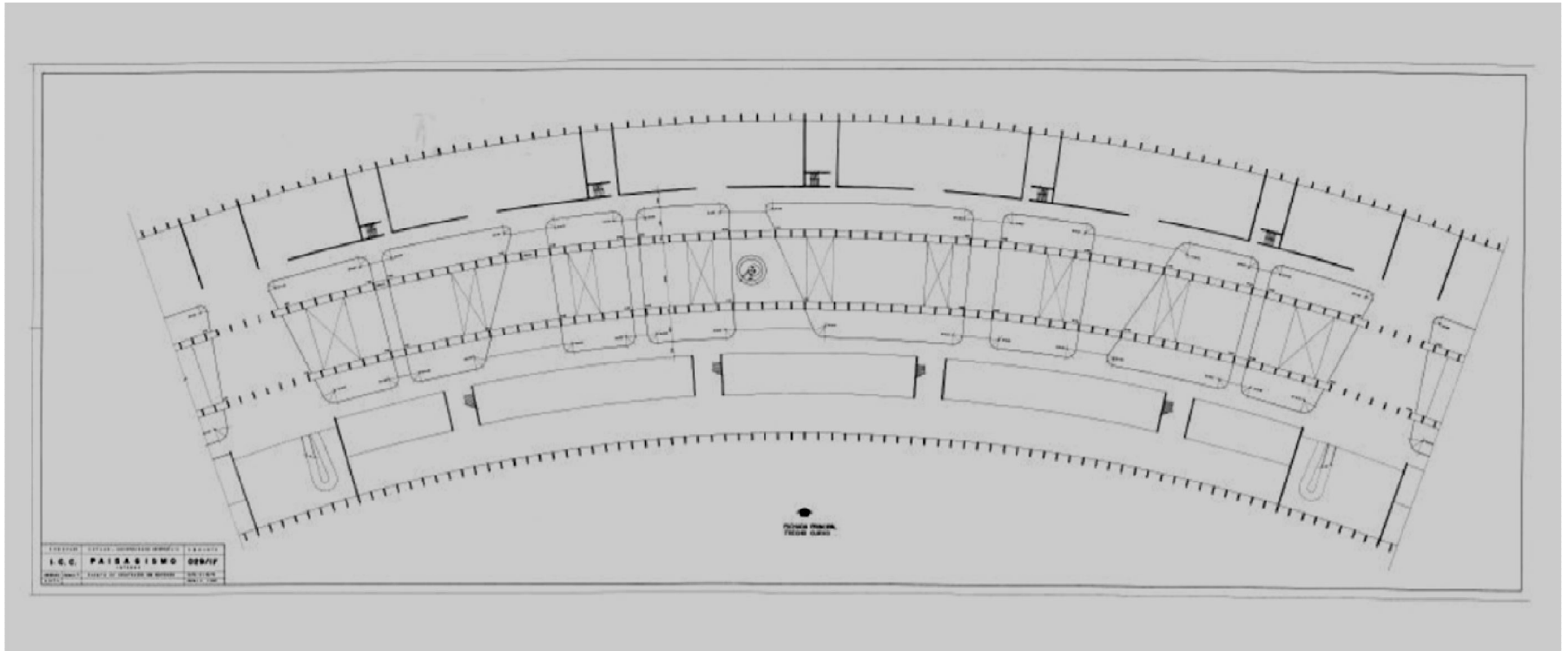
Sugestões:

Anexo C – Projeto Paisagístico de 1970

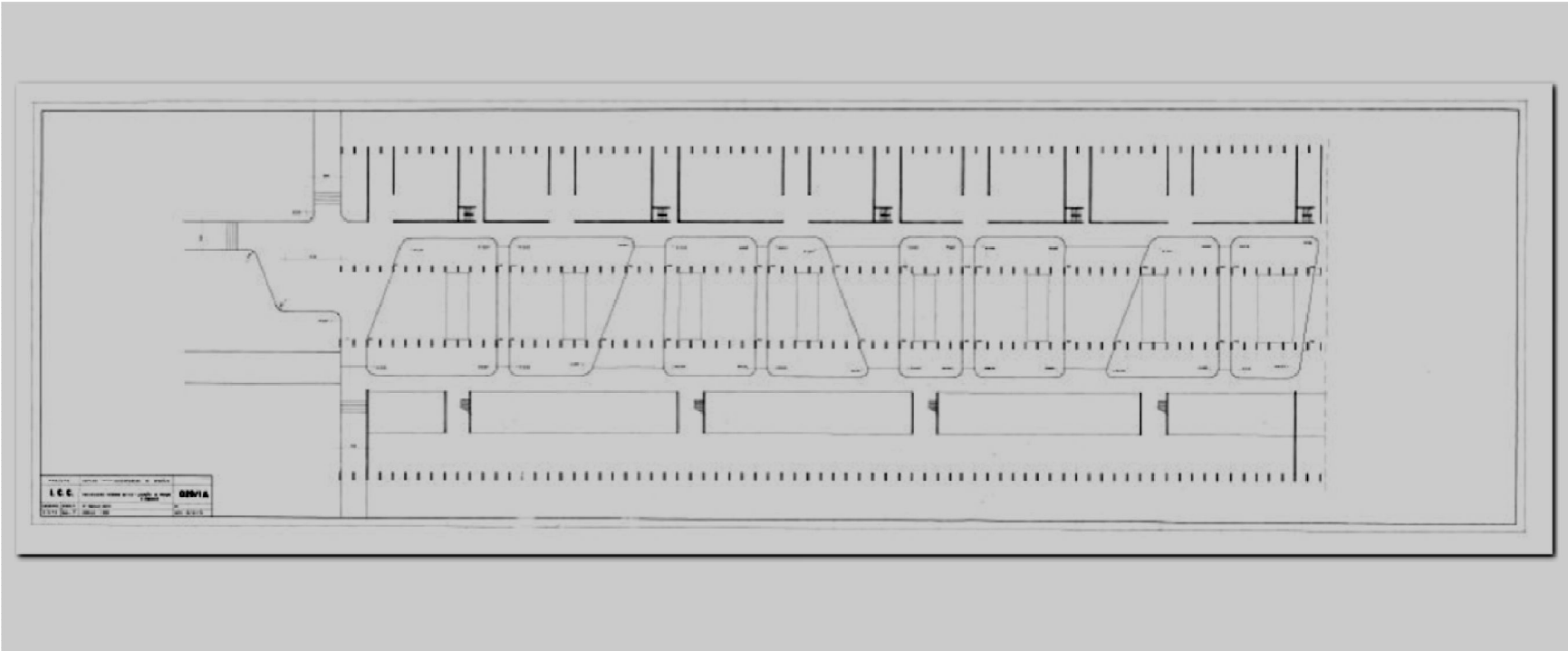
Anexo C (1): Projeto Paisagístico de 70 - 1º Trecho Reto (Ala sul)



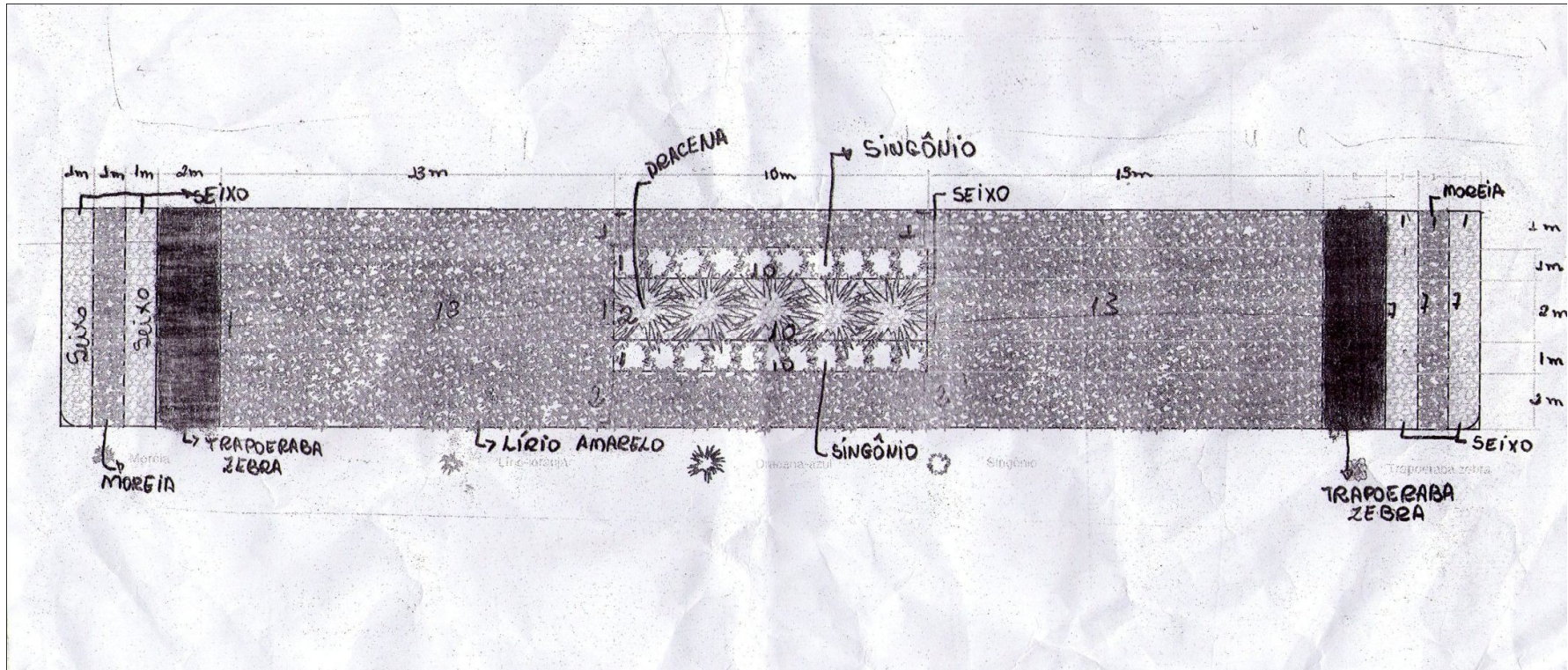
Anexo C (2): Projeto Paisagístico de 70 - Trecho Curvo (Ala Centro)



Anexo C (3): Projeto Paisagístico de 70 - 2º Trecho Reto (Ala Norte)



Anexo D – Projeto Paisagístico elaborado por Maria Aparecida Furtado de Resende



Anexo E - Levantamento Fotográfico

N1A



N2A



N3A



N4A



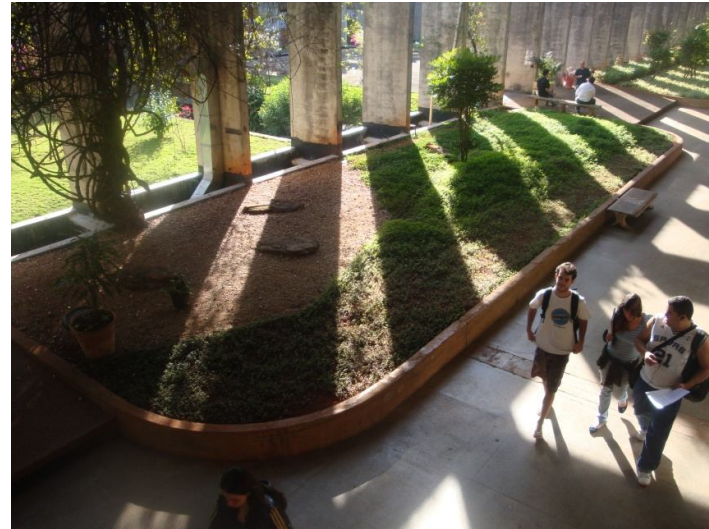
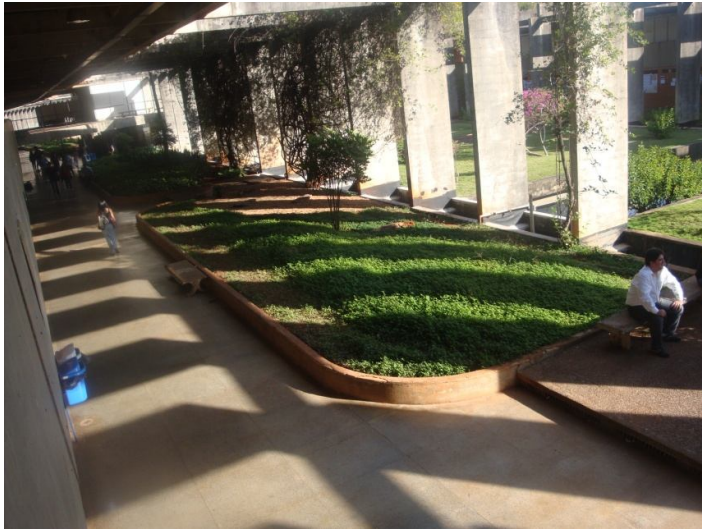
N5A



N6A



N7A



N8A



C1A



C2A



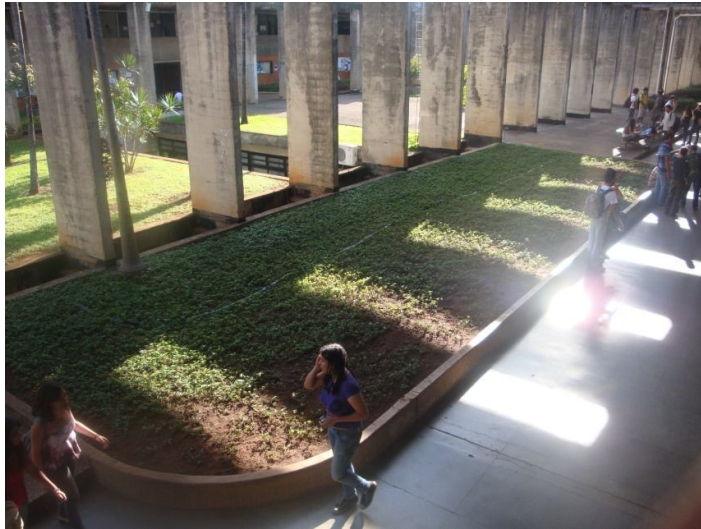
C3A



C4A



C5A



C6A



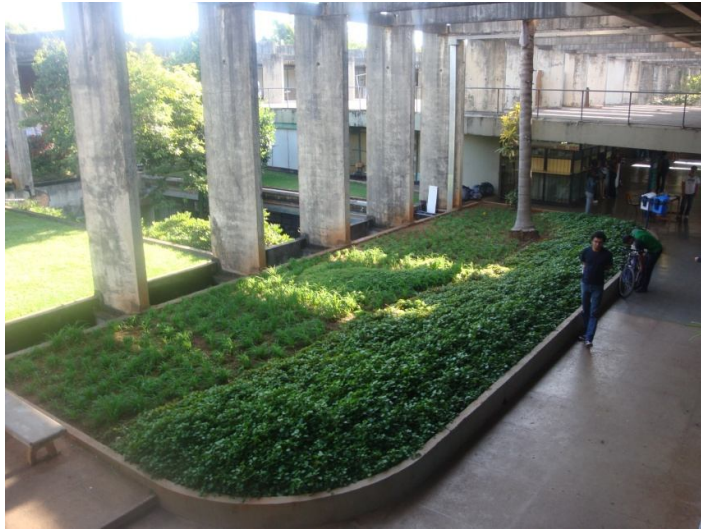
C7A



C8A



S1A



S2A



S3A



S4A



S5A



S6A



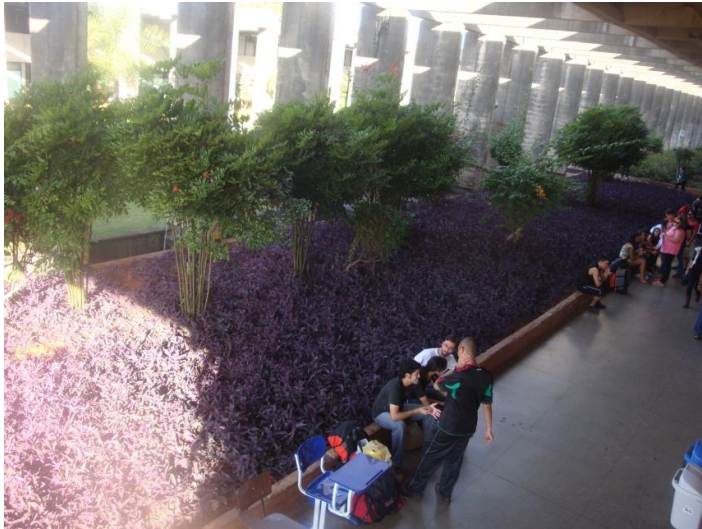
S7A



S8A



N1B



N2B



N3B



N4B



N5B



N6B



N7B



N8B



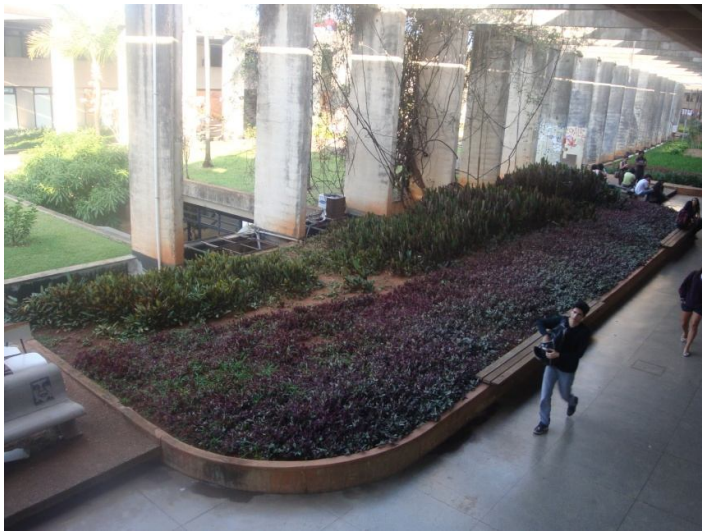
C1B



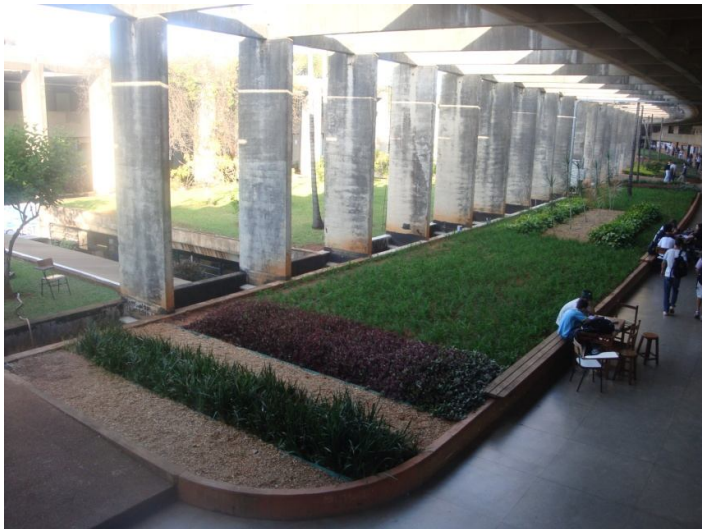
C2B



C3B



C4B



C5B



C6B



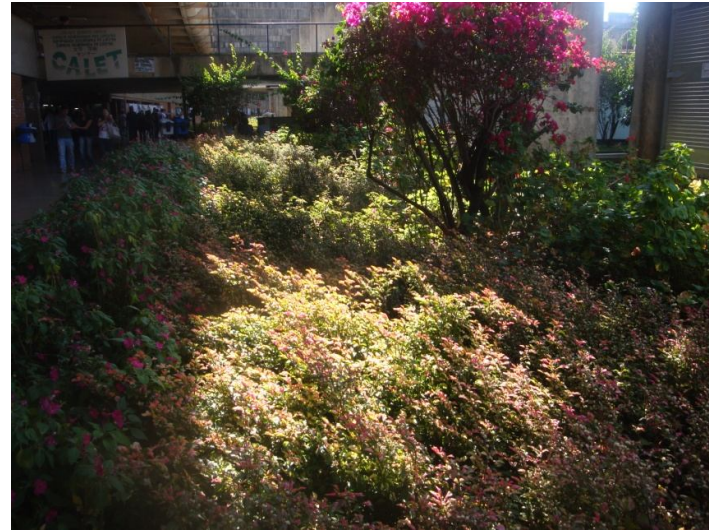
C7B



C8B



S1B



S2B



S3B



S4B



S5B



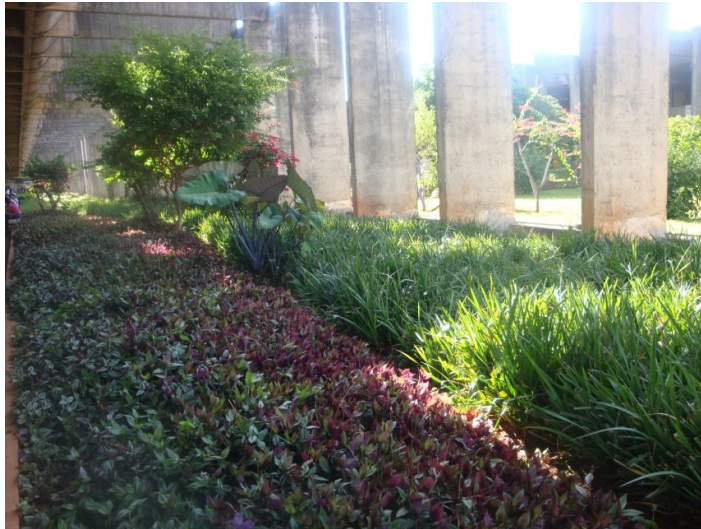
S6B



S7B



S8B



Ala Norte



Ala Norte



Ala Norte



Ala Norte



Ala Centro



Ala Centro



Ala Centro



Ala Centro



Ala Sul



Ala Sul



Ala Sul



Ala Sul



Ala Norte



Ala Norte



Ala Centro



Ala Centro



Ala Sul



Ala Sul



Anexo F- Levantamento Florístico ou Botânico

Nome Científico: <i>Abutilon darwinii</i>		Nome Popular: Sino-amarelo	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Malvaceae	Origem: Brasil	Hábito: () Arbóreo (x) Arbustivo () Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol		Propagação: Estacas	
Aspectos atrativos: Flores bastante ornamentais; atraem beija-flores			
Cor da flor: Amarela	Época de floração: Primavera/Verão	Frutífera: () Sim (x) Não	
Cor da folha: Verde	Textura: Membranácea	Forma: margens irregulares, denteadas	
Descrição Botânica: Arbusto perene, ereto, de ramos finos, semidecíduo, muito ramificado, de 1-2m de altura. Folhas membranáceas, com 3-5 recortes profundos, de margens irregular a levemente denteada, 8-16 cm de comprimento, com pecíolo fino. Flores solitárias, axilares, com pedúnculo longo e fino, geralmente reclinadas, de corola amarela não totalmente aberta, com uma coluna destacada de estames amarelos.			
Avaliação do Uso: Planta cultivada isoladamente como pequeno arbusto, ou em grupos formando maciços, sempre a pleno sol, em solo bem drenado e irrigado a intervalos.			

Nome Científico: <i>Abutilon striatum</i>		Nome Popular: Lanterna Chinesa	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Malvaceae	Origem: Guatemala	Hábito: () Arbóreo (x) Arbustivo () Herbáceo () Palmeira	
Efeito significativo: Flores e folhas ornamentais			
Condições de cultivo: Pleno sol		Propagação: Estacas	
Aspectos atrativos: Flores bastante ornamentais; atraem beija-flores			
Cor da flor: Laranja	Época de floração: Primavera/verão	Frutífera: () Sim (x) Não	
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Arbusto semilenhoso, ereto, de 2-3m de altura, com ramos recurvados e folhagem ornamental. Flores solitárias, com pecíolos longos, pendentes, de cor alaranjada com estrias vermelhas.			
Avaliação do Uso: Cultivada como planta isolada ou em conjunto, a pleno sol, em solo permeável. É tolerante a geadas fracas.			

Nome Científico: <i>Acalypha hispida</i>		Nome Popular: Rabo de gato	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Euphorbiaceae	Origem: Índia	Hábito: () Arbóreo (x) Arbustivo () Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol		Propagação: Estaquia	
Aspectos atrativos: Inflorescências muito ornamentais			
Cor da flor: Vermelha	Época de floração: Ano todo		Frutífera: () Sim (x) Não
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Subarbusto ereto, ramificado, com 1,5-2,0 m de altura, de florescimento vistoso. Folhas largo-ovaladas, pontiagudas verdes e com nervuras mais claras, apresentando margens levemente serrilhadas. Inflorescências longas, vermelhas, em espigas cilíndricas, pendentes, vistosas.			
Avaliação do Uso: É cultivado como planta isolada ou em grupos, em canteiros de terra fértil e irrigados periodicamente. Não tolera geadas.			

Nome Científico: <i>Agave attenuata</i>		Nome Popular: Agave	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Agavaceae	Origem: México	Hábito: () Arbóreo (x) Arbustivo () Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol		Propagação: Bulbilhos; mudas laterais	
Aspectos atrativos: Formato da planta, folhas			
Cor da flor: Verde	Época de floração:		Frutífera: () Sim (x) Não
Cor da folha:	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Semilenhosa, perene, ereta, de caule curto, de 1,0-1,5m de altura. Folhas largo-lanceoladas, de cor verde-acinzentada, cerosas, suculentas, espessas, formando uma roseta densa. Inflorescência ocasional, de forma cônico-cilíndrica, grande e recurvada, com flores pequenas, sem importância ornamental.			
Avaliação do Uso: Presta-se para o plantio isolado e formação de grupos maciços que se adensam pela inúmeras brotações laterais do caule atingindo vários metros de diâmetro. Não tolera temperaturas baixas de inverno.			

Nome Científico: <i>Allamanda polyantha</i>		Nome Popular: Alamanda	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Apocynaceae	Origem: Brasil	Hábito: () Arbóreo (x) Arbustivo () Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol		Propagação: Sementes; Estaquia; Alporquia	
Aspectos atrativos: Flores amarelas, folhas brilhantes			
Cor da flor: Amarela	Época de floração: Quase ano todo	Frutífera: () Sim (x) Não	
Cor da folha: Verde	Textura: Cartácea	Forma:	
Descrição Botânica: Arbusto semilenhoso e florífero, lactescente, ereto, perene, ramificado, de 1-2 m de altura. As flores formam-se quase o ano todo, com predominância na primavera e resultam em numerosos frutos espinescentes.			
Avaliação do Uso: É cultivada como planta isolada ou em grupos, podem ser mantidos podados à maneira de uma cerca-viva ou como bordadura conservada a baixa altura.			
Não tolera invernos rigorosos.			

Nome Científico: <i>Alpinia purpurata</i>		Nome Popular: Alpinia	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Zingiberaceae	Origem: Ilhas dos Mares do Sul	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo (x) Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol/ Meia sombra		Propagação: Divisão de touceiras; mudas	
Aspectos atrativos: Inflorescências ornamentais			
Cor da flor: Branca	Época de floração: Quase ano todo	Frutífera: () Sim (x) Não	
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Herbácea rizomatosa, ereta, entouceirada, florífera, de 1,5-2,0 m de altura, com hastes numerosas, densas, semelhantes a cana, de folhas verde-escuras e espessas.			
Inflorescências terminais, espigadas, com numerosas flores brancas, pequenas, com brácteas em forma de barco, vermelhas e vistosas. Ocorre uma forma de brácteas cor-de-rosa.			
Avaliação do Uso: Cultivada como planta isolada ou em grupos, em canteiros de terra fértil, mantidos umedecidos. Também utilizada como flor de corte. Muito sensível ao frio.			

Nome Científico: <i>Aloe humilis</i>		Nome Popular: Babosa	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Asphodelaceae	Origem: África do Sul	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo (x) Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol; Meia-sombra		Propagação: Sementes; Separação de mudas	
Aspectos atrativos:			
Cor da flor: Vermelha	Época de floração:		Frutífera: () Sim (x) Não
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Herbácea, entouceirada, de caule curto, suculenta. Folhas em forma de lança, de aproximadamente 15 cm de comprimento, com espinhos nas margens. Inflorescências de cor vermelho-coral.			
Avaliação do Uso: Cultivada em vasos, isoladamente ou em grupos, em solos úmidos, bem drenados, tolerante a solos de baixa fertilidade. Utilizada no ICC no jardim medicinal.			

Nome Científico: <i>Aloe vera</i>		Nome Popular: Babosa	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Asphodelaceae	Origem: Mediterrâneo	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo (x) Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol		Propagação: Separação de mudas	
Aspectos atrativos:			
Cor da flor: Amarela	Época de floração:		Frutífera: () Sim (x) Não
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Herbácea rizomatosa, entouceirada, de caule curto, suculenta, de 60-90 cm de altura. Folhas em roseta, com forma de lança, acanaladas, suculentas, com espinhos macios nas margens, de cor verde-azulada. Inflorescências eretas, altas e longas, projetada acima das folhas, com flores amarelas, formadas no decorrer do ano. Há variedades de flores alaranjadas ou avermelhadas.			
Avaliação do Uso: Cultivada a pleno sol, como planta isolada ou em grupos, em jardins de pedra. É tolerante a solos de baixa fertilidade, bem como a invernos rigorosos. Planta muito utilizada na medicina popular em todo o país. A espécie faz parte do jardim medicinal do ICC.			

Nome Científico: <i>Alternanthera brasiliana</i>		Nome Popular: Penicilina	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Amaranthaceae	Origem: Brasil	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo (x) Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol		Propagação: Estaquia	
Aspectos atrativos: Folhagem decorativa			
Cor da flor: Verde clara	Época de floração:		Frutífera: () Sim (x) Não
Cor da folha: Roxa	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Herbácea ereta ou semiprostrada, de 30-50 cm de altura, folhas arroxeadas, escuras ou vermelhas. Inflorescências em capítulos globosos terminais, de cor verde-esbranquiçada, constituído de flores diminutas, de importância ornamental secundária.			
Avaliação do Uso: Cultivada em grupos para efeito de massa colorida em canteiros de terra bem esterçada e permeável, mantidos úmidos. Sensível a geadas fortes.			

Nome Científico: <i>Alternanthera sessilis</i>		Nome Popular: Periquito	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Amaranthaceae	Origem: Brasil	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo (x) Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol		Propagação: Estaquia	
Aspectos atrativos: Folhagem ornamental			
Cor da flor: Branca	Época de floração: Verão		Frutífera: () Sim (x) Não
Cor da folha:	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Herbácea perene, muito ramificada, de 20-25 cm de altura, com ramagem densa formando moita, de folhagem colorida e ornamental. Flores brancas, pequenas com brácteas celulósicas, de importância ornamental secundária. Ocorrem diversas variedades hortícolas. Na “Amoena”, as folhas são marrom-avermelhadas e alaranjadas e na “Aurea-nana”, as folhas são variegadas de verde e amarelo. Esta última é mais tolerante ao frio.			
Avaliação do Uso: São excelentes para bordaduras e forrações, cultivadas em canteiros de terra bem esterçada e permeável.			

Nome Científico: <i>Arachis repens</i>		Nome Popular: Amendoim rasteiro	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Fabaceae	Origem: Brasil	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo (x) Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol		Propagação: Divisão de touceiras	
Aspectos atrativos: Forração vistosa			
Cor da flor: Amarela	Época de floração: Primavera/ Verão	Frutífera: () Sim (x) Não	
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Herbácea reptante, perene, de 10-20 cm de altura, com ramagem prostrada, fina, de nós e entrenós destacados. Folhas compostas, curtas, com dois pares de folíolos pequenos. Flores pequenas, amarelas, numerosas, mas pouco vistosas.			
Avaliação do Uso: Cultivada como forração à maneira de um gramado, com efeito decorativo notável pela folhagem sempre verde-escura, em canteiro a pleno sol, ricos em matéria orgânica, permeáveis e irrigados periodicamente. Não resiste a pisoteio e dispensa podas. Não tolera geada.			

Nome Científico: <i>Artocarpus Integrifolia</i>		Nome Popular: Jaqueira	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Moraceae	Origem: Brasil	Hábito: (x) Arbóreo () Arbustivo () Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo:		Propagação:	
Aspectos atrativos:			
Cor da flor:	Época de floração:	Frutífera: (x) Sim () Não	
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Árvore perenifólia, lactescente, de cerca de vinte metros de altura, provida de copa mais ou menos piramidal e densa, com tronco robusto, de 30 a 60 centímetros de diâmetro, revestido por casca espessa. Folhas simples, alternas, inteiras (lobadas apenas nos indivíduos jovens), afixadas aos ramos através de um curto pecíolo de cerca de um centímetro de comprimento. O fruto é um sincarpo de forma ovalada, nascem diretamente do tronco e dos galhos mais grossos e chegam a pesar até 10 kg e medir até 40 cm de comprimento.			
Avaliação do Uso:			

Nome Científico: <i>Bambusa gracilis</i>		Nome Popular: Bambu-de-jardim	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Poaceae	Origem: China, Japão	Hábito: () Arbóreo (x) Arbustivo () Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol/ Luz difusa		Propagação: Divisão de touceira	
Aspectos atrativos: Colmos muito ornamentais			
Cor da flor:	Época de floração: Não floresce aqui	Frutífera: () Sim (x) Não	
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Arbusto lenhoso, rizomatoso, entouceirado, com numerosos colmos finos, eretos, densos, de 3-4 m de altura, a princípio verdes e depois amarelos, muito ornamentais.			
Folhas lineares, dispostas em raminhos laterais sobre os colmos. Não floresce em nossas condições.			
Avaliação do Uso: É cultivado como planta isolada, ou em conjuntos e maciços, em locais com solo fértil, rico em húmus e irrigados periodicamente. A insolação enaltece o tom amarelado da folhagem. É tolerante ao frio.			

Nome Científico: <i>Beaucarnea recurvata</i>		Nome Popular: Pata de elefante	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Ruscaceae	Origem: México	Hábito: () Arbóreo (x) Arbustivo () Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol		Propagação: Sementes	
Aspectos atrativos: Aspecto exótico e imponente			
Cor da flor: Branca	Época de floração: Outono	Frutífera: () Sim (x) Não	
Cor da folha: Verde	Textura: Coriácea	Forma:	
Descrição Botânica: Semilenhosa arbustiva, ereta, volumosa, de 3-5 m de altura, com tronco geralmente não ramificado, muito dilatado na base, inserção em roseta formando uma cabeleira de folhas na extremidade. Inflorescências eventuais, eretas, grandes, densas, com numerosas folhas pequenas e esbranquiçadas, de pouco valor ornamental.			
Avaliação do Uso: Pode ser plantada em vasos na sua fase juvenil. Na fase adulta e idosa em parques e jardins impressiona pelo aspecto estranho, exótico e muito imponente de seu conjunto arquitetônico. É tolerante a baixas temperaturas.			

Nome Científico: <i>Bougainvillea glabra</i>		Nome Popular: Buganville	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Nyctaginaceae	Origem: Brasil	Hábito: () Arbóreo (x) Arbustivo () Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol		Propagação: Estacas; Alporques; Sementes	
Aspectos atrativos: Folhagem e inflorescências ornamentais			
Cor da flor: Variável	Época de floração:		Frutífera: () Sim (x) Não
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Arbusto lenhoso, escadente, vigoroso, com poucos espinhos na ramagem.			
Folhas lisas, membráceas e brilhantes. Flores pequenas, envolvidas por três brácteas vistosas, em inflorescências terminais grandes, formadas principalmente no outono e no inverno.			
Avaliação do Uso: É cultivado a pleno sol, frequentemente conduzido como trepadeira, em cercas e grades, bem como para cercas-vivas defensivas. É tolerante a geadas.			

Nome Científico: <i>Bougainvillea spectabilis</i>		Nome Popular: Buganville	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Nyctaginaceae	Origem: Brasil	Hábito: () Arbóreo (x) Arbustivo () Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol		Propagação: Estaquia; Alporques	
Aspectos atrativos: Inflorescências bastante vistosas e ornamentais			
Cor da flor: Várias	Época de floração:		Frutífera: () Sim (x) Não
Cor da folha: Verde	Textura: Pubescente	Forma:	
Descrição Botânica: Arbusto lenhoso, espinhento e escadente, com folhas levemente pubescentes. Flores envolvidas por três brácteas vistosas, simples ou dobradas, de cores vinho, laranja, ferrugem, branco e rosa.			
Avaliação do Uso: Cultivada a pleno sol, como trepadeira para revestir caramanchões e cercas.			
Não tolera geadas fortes.			

Nome Científico: <i>Bryophyllum pinnatum</i>		Nome Popular: Folha-da-fortuna	
Localização: <input type="checkbox"/> Ala Norte <input type="checkbox"/> Ala Centro <input type="checkbox"/> Ala Sul		Canteiro:	<input type="checkbox"/> Lado A <input type="checkbox"/> Lado B
Família: Crassulaceae	Origem: China; Equador	Hábito: <input type="checkbox"/> Arbóreo <input type="checkbox"/> Arbustivo <input checked="" type="checkbox"/> Herbáceo <input type="checkbox"/> Palmeira	
Condições de cultivo:		Propagação:	
Aspectos atrativos:			
Cor da flor: Verde	Época de floração:		Frutífera: <input type="checkbox"/> Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não
Cor da folha:	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Planta perene, carnosa, podendo chegar a 1,5 m de altura; caule de cor mais clara e os demais avermelhados; flores hermafroditas, tubulosas, penduladas, verde-pálidas ou amarelo avermelhadas.			
Avaliação do Uso: Utilizada no jardim de plantas medicinais do ICC. Possui propriedades emolientes, cicatrizantes e antiinflamatórias.			

Nome Científico: <i>Callisia repens</i>		Nome Popular: Dinheiro em penca	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Commelinaceae	Origem: América tropical	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo (x) Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Meia-sombra		Propagação: Vegetativa - blocos enraizados	
Aspectos atrativos: Folhagem ornamental			
Cor da flor: Brancas	Época de floração:		Frutífera: () Sim (x) Não
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Herbácea reptante, muito ramificada, de 5-10 cm de altura. As folhas são cerosas, adensadas ao longo da ramagem filamentosa, pequenas na ramagem nova e maiores na ramagem já adulta, formando um tapete denso. As flores são pequenas, brancas, apresentando importância ornamental secundária.			
Avaliação do Uso: É frequentemente usada como forração, de preferência em canteiros mantidos a meia-sombra, ricos em matéria orgânica e devendo ser irrigados periodicamente. Adequada também para vasos e jardineiras como planta pendente. Pouco tolerante a baixas temperaturas.			

Nome Científico: <i>Canna paniculata</i>		Nome Popular: Beri	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Cannaceae	Origem: América tropical	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo (x) Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol		Propagação: Divisão de touceiras, sementes	
Aspectos atrativos: Folhagem e inflorescências ornamentais			
Cor da flor: Vermelha	Época de floração: Primavera/Verão		Frutífera: () Sim (x) Não
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Herbácea rizomatosa, perene, ereta, entouceirada, de 1,0-1,6 m de altura, De florescimento decorativo. Folhas largo-lanceoladas, verdes e algumas vezes com nervura roxa. Inflorescências terminais, eretas, alongadas, com flores vermelhas.			
Avaliação do Uso: É cultivada em grupos para bordaduras ou em conjuntos isolados, em terra fértil e bem umedecida. Os canteiros devem ser renovados pelo menos a cada dois anos. Apresenta desenvolvimento e florescimento mais intensos na região Sul do país. Tolerante a baixas temperaturas de inverno. Planta muito predada por insetos mastigadores.			

Nome Científico: <i>Canna X generalis</i>		Nome Popular: Cana-índica	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Cannaceae	Origem: Híbrida	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo (x) Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol		Propagação: Divisão dos rizomas	
Aspectos atrativos: Floração e folhagem ornamentais			
Cor da flor: Várias	Época de floração: Quase ano todo	Frutífera: () Sim (x) Não	
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Grande grupo de herbáceas rizomatosas e perenes, obtido por hibridações e melhoramento com a participação de diversas espécies. São plantas de 0,5 a 1,0 m de altura, de folhagem rajada ou variegada. Folhas geralmente ovaladas a lanceoladas. Inflorescências eretas, com flores em vasta gama de cores, principalmente amarelas, vermelhas e róseas, grandes.			
Avaliação do Uso: Próprias para canteiros a pleno sol, com terra rica em matéria orgânica, devendo ser renovados a cada dois anos. Não toleram temperaturas muito baixas.			

Nome Científico: <i>Carica papaya</i>		Nome Popular: Mamoeiro	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Caricaceae	Origem: América Tropical	Hábito: (x) Arbóreo () Arbustivo () Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo:		Propagação:	
Aspectos atrativos:			
Cor da flor:	Época de floração:	Frutífera: () Sim (x) Não	
Cor da folha:	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Árvore de caule semi-herbáceo, oco, cilíndrico e simples. No topo da árvore não vemos ramos, apenas folhas grandes, digitilobadas, com nervuras amarelas, sustentadas por longos pecíolos. Ao caírem, durante o crescimento da planta, as folhas deixam grandes cicatrizes no caule. As flores do mamoeiro podem ser brancas ou amarelas, são cerosas e muito perfumadas. O mamão é um fruto carnoso, grande, indeiscente, com polpa macia, densa, aromática e de coloração variável entre o amarelo e o vermelho.			
Avaliação do Uso:			

Nome Científico: <i>Catharanthus roseus</i>		Nome Popular: Vinca	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Apocynaceae	Origem: Trópicos	Hábito: () Arbóreo (x) Arbustivo () Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol		Propagação: Sementes; Mudas	
Aspectos atrativos: Folhas e flores ornamentais			
Cor da flor: Várias	Época de floração: Ano todo		Frutífera: () Sim (x) Não
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma: Elíptica	
Descrição Botânica: Arbusto semi-herbáceo, ereto, perene, lactescente, de 30-50 cm de altura, muito florífero, com folhas elípticas, ornamentais e marcadas por nervuras evidentes. Flores róseas formadas durante o ano todo. Ocorrem também formas de cor vermelha e vinho bem como as variedades hortícolas 'Alba', de flores brancas e a 'Oculata', de flores brancas com o centro rosa ou vermelho.			
Avaliação do Uso: É cultivado em jardineiras, bordaduras ou maciços em canteiros, sempre a pleno sol. Apesar de perene, a planta é tratada no máximo como bienal por tomar mau aspecto com a idade.			

Nome Científico: <i>Chlorophytum comosum</i>		Nome Popular: Clorofito	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Agavaceae	Origem: África do Sul	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo (x) Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Meia-sombra		Propagação: Divisão de touceiras; Mudas	
Aspectos atrativos:			
Cor da flor: Brancas	Época de floração: Verão		Frutífera: () Sim (x) Não
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Herbácea de raízes carnosas, acaule, de 15-20 cm de altura, com folhas rosuladas basais, achatadas e ornamentais, verdes na espécie típica. São cultivadas variedades que apresentam variegação, folhas com faixas brancas ou amarelas, no centro ou nas margens e de tamanhos variados. Flores brancas em inflorescências pouco significativas.			
Avaliação do Uso: É cultivada em vasos, em bordaduras ou em conjuntos desenhados, em canteiros, de preferência a meia-sombra, ricos em composto orgânico e mantidos úmidos. É tolerante a baixas temperaturas.			

Nome Científico: <i>Clerodendron X speciosum</i>		Nome Popular: Coração-sangrento	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Lamiaceae	Origem: Híbrido	Hábito: () Arbóreo (x) Arbustivo () Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol		Propagação: Estaquia	
Aspectos atrativos: Florescimento vistoso			
Cor da flor: Vermelha	Época de floração: Primavera/Verão	Frutífera: () Sim (x) Não	
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Arbusto escadente, sublenhoso, com florescimento vistoso, de ramagem longa. Inflorescências terminais, constituídas por numerosas flores vermelhas, de cálices persistentes, vermelho-claras com a idade.			
Avaliação do Uso: Geralmente é conduzido à maneira de uma trepadeira, apropriado para revestir grades, cercas, muros e pórticos. Não tolera geadas.			

Nome Científico: <i>Codiaeum variegatum</i>		Nome Popular: Cróton	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Euphorbiaceae	Origem: Índia; Malásia	Hábito: () Arbóreo (x) Arbustivo () Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol		Propagação: Estaquia; Alporques	
Aspectos atrativos: Arbustos vistosos, folhagem colorida			
Cor da flor:	Época de floração:	Frutífera: () Sim (x) Não	
Cor da folha: Colorida	Textura: Coriácea	Forma:	
Descrição Botânica: Grande grupo de arbustos grandes e semilenhosos, de 2-3 m de altura, com folhas lactescentes, pequenas ou grandes, espessas, coriáceas, inteiras, com recortes ou torcidas, muito vistosas pelos variados colorido e formato. Inflorescências alongadas não vistosas.			
Avaliação do Uso: São plantas clássicas de climas tropicais, pouco resistentes ao frio e sensíveis a geadas. Excelente para renques ou conjuntos que não devem ser podados para não prejudicar sua formação natural. Exigem solos ricos e de boa drenagem.			

Nome Científico: <i>Coffea arabica</i>		Nome Popular: Café	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Rubiaceae	Origem: Etiópia	Hábito: () Arbóreo (x) Arbustivo () Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol		Propagação:	
Aspectos atrativos:			
Cor da flor: Verde	Época de floração:		Frutífera: (x) Sim () Não
Cor da folha:	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Folhas verde escuras brilhantes, oblongo-elípticas ou oblanceolada-oblongas, com 7 - 13 pares, normalmente com 5 - 20 cm de comprimento, os pecíolos têm aproximadamente 1 cm de comprimento; axilas com algumas pequenas cimeiras trifloras, pedicelo com 4 mm de comprimento; brácteas deltóides com 3 mm de comprimento; corola branca, fragrante, 7 - 10 mm de comprimento, geralmente 5 - lobada; anteras com 7 - 8 mm de comprimento; frutos vermelhos, elipsóides ou oblongos.			
Avaliação do Uso: Cultivada em solos úmidos, bem drenados, de boa fertilidade a pleno sol, empregada na produção de café. A planta é encontrada no jardim de plantas medicinais do ICC.			

Nome Científico: <i>Colocasia esculenta</i> var <i>aquatilis</i>		Nome Popular: Inhame-preto	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Araceae	Origem: Ásia tropical	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo (x) Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Meia-sombra; Pleno sol		Propagação: Divisão de touceira	
Aspectos atrativos: Folhagem decorativa			
Cor da flor:	Época de floração:		Frutífera: () Sim (x) Não
Cor da folha: Roxo escuro	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Herbácea perene, ereta, rizomatosa, e estolinífera, acaule com folhagem decorativa, de 0,7 a 1,2 m de altura. Folhas com pecíolo longo, preto-arroxeadas. O tom negro das folhas diminui em certas épocas do ano. Na base da planta adulta surgem cordões longos e arroxeados (estolões) que crescem sobre a superfície do solo, gerando novas plantas. Florescem ocasionalmente, com flores sem importância ornamental.			
Avaliação do Uso: Cultivada isoladamente ou em maciços em canteiros ricos em matéria orgânica ou em ambientes aquáticos. Não tolera baixas temperaturas.			

Nome Científico: <i>Colocasia esculenta</i> var <i>illustris</i>		Nome Popular: Inhame-imperial	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Araceae	Origem: Ilhas do Pacífico	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo (x) Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Meia-sombra; Pleno sol		Propagação: Divisão de touceira	
Aspectos atrativos: Folhagem decorativa			
Cor da flor:	Época de floração:		Frutífera: () Sim (x) Não
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Herbácea perene, entouceirada, com rizomas subterrâneos semelhantes a tubérculos, com folhagem decorativa, de 0,8-1,5 m de altura. Folhas elevadas a partir da base, de margens levemente onduladas, verde-escuras e manchadas irregularmente de preto, sobre pecíolos arroxeados. Inflorescência típica com espata e espádice, sem importância ornamental.			
Avaliação do Uso: Cultivada isoladamente e em grupos formando maciços, em canteiros enriquecidos e mantidos sempre úmidos, ou ainda em vasos. Tolerante a solos muito úmidos, adequada para baixadas, margens de córregos e lagos. É sensível ao frio.			

Nome Científico: <i>Colocasia gigantea</i>		Nome Popular: Inhame-gigante	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Araceae	Origem: Malaia; Java	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo (x) Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Meia-sombra; Pleno sol		Propagação: Sementes; Brotações laterais	
Aspectos atrativos: Folhagem decorativa			
Cor da flor:	Época de floração: Verão		Frutífera: () Sim (x) Não
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Herbácea perene, ereta, com rizoma inicialmente subterrâneo, com o tempo tornando-se volumoso e elevando-se a cerca de 50 cm da superfície, de grande efeito ornamental pela folhagem, com vários metros de altura. Folhas muito grandes, peltadas, com nervuras branco-acinzentadas destacadas, de margens onduladas, com pecíolo robusto, carnoso e de cor verde-esbranquiçada. Inflorescência em série de 4-5 flores dispostas em leque.			
Avaliação do Uso: Adequada para plantio isolado ou em grupo, protegida do vento, em canteiros férteis e mantidos sempre umedecidos.			

Nome Científico: <i>Cordyline terminalis</i>		Nome Popular: Dracena-vermelha	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Laxmanniaceae	Origem: Índia; Malásia; Polinésia	Hábito: () Arbóreo (x) Arbustivo () Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol; meia-sombra		Propagação: Estaquia	
Aspectos atrativos: Folhagem decorativa			
Cor da flor:	Época de floração:	Frutífera: () Sim (x) Não	
Cor da folha: Várias	Textura: Coriácea	Forma:	
Descrição Botânica: Arbusto semilenhoso, ereto, de 1,0-2,5 m de altura, com folhas coriáceas e espessas. Existem inúmeras variedades, cujas folhas apresentam uma variação muito grande de cores e formas conhecidas por nomes hortícolas, com manchas ou listras verdes, vermelhas, acobreadas, róseas ou esbranquiçadas, em combinação com o verde. Inflorescências longas, terminais, com flores não vistosas e pouco significativas.			
Avaliação do Uso: É cultivado em vasos, em fileiras junto a paredes ou muros ou formando conjuntos desenhados. Tolerante ao frio.			

Nome Científico: <i>Ctenanthe burle-marxii</i>		Nome Popular: Maranta-zebrada	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Maranthaceae	Origem: Brasil	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo (x) Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Meia-sombra		Propagação: Divisão da planta	
Aspectos atrativos: Folhagem decorativa			
Cor da flor: Branca	Época de floração: Primavera	Frutífera: () Sim (x) Não	
Cor da folha:	Textura: Coriácea	Forma: Largo-elíptica	
Descrição Botânica: Herbácea rizomatosa, acaule, perene, com folhagem ornamental, com 20-30 cm de altura. Folhas firmes, com ápice arredondado, coriáceas, largo-elípticas, cinza-prateadas com manchas longas e curtas de cor verde-escura, distribuídas em forma de pena ao longo da nervura principal, com a face de baixo roxo-escura. Flores brancas, em inflorescências afixadas nas hastes foliares, sem importância ornamental.			
Avaliação do Uso: Cultivada em vasos ou conjuntos, em canteiros ricos em matéria húmus, de boa drenagem e mantidos umedecidos. É ótima para forração graças ao pequeno porte. É sensível a geadas.			

Nome Científico: <i>Cymbopogon winterianus</i>		Nome Popular: Capim-citronela	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Poaceae	Origem: Índia; Java	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo (x) Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol		Propagação: Divisão das touceiras	
Aspectos atrativos:			
Cor da flor:	Época de floração:	Frutífera: () Sim (x) Não	
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: A citronela é bastante conhecida pelos seus efeitos repelentes, principalmente contra mosquitos e borrachudos. Ela forma uma touceira densa, suas folhas são longas, com bordas cortantes e de coloração verde clara, idêntica ao capim-limão.			
Avaliação do Uso: A espécie faz parte do jardim medicinal do ICC.			

Nome Científico: <i>Dichondra microcalyx</i>		Nome Popular: Dicondra; Orelha-de-rato	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Convolvulaceae	Origem: Brasil	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo (x) Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol		Propagação: Sementes; Divisão de ramagens	
Aspectos atrativos:			
Cor da flor: Verde	Época de floração:	Frutífera: () Sim (x) Não	
Cor da folha:	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Erva prostrada, rizomatosa e de textura herbácea, semelhante aos trevos. Sua ramagem é arroxeadada e bastante ramificada. As folhas são reniformes (em forma de rim), arredondadas, como orelhas de rato, o que lhe valeu o nome popular. As cores variam entre o verde-escuro, prateado e até mesmo o verde-limão, geralmente com página inferior prateada. Apresenta pequenas flores solitárias, sem relevância ornamental. Algumas variedades de dicondra apresentam flores ornamentais.			
Avaliação do Uso: Deve cultivada em solo fértil, destorroado, drenável, enriquecido com matéria orgânica e irrigado periodicamente. Quando bem estabelecida, é mais resistente à seca que os gramados, principalmente à meia-sombra. Não tolera o frio, geadas ou estiagem prolongada. De baixa manutenção, exige duas fertilizações por ano e cortes mensais. Multiplica-se por sementes ou por divisão da ramagem enraizada. Em alguns casos pode tornar-se invasiva.			

Nome Científico: <i>Dicksonia sellowiana</i>		Nome Popular: Samambaiçu	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Dicksoniaceae	Origem: Brasil	Hábito: () Arbóreo (x) Arbustivo () Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Meia-sombra; Sombra		Propagação: Esporos; Gemas	
Aspectos atrativos: Folhagem ornamental			
Cor da flor: Não possui	Época de floração:		Frutífera: () Sim (x) Não
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Planta arborescente, com caule rígido e espesso, ereto, fibroso, de 2-4 m de altura, com folhagem ornamental e crescimento muito lento. Folhas grandes, concentradas na extremidade do caule que é marcado por cicatrizes foliares.			
Avaliação do Uso: Cultivada isoladamente ou em grupos, em terra fértil, mantida umedecida. O tronco dá origem aos vasos de coxim. Muito resistente ao frio, é uma das maiores samambaias brasileiras.			

Nome Científico: <i>Dieffenbachia amoena</i>		Nome Popular: Comigo-ninguém-pode	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Araceae	Origem: Colômbia; Costa Rica	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo (x) Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Sombra; Meia-sombra		Propagação: Estaquia	
Aspectos atrativos: Folhagem decorativa			
Cor da flor:	Época de floração: Verão		Frutífera: () Sim (x) Não
Cor da folha: Verde	Textura: Coriácea	Forma:	
Descrição Botânica: Herbácea, perene, ereta, sem ramificação, de 20-50 cm de altura, com caule espesso, suculento, de folhagem muito ornamental. As folhas são venenosas. As flores são produzidas no verão, não possuem importância ornamental.			
Avaliação do Uso: Cultivada em vasos, em conjuntos isolados ou jardineiras, protegidas do vento, com terra enriquecida de húmus e bem suprida de água. Muito sensível a baixas temperaturas de inverno.			

Nome Científico: <i>Dietes iridioides</i>		Nome Popular: Moreia	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Iridaceae	Origem: África do Sul	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo (x) Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol		Propagação: Divisão de touceira	
Aspectos atrativos: Folhagem e flores ornamentais			
Cor da flor: Branca	Época de floração: Primavera/Outono	Frutífera: () Sim (x) Não	
Cor da folha: Verde-escura	Textura: Coriácea	Forma: Linear-lanceoladas	
Descrição Botânica: Herbácea perene, ereta, rizomatosa, entouceirada, de 30-50 cm de altura, com florescimento decorativo. Folhas partindo da base, em leque, linear-lanceoladas, longas, verde-escuras e coriáceas. Inflorescências eretas, ramificadas, com poucas flores semelhante à íris, grandes, brancas amareladas por fora, formadas da primavera ao outono. Há diversas variedades hortícolas em cultivo no país.			
Avaliação do Uso: Cultivada em renques, ou conjuntos, em canteiros, com terra bem esterçada, permeável e irrigada a intervalos. Desenvolve-se e floresce melhor em climas frios.			

Nome Científico: <i>Dracaena fragrans</i>		Nome Popular: Coqueiro-de-vênus	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Ruscaceae	Origem: África	Hábito: () Arbóreo (x) Arbustivo () Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol; Meia-sombra		Propagação: Brotação	
Aspectos atrativos:			
Cor da flor:	Época de floração:	Frutífera: () Sim (x) Não	
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Arbusto grande, raramente ramificado, de 3-6 m de altura, tronco colunar, com roseta de folhas ornamentais coriáceas. São cultivadas formas de folha inteiramente verde ou com margens amareladas ou estriadas e centro verde. Inflorescências terminais, dotada de inúmeras folhas pequenas e perfumadas.			
Avaliação do Uso: Planta muito rústica, é cultivada em vasos, para interiores, mas é usada principalmente em áreas externas, isoladamente ou em conjuntos, renques ou fileiras. Também é utilizada como cerca-viva. É sensível a geadas.			

Nome Científico: <i>Dracaena marginata</i>		Nome Popular: Dracena-de-madagascar	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Ruscaceae	Origem: Madagascar	Hábito: () Arbóreo (x) Arbustivo () Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol		Propagação: Estaquia	
Aspectos atrativos: Folhagem decorativa			
Cor da flor:	Época de floração:	Frutífera: () Sim (x) Não	
Cor da folha:	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Arbusto de tronco volumoso e espesso nas plantas idosas, ereto, de 2-4 m de altura, muito ramificado, cada ramificação com uma roseta densa de folhas lineares alongadas, verde-escuras com uma faixa estreita e vermelha na margem. Na cultivar 'Tricolor' as folhas são mais estreitas e longas, com listras creme-esbranquiçadas e róseo-avermelhadas.			
Avaliação do Uso: Dada a facilidade com que os ramos podem ser encurvados ou retorcidos, é apropriado para cultivo em arranjos de vasos, proporcionando belo efeito, porém, causam bom efeito para cultivo em conjuntos ou plantios isolados. Não tolera temperaturas baixas.			

Nome Científico: <i>Duranta erecta</i>		Nome Popular: Pingo-de-ouro	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Verbenaceae	Origem: México	Hábito: () Arbóreo (x) Arbustivo () Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol		Propagação: Estaquia	
Aspectos atrativos: Folhas ornamentais; topiaria			
Cor da flor: Arroxeadas	Época de floração: Primavera/Verão	Frutífera: () Sim (x) Não	
Cor da folha: Amarelo	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Arbusto lenhoso, obtido por trabalhos de seleção hortícola, sobre a espécie típica, de 1,0-1,5 m de altura, de ramagem densa e ornamental. Folhas de cor amarelo-dourado, principalmente nas folhas jovens. Inflorescências longas e pendentes, com flores pequenas, azul-arroxeadas, de pouca importância ornamental. Frutos arredondados, amarelo-ouro, ornamentais e atraentes para pássaros.			
Avaliação do Uso: Muito utilizado em bordaduras e renques, mantido quase sempre podado, visando exaltar a coloração dourada da folhagem, que diminui quando se desenvolve a meia-sombra. É ótima para trabalhos topiários. Tolerante a geadas.			

Nome Científico: <i>Dypsis lutescens</i>		Nome Popular: Areca-bambu	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Arecaceae	Origem: Madagascar	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo () Herbáceo (x) Palmeira	
Condições de cultivo: Meia-sombra; Pleno sol		Propagação: Sementes	
Aspectos atrativos:			
Cor da flor:	Época de floração:		Frutífera: () Sim (x) Não
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Palmeira entouceirada, grande, de 3-6 m de altura, com vários troncos pouco espessos e palmito verde-esbranquiçado. Folhas pinadas, recurvadas, com folíolos firmes. inflorescências grandes, ramificadas, com flores de cor creme e frutos verde-amarelados, sem valor ornamental. É a palmeira mais cultivada no país.			
Avaliação do Uso: Cultivada tanto em vasos para interiores, como em touceiras isoladas ou em conjuntos deixados crescer livremente, a meia-sombra ou pleno sol. Quando a pleno sol sua folhagem se torna verde-amarelada. Pouco tolerante ao frio.			

Nome Científico: <i>Epipremnum pinnatum</i>		Nome Popular: Jiboia	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Araceae	Origem: Ilhas Salomão	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo (x) Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol; Meia-sombra		Propagação: Estaquia	
Aspectos atrativos: Folhagem decorativa			
Cor da flor:	Época de floração:		Frutífera: () Sim (x) Não
Cor da folha:	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Semi-herbácea, de crescimento vigoroso, de ramos ascendentes. Folhas espessas, variegadas de amarelo ou branco, grandes e até pinadas nas plantas idosas. Nas plantas ainda jovens as folhas são pequenas, sempre inteiras e sem variação, o mesmo acontecendo quando crescem na sombra. Flores desconhecidas no nosso país.			
Avaliação do Uso: Costuma ser cultivada em vasos, ou como forração. Em locais sombreados mantém folhas pequenas. É pouco tolerante a baixas temperaturas. Dado seu crescimento impetuoso, se apoiada em palmeiras ou árvores, pode sufocá-las.			

Nome Científico: <i>Equisetum hyemale</i>		Nome Popular: Cavalinha	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Equisetaceae	Origem: Brasil	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo (x) Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol		Propagação: Divisão de touceiras; Rizomas	
Aspectos atrativos:			
Cor da flor:	Época de floração:	Frutífera: () Sim (x) Não	
Cor da folha:	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Planta ereta, herbácea, pouco ramificada, fortemente rizomatosa, formando densas touceiras que não param de se expandir, de 1,5-2,0 m de altura, com hastes grossas, ocas ásperas, articuladas, estriadas superficialmente, com alguns ramos ascendentes pequenos e folhas reduzidas a escamas. Aparentada com as avencas e samambaias, não produz flores e sim cones pequenos contendo esporos.			
Avaliação do Uso: Cultivo em locais ensolarados, secos ou úmidos, em canteiros delimitados por barreiras de concreto ou de alvenaria com pelo menos 30 cm de profundidade para evitar seu escape e infestação de áreas vizinhas. Planta muito rústica, é tolerante a baixas temperaturas.			

Nome Científico: <i>Erythrina indica</i>		Nome Popular: Brasileirinho	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Fabaceae	Origem: Malásia; Índia; Filipinas	Hábito: (x) Arbóreo () Arbustivo () Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol		Propagação: Estaquia; Sementes	
Aspectos atrativos: Colorido da folhagem			
Cor da flor: Vermelha	Época de floração:	Frutífera: () Sim (x) Não	
Cor da folha:	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: A eritrina-verde-amarela é uma árvore espetacular, devido principalmente ao colorido de suas folhas. Seu porte não é muito grande, atingindo de 8 a 12 metros de altura. As folhas têm a forma de losango, um tanto ovaladas, e a coloração verde, com manchas amarelas recobrimdo as nervuras. As inflorescências contêm numerosas flores vermelhas, como as flores das outras espécies do gênero <i>Erythrina</i> , e são ricas em néctar, muito visitadas por beija-flores.			
Avaliação do Uso: Devem ser cultivadas com bom espaçamento, sob sol pleno, em covas bem s preparadas, em solo fértil, bem-drenável e enriquecido com matéria orgânica. Não aprecia o frio, sendo indicada apenas para regiões tropicais e subtropicais. Multiplica-se principalmente por estaquia.			

Nome Científico: <i>Eugenia uniflora</i>		Nome Popular: Pitangueira	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Myrtaceae	Origem: Brasil	Hábito: (x) Arbóreo () Arbustivo () Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol		Propagação:	
Aspectos atrativos: Folhagem ornamental, frutos			
Cor da flor: Branca	Época de floração:		Frutífera: (x) Sim () Não
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: É uma árvore medianamente rústica, de porte pequeno a médio, com 2-4 m de altura, mas alcançando, em ótimas condições de clima e de solo, quando adulta, alturas acima de 6m e até, no máximo, 12 m. A copa globosa é dotada de folhagem perene. As folhas pequenas e verde-escuras, quando amassadas, exalam um forte aroma característico. As flores são brancas e pequenas, tendo utilidade melífera (apreciada por abelhas na fabricação do mel).			
Avaliação do Uso: A planta é cultivada tradicionalmente em quintais domésticos. Dá-se bem em quase todo tipo de solo, incluindo os terrenos arenosos junto às praias. É também usada como árvore ornamental em áreas urbanas de cidades brasileiras, na recuperação de áreas degradadas.			

Nome Científico: <i>Euphorbia leucocephala</i>		Nome Popular: Cabeleira-de-velho	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Euphorbiaceae	Origem: América Central	Hábito: () Arbóreo (x) Arbustivo () Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol		Propagação: Estaquia; Mudas	
Aspectos atrativos: Floração ornamental			
Cor da flor: Brancas	Época de floração:		Frutífera: () Sim (x) Não
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Arbusto ou avoreta, leitosa, de 2-3 m de altura, com caule marrom-claro, muito ramificado, apresentando copa globosa, com folhas elípticas e decíduas no inverno. As flores são brancas, muito numerosas e vistosas, reunidas em inflorescências densas, se formam durante o outono e prolongam-se até o inverno.			
Avaliação do Uso: É cultivado tanto como planta isolada como em grupos para formar maciços. suporta podas moderadas a fim de tornar a planta mais compacta. Aprecia temperaturas amenas, florescendo melhor em regiões de altitude.			

Nome Científico: <i>Euphorbia pulcherrima</i>		Nome Popular: Bico-de-papagaio	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Euphorbiaceae	Origem: México	Hábito: () Arbóreo (x) Arbustivo () Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo:		Propagação: Estaquia	
Aspectos atrativos: Inflorescências ornamentais			
Cor da flor: Várias	Época de floração: Inverno	Frutífera: () Sim (x) Não	
Cor da folha: Verde	Textura: Membranácea	Forma:	
Descrição Botânica: Arbusto semilenhoso, leitoso, de 2-3 m de altura. Folhas membranáceas, algumas vezes variegadas, decíduas em invernos mais acentuados. No inverno formam-se brácteas que lembram folhas, ricamente coloridas de vermelho, branco, rosa ou amarelo, em volta de flores pequenas, de cor amarela.			
Avaliação do Uso: As plantas prestam-se para formação de renques e conjuntos, ou como plantas isoladas, sendo possível podá-las para formação de ramagem mais compacta. Não tolera geadas.			

Nome Científico: <i>Euterpe edulis</i>		Nome Popular: Palmito-juçara	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Arecaceae	Origem: Brasil	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo () Herbáceo (x) Palmeira	
Condições de cultivo:		Propagação:	
Aspectos atrativos:			
Cor da flor:	Época de floração:	Frutífera: () Sim (x) Não	
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Tronco simples, de até 20 cm de altura, com a base das folhas formando o palmito, caracterizando as variedades de acordo com a tonalidade de cor que apresenta. Raízes bem visíveis na base do tronco. Frutos arredondados, negros ou violáceos durante a maturação.			
Avaliação do Uso: Espécie ocorre naturalmente do sul da Bahia e Minas Gerais até o Rio Grande do Sul na mata atlântica e em Goiás, Mato Grosso do Sul, São Paulo e Paraná, nas matas ciliares. No jardim do ICC apresenta bom desenvolvimento.			

Nome Científico: <i>Handroanthus impetiginosus</i>		Nome Popular: Ipê-roxo	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Bignoniaceae	Origem: Brasil	Hábito: (x) Arbóreo () Arbustivo () Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo:		Propagação: Sementes; Mudas; Estaquia	
Aspectos atrativos: Floração ornamental			
Cor da flor: Roxa	Época de floração: Primavera	Frutífera: () Sim (x) Não	
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Árvore decídua, apresenta folhas compostas e palmadas, com 5 folíolos que caem no inverno dando lugar a floração. As flores em forma de trombeta são numerosas, de coloração rósea ou arroxeadas, de acordo com a espécie e despontam em volumosas inflorescências. A floração inicia-se no fim do inverno e no início da primavera. A frutificação posterior produz vagens de 25 cm verdes e lisas, que se abrem liberando as sementes aladas.			
Avaliação do Uso: Devem ser plantadas sob sol pleno ou meia-sombra, em covas amplas, bem preparadas com esterco de curral curtido e NPK. Irrigações periódicas durante o primeiro ano de implantação são importantes. As árvores adultas são muito tolerantes à períodos de seca			

Nome Científico: <i>Heliconia psittacorum</i>		Nome Popular: Helicônia-papagaio	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Heliconiaceae	Origem: Brasil	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo (x) Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol		Propagação: Divisão de touceira	
Aspectos atrativos: Inflorescências e folhagem ornamentais			
Cor da flor:	Época de floração: Quase ano todo	Frutífera: () Sim (x) Não	
Cor da folha: Verde	Textura: Coriácea	Forma: Oval-lanceolada	
Descrição Botânica: Herbácea rizomatosa, entouceirada, ereta, de 1,5-2,0 m de altura, com florescimento ornamental. Folhas oval-lanceoladas, coriáceas, lisas, com pecíolo curto. Inflorescências muito duráveis, curtas, sobre hastes longas, eretas, com brácteas em forma de barco, finas, as da base longas, vermelhas e amareladas. Espécie muito variável, ocorrendo variedades naturais com brácteas vermelhas, amarelas e róseas.			
Avaliação do Uso: Cultivada como planta isolada, em grupos ou em renques, em terra fértil e irrigada periodicamente. É uma das espécies mais cultivadas para flor de corte. É um pouco tolerante ao frio.			

Nome Científico: <i>Heliconia rostrata</i>		Nome Popular: Helicônia	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Heliconiaceae	Origem: Amazônia	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo (x) Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol; Meia-sombra		Propagação: Divisão de touceira	
Aspectos atrativos: Inflorescências muito ornamentais			
Cor da flor:	Época de floração: Quase ano todo	Frutífera: () Sim (x) Não	
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Herbácea rizomatosa, entouceirada, de hábito musoide, de 2-3 m de altura, com florescimento muito ornamental. Inflorescências pendentes, longas, com brácteas adensadas, em forma de barco, curtas e largas, de cor vermelho-viva com margem amarelada, muito vistosas.			
Avaliação do Uso: Cultivada como planta isolada ou em grupos ou renques, em terra fértil, irrigada a intervalos. É também cultivada para produção de flores de corte. É sensível a baixas temperaturas de inverno.			

Nome Científico: <i>Hemerocallis flava</i>		Nome Popular: Lírio-de-são-josé	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Hemerocallidaceae	Origem: Europa e Ásia	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo (x) Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol		Propagação: Divisão de touceira	
Aspectos atrativos: Folhagem e flores ornamentais			
Cor da flor: Amarela	Época de floração: Quase ano todo	Frutífera: () Sim (x) Não	
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Herbácea rizomatosa, perene, acaule, com 40-60 cm de altura, de folhas basais, lineares e estreitas. Inflorescências eretas, com poucas flores de cor amarela, simples ou dobradas, formadas durante grande parte do ano, principalmente no verão. Atualmente um grande número de híbridas é cultivado, de flores em tons variados de amarelo, alaranjado, marrom e rosa			
Avaliação do Uso: Planta adequada para bordaduras ou conjuntos isolados, a pleno sol, com terra rica em matéria orgânica. Tolerante ao frio.			

Nome Científico: <i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L.		Nome Popular: Hibisco	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Malvaceae	Origem: Ásia Tropical	Hábito: () Arbóreo (x) Arbustivo () Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo:		Propagação:	
Aspectos atrativos:			
Cor da flor:	Época de floração:		Frutífera: () Sim (x) Não
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Arbusto lenhoso, fibroso, de 3-5 m de altura. Existe um grande número de variedades e formas cultivadas do país. As flores solitárias e de inúmeras cores, são formadas num período muito amplo abrangendo todas as estações.			
Avaliação do Uso: É cultivado como planta isolada e conduzida como arvoreta, em renques como cerca-viva ou em conjuntos a pleno sol. Não tolera geadas.			

Nome Científico: <i>Hymenocallis caribea</i>		Nome Popular: Lírio-aranha	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Amaryllidaceae	Origem: Antilhas	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo (x) Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Meia-sombra; Pleno sol		Propagação: Separação de bulbos	
Aspectos atrativos: Folhagem e inflorescências ornamentais			
Cor da flor: Branca	Época de floração:		Frutífera: () Sim (x) Não
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Herbácea bulbífera, com 60-80 cm de altura, de folhagem e flores ornamentais. Folhas rosuladas, laminares, estreitas, longas e espessas. Inflorescências eretas em umbelas sustentadas por escapo sólido, com flores brancas, perfumadas, constituídas de segmentos lineares e uma coroa dentada, de tubo fino e longo.			
Avaliação do Uso: Cultivada em vasos, isoladamente ou formando conjuntos. Tanto o solo dos vasos como dos canteiros deve ser bem drenável, fértil e mantido umedecido. Não toleram temperaturas muito baixas.			

Nome Científico: <i>Impatiens walleriana</i>		Nome Popular: Maria-sem-vergonha	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Balsaminaceae	Origem: África	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo (x) Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol; Meia sombra		Propagação: Sementes; Estaquia	
Aspectos atrativos: Floração ornamental			
Cor da flor: Várias	Época de floração: Ano todo	Frutífera: () Sim (x) Não	
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Herbácea perene, ramificada, de consistência suculenta, de 30-50 cm de altura. As flores das variedades modernas são de cores variadas, geralmente vermelhas, salmão, róseas, roxas ou brancas.			
Avaliação do Uso: É cultivada em agrupamentos isolados, em canteiros bem preparados com solo rico em matéria orgânica e com bastante umidade. É tolerante ao frio.			

Nome Científico: <i>Justicia brandegeana</i>		Nome Popular: Camarão-vermelho	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Acanthaceae	Origem: México	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo (x) Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol; Meia-sombra		Propagação: Estaquia	
Aspectos atrativos: Inflorescências muito ornamentais			
Cor da flor: Branca	Época de floração: Quase ano todo	Frutífera: () Sim (x) Não	
Cor da folha: Verde	Textura: Membranácea	Forma:	
Descrição Botânica: Herbácea semiereta, de caules arroxeados e nodosos, com 80-100 cm de altura. Folhas membranáceas, quase glabras, de 4-6 cm de comprimento. Inflorescências em espigas laxas de 6-10 cm de comprimento, com brácteas vermelhas e flores brancas, formada quase o ano todo. As flores são muito visitadas por beija-flores.			
Avaliação do Uso: Apropriada para bordaduras ao longo de muros, muretas, paredes ou em conjuntos, em canteiros com solo permeável e de boa fertilidade. É sensível a geadas.			

Nome Científico: <i>Leea guineensis</i>		Nome Popular: Leia	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Vitaceae	Origem: Burma	Hábito: () Arbóreo (x) Arbustivo () Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol; Meia-sombra		Propagação: Sementes; Divisão de touceiras	
Aspectos atrativos: Folhagem ornamental			
Cor da flor: Vermelha	Época de floração: Primavera/ Verão	Frutífera: () Sim (x) Não	
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Arbusto semi-herbáceo, ereto, entouceirado, com 2,0-2,5 m de altura, com folhagem ornamental. Folhas compostas, divididas em folíolos verde-brilhantes, alongados, com margens onduladas. Inflorescências densas, com numerosas flores vermelhas em botão, quase sempre escondidas no meio da folhagem e de pouca importância ornamental.			
Avaliação do Uso: É cultivado isoladamente, em conjuntos, ou em renques ao longo de paredes, muros e cercas, em solo fértil. Tolerante a podas leves e é sensível a geadas.			

Nome Científico: <i>Leea rubra</i>		Nome Popular: Leia-vermelha	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Vitaceae	Origem: Índia; Burma	Hábito: () Arbóreo (x) Arbustivo () Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Meia-sombra		Propagação: Sementes; Estaquia	
Aspectos atrativos: Folhagem ornamental			
Cor da flor: Vermelha	Época de floração:	Frutífera: () Sim (x) Não	
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Arbusto semi-herbáceo, ereto, entouceirado, de 2,0-2,5 m de altura, com folhagem arroxeadada ornamental. Folhas bronzeadas, escuras, pinadas com folíolos lanceolados. Inflorescências densas, quase escondidas entre as folhas, com numerosas flores vermelhas em botão e róseas quando abertas, porém de pouca importância como fator ornamental.			
Avaliação do Uso: Cultivado isoladamente, em grupos, ou em renques ao longo de paredes, muro ou grades. Não tolera geadas.			

Nome Científico: <i>Lippia Alba</i>		Nome Popular: Erva-cidreira-de-arbusto	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Verbenaceae	Origem: Bolívia; Equador	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo (x) Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo:		Propagação:	
Aspectos atrativos:			
Cor da flor:	Época de floração:		Frutífera: () Sim (x) Não
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Arbusto perene muito ramificado, com as brotações novas eretas, que tendem a ficar arqueadas com o crescimento, chegando a encostar no solo, onde normalmente enraizam, formando moitas de 1,5 a 2m de altura.			
Avaliação do Uso: Espécie faz parte do jardim medicinal do ICC.			

Nome Científico: <i>Livistona chinensis</i>		Nome Popular: Falsa-latânia	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Arecaceae	Origem: China	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo () Herbáceo (x) Palmeira	
Condições de cultivo:		Propagação:	
Aspectos atrativos:			
Cor da flor:	Época de floração:		Frutífera: () Sim (x) Não
Cor da folha:	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Palmeira de tronco simples, acinzentado, anelado, dilatado na base, revestido por remanescentes pardo-escuros da base das folhas já caídas, aderentes em posição quase que horizontal e que permanecem ao longo do tempo juntamente com tecido fibroso de mesma cor, com 7 a 12 m de altura e cerca de 28 cm de diâmetro. Folhas em leque, divididas, formando coroa densa, de segmentos numerosos, pendentes nas extremidades, sustentadas por pecíolos dotados de espinhos nas margens. Inflorescência entre as folhas, com flores creme-amareladas. Frutos globosos, pretos.			
Avaliação do Uso: Tolerante a pleno sol, a clima subtropical e temperado ameno. É adequada para vasos quando planta jovem e para parques e jardins.			

Nome Científico: <i>Mangifera indica</i>		Nome Popular: Mangueira	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Anacardiaceae	Origem: Ásia	Hábito: (x) Arbóreo () Arbustivo () Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo:		Propagação: Sementes; Enxertia; Alporquia	
Aspectos atrativos:			
Cor da flor:	Época de floração:		Frutífera: (x) Sim () Não
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Árvore longeva, de copa densa, perene e muito frondosa, que pode alcançar 30 metros de altura. Seu tronco é largo, e apresenta casca escura, rugosa e látex resinoso. As folhas são coriáceas, lanceoladas, com 15 a 35 cm de comprimento. As mangas são frutos muito bonitos, perfumados, do tipo drupa, de formato ovóide-oblongo, mais ou menos alongado, de acordo com a variedade. Sua casca é fina, porém resistente, e pode apresentar cores diversas entre o verde, vermelho, rosa, amarelo ou laranja, com ou sem manchas pretas,			
Avaliação do Uso: Deve ser cultivada sob sol pleno, em solo fértil, profundo e irrigado a intervalos periódicos. Rústica, pode-se no entanto cultivá-la em solos pobres, com menor produtividade, mas dependente de irrigação. Planta tipicamente tropical, a mangueira não tolera o frio excessivo, ventos ou geadas.			

Nome Científico: <i>Manihot esculenta</i>		Nome Popular: Mandioca	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Euphorbiaceae	Origem: Bolívia; Brasil	Hábito: () Arbóreo (x) Arbustivo () Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo:		Propagação:	
Aspectos atrativos:			
Cor da flor:	Época de floração:		Frutífera: () Sim (x) Não
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica:			
Avaliação do Uso: Espécie faz parte do jardim medicinal do ICC.			

Nome Científico: <i>Monstera deliciosa</i>		Nome Popular: Costela-de-adão	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Araceae	Origem: México	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo (x) Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Meia-sombra		Propagação: Estaquia; Divisão do caule	
Aspectos atrativos: Folhagem ornamental			
Cor da flor:	Época de floração:		Frutífera: () Sim (x) Não
Cor da folha: Verde	Textura: Coriácea	Forma: Recortada, perfurada	
Descrição Botânica: Semi-herbácea, prostrada ou ascendente quando apoiada em suporte, vigorosa, rizomatosa, com folhas grandes, coriáceas, recortadas e perfuradas, muito ornamentais. O espádice, que abriga as flores de tamanho reduzido, é muito perfumado e os frutos resultantes são comestíveis.			
Avaliação do Uso: Cultivada geralmente tendo como apoio muros, paredes, coxim, árvore ou palmeira, visando formar conjuntos a meia-sombra. É tolerante a baixas temperaturas.			

Nome Científico: <i>Morus nigra</i>		Nome Popular: Amoreira	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Moraceae	Origem: Ásia	Hábito: (x) Arbóreo () Arbustivo () Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo:		Propagação:	
Aspectos atrativos:			
Cor da flor:	Época de floração:		Frutífera: (x) Sim () Não
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma: Semente; Enxertia; Estaquia	
Descrição Botânica: Árvore de porte médio, alcançando de 4 a 12 metros de altura. As folhas são simples, ovadas a cordiformes, cartáceas, de margens serrilhadas ou dentadas e recobertas por uma pilosidade que as torna ásperas ao toque. As mudas podem apresentar folhas lobadas. As inflorescências surgem no final do inverno e são do tipo espiga, pendentes, onde se reúnem flores brancas minúsculas. Os frutos são pequenos aquênios, carnosos e negros quando maduros, reunidos em infrutescências.			
Avaliação do Uso: Deve ser cultivada sob sol pleno, em solo fértil, profundo, drenável, enriquecido com matéria orgânica e irrigado regularmente no primeiro ano de implantação. Apesar de ser originária de clima temperado, a amoreira se adapta bem ao clima tropical e subtropical. Adubações anuais com esterco de curral curtido e podas de limpeza estimulam frutificações abundantes. Não tolera estiagem prolongada ou ventos fortes.			

Nome Científico: <i>Nephrolepis biserrata</i>		Nome Popular: Samambaia	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Davalliaceae	Origem: Trópicos	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo (x) Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Meia-sombra		Propagação: Divisão de touceira	
Aspectos atrativos: Folhagem ornamental			
Cor da flor: Não possui	Época de floração:		Frutífera: () Sim (x) Não
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Samambaia herbácea, rizomatosa, entouceirada, dotada de folhas compostas longas, recurvadas, de segmentos espaçados, lineares, largos, coriáceos, verde-amarelados.			
Avaliação do Uso: Cultivada em vasos, jardineiras ou renques, a meia-sombra, em terra enriquecida com matéria orgânica, permeável e irrigada periodicamente. Seu belo efeito pendente a recomenda para o plantio em patamares, desde que não receba luz direta. Não tolera temperaturas muito baixas.			

Nome Científico: <i>Pachystachys lutea</i>		Nome Popular: Camarão-amarelo	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Acanthaceae	Origem: Peru	Hábito: () Arbóreo (x) Arbustivo () Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Meia-sombra; Pleno sol		Propagação: Estaquia	
Aspectos atrativos: Inflorescências ornamentais			
Cor da flor: Branca	Época de floração: Primavera/ Verão		Frutífera: () Sim (x) Não
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Arbusto semilenhoso, ereto, ramificado, de 0,5-1,0 m de altura, de ramagem ereta com folhas ovalado-alongadas, verde-escuras, sulcadas pela nervação. Inflorescência ereta, muito vistosa, com brácteas amarelas e flores branco-creme. As flores atraem beija-flores.			
Avaliação do Uso: É cultivado em vasos, em grupos ou em renques acompanhando muros, muretas e paredes, em solo fértil e mantido úmido. Não tolera temperatura muito baixas. A sua poda anual seguida da adição de material orgânico melhora seu florescimento.			

Nome Científico: <i>Paspalum notatum</i>		Nome Popular: Grama batatais	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Poaceae	Origem: Brasil	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo (x) Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol		Propagação: Sementes; Mudas; Placas	
Aspectos atrativos:			
Cor da flor:	Época de floração:	Frutífera: () Sim (x) Não	
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: A grama-batatais tem folhas longas, firmes e pouco pilosas, de coloração verde-clara. É rizomatosa, isto é, o caule fica abaixo do solo e emite as folhas para cima. É indicada para campos de futebol, jardins públicos e locais com tráfego, devido à sua resistência rusticidades. Deve ser aparada sempre que alcançar 3 a 5 cm ou quando florescer.			
Avaliação do Uso: Pode ser cultivada em solos mais pobres, com adubações semestrais e regas regulares, embora tenha certa resistência à estiagem. Não é indicada para situações de sombra ou meia-sombra, devendo ficar a pleno sol.			

Nome Científico: <i>Passiflora edulis</i>		Nome Popular: Maracujazeiro	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Passifloraceae	Origem: América; Ásia; Austrália	Hábito: () Arbóreo (x) Arbustivo () Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo:		Propagação:	
Aspectos atrativos:			
Cor da flor:	Época de floração:	Frutífera: (x) Sim () Não	
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma: Sementes; Estaquia	
Descrição Botânica: É uma planta trepadeira, de crescimento vigoroso e contínuo; com sistema radicular pouco profundo, caule trepador, folhas lobadas e verdes com gavinhas (órgãos de sustentação). Em algumas espécies, as folhas são arredondadas e em outras são partidas, com bordos serrilhados. As flores são grandes, vistosas, de diversas cores de acordo com a espécie e a variedade. A floração ocorre no verão. Os frutos são arredondados e com numerosas sementes achatadas envoltas pela polpa gelatinosa e saborosa.			
Avaliação do Uso: Adequada para cobrir cercas, pérgolas e caramanchões, deve ser cultivada a pleno sol, em solo fértil com boa adubação orgânica regada periodicamente para uma boa floração e frutificação. A maioria das espécies não é tolerante ao frio e às geadas. Pode perder a beleza e a saúde com a idade, requerendo o replantio.			

Nome Científico: <i>Persea americana</i>		Nome Popular: Abacateiro	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Lauraceae	Origem: América Central; México	Hábito: (x) Arbóreo () Arbustivo () Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo:		Propagação:	
Aspectos atrativos:			
Cor da flor:	Época de floração:		Frutífera: (x) Sim () Não
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Árvore frutífera de grande porte, pode alcançar até 20 metros de altura. Seu tronco é pouco reto, atingindo 1 metro de diâmetro aos 30 anos. A casca do caule e ramos é acinzentada, espessa, suberosa e recortada. Suas folhas são lustrosas, coriáceas, elípticas a lanceoladas e de cor verde-escura, com a página superior glabra e a inferior pubescente. As flores são pequenas, hermafroditas, de cor verde clara e muito numerosas, organizadas em inflorescências terminais do tipo panícula. O fruto é uma drupa piriforme ou ovóide, de casca de cor verde a marrom, e polpa cremosa, adocicada, de cor verde-oliva a creme.			
Avaliação do Uso: Deve ser cultivada sob sol pleno em solo fértil, profundo, drenável, enriquecido com matéria orgânica e irrigado periodicamente. Apesar de apreciar o calor tropical, atualmente, há variedades de abacateiro apropriadas a uma ampla faixa climática, adaptando-se inclusive a grandes altitudes e geadas.			

Nome Científico: <i>Philodendron cordatum</i>		Nome Popular: Imbê	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Araceae	Origem: Brasil	Hábito: () Arbóreo (x) Arbustivo () Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Meia-sombra		Propagação: Estaquia	
Aspectos atrativos: Folhagem ornamental			
Cor da flor:	Época de floração:		Frutífera: () Sim (x) Não
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Arbusto trepador, herbáceo, de caule ascendente, com folhas cordiformes de margens inteiras e lisas, de 20-25 cm de comprimento por 15-20 cm de largura. Inflorescências axilares, com espata branco-rosada na parte externa e totalmente branca na parte interna, com flores pequenas e sem valor ornamental.			
Avaliação do Uso: É cultivado isoladamente, diretamente no solo, próxima a um suporte para se fixar, vindo a formar, com o tempo, denso emaranhado de ramos que chegam a cobrir grandes áreas.			

Nome Científico: <i>Philodendron renauxii</i>		Nome Popular: Filodendro rasteiro	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Araceae	Origem: Brasil	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo (x) Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Meia-sombra		Propagação: Estaquia	
Aspectos atrativos: Folhagem ornamental			
Cor da flor:	Época de floração:	Frutífera: () Sim (x) Não	
Cor da folha: Verde	Textura: Coriáceas	Forma:	
Descrição Botânica: Herbácea reptante, rizomatosa, pouco ramificada, de aspecto geral muito decorativo. Folhas largo-lanceoladas, um tanto côncavas, coriáceas, brilhantes, com pecíolos eretos e rijos. Inflorescências eventuais e formadas no verão, porém sem valor ornamental.			
Avaliação do Uso: Cultivada em vasos bem como em grupos diretamente no chão, comportando-se como forração, em terra esterçada e mantida úmida, destacando-se pelo seu aspecto incomum. Relativamente tolerante a baixas temperaturas.			

Nome Científico: <i>Pilea microphylla</i>		Nome Popular: Brilhantina	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Urticaceae	Origem: América tropical	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo (x) Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol; Meia-sombra		Propagação: Divisão da planta; Estaquia	
Aspectos atrativos: Folhagem ornamental			
Cor da flor:	Época de floração:	Frutífera: () Sim (x) Não	
Cor da folha:	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Herbácea perene, ereta, muito ramificada, de 20-30 cm de altura. Ramagem densa e carnosa, com folhas diminutas e suculentas. Flores diminutas, axilares, de importância secundária como fator ornamental. As masculinas, quando secas, explodem emitindo uma nuvem de pólen.			
Avaliação do Uso: É cultivada em jardineiras ou em grupos formando conjuntos, em canteiros enriquecidos com húmus, devendo ser sempre umedecidos. Não tolera geadas.			

Nome Científico: <i>Plectranthus barbatus</i>		Nome Popular: Falso-boldo	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Lamiaceae	Origem: África	Hábito: () Arbóreo (x) Arbustivo () Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo:		Propagação:	
Aspectos atrativos:			
Cor da flor:	Época de floração:	Frutífera: () Sim (x) Não	
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Arbusto com propriedades medicinais difundidas na cultura popular.			
Atinge de 1 a 2 metros de altura, apresenta folhas aveludadas e produz flores azuladas.			
Avaliação do Uso: Espécie encontrada no jardim medicinal do ICC.			

Nome Científico: <i>Plectranthus nummularius</i>		Nome Popular: Hera-sueca	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Lamiaceae	Origem: Austrália	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo (x) Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Meia-sombra		Propagação: Ramagem prostrada enraizada	
Aspectos atrativos: Folhagem ornamental			
Cor da flor: Brancas	Época de floração:	Frutífera: () Sim (x) Não	
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Herbácea reptante, perene, com folhagem ornamental, de 15-20 cm de altura, com folhas simples, espessas, cerosas, coriáceas, brilhantes, glabras, ovalado-arredondada denteadas, azul-acinzentadas, na face de baixo, com veias arroxeadas. A forma 'Variegatus' é de folhas verdes com manchas brancas. Inflorescências terminais, eretas e curtas, com flores pequenas, brancas, de importância ornamental secundária.			
Avaliação do Uso: Cultivada em vasos e jardineiras como planta pendente ou como forração, em terra fértil, permeável, e irrigada com frequência. É tolerante a baixas temperaturas.			

Nome Científico: <i>Psidium guajava</i>		Nome Popular: Goiabeira	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Myrtaceae	Origem: América Tropical	Hábito: (x) Arbóreo () Arbustivo () Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo:		Propagação:	
Aspectos atrativos:			
Cor da flor:	Época de floração:		Frutífera: (x) Sim () Não
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Arbusto ou árvore de pequeno porte, tipicamente tropical. Apresenta tronco tortuoso, com casca lisa, que quando envelhece se desprende em finas lâminas de cor castanha. Folhas elípticas, de coloração verde clara, pilosas quando jovens e com nervuras bem marcadas. As flores são axilares, hermafroditas, de coloração branca, com longos e numerosos estames. A floração ocorre na primavera, apenas nos ramos produzidos durante o ano corrente. Os frutos são do tipo baga, ovóides, de casca fina, lisa e verde, que torna-se amarela quando bem amadurecida. A polpa é delicada, doce e perfumada, e pode ser vermelha ou branca.			
Avaliação do Uso: Deve ser cultivada sob sol pleno, em solos férteis, drenáveis, ricos em matéria orgânica e irrigados periodicamente. Rústica, a goiabeira adapta-se a diversos tipos de solo, além de vegetar em uma ampla faixa climática, desde equatorial até subtropical.			

Nome Científico: <i>Sansevieria trifasciata</i> var <i>laurentii</i>		Nome Popular: Espada-de-são-jorge	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Ruscaceae	Origem: África	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo (x) Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol		Propagação: Divisão de touceira	
Aspectos atrativos: Folhagem ornamental			
Cor da flor:	Época de floração:		Frutífera: () Sim (x) Não
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Herbácea rizomatosa, perene, acaule, com 70-90 cm de altura, apresenta sempre folhas espessas. São cultivadas diversas variedades de folhas com margens creme-amareladas, com manchas verde-clara transversais. Inflorescências longas, espigadas, com flores pequenas, esverdeadas, de importância ornamental secundária.			
Avaliação do Uso: Pode ser cultivada em vasos ou em grupos, formando bordaduras ou mesmo para compor maciços, os quais aumentam em área continuamente devido à característica invasora da planta, que deve ser contida pelo arranquio anual das plantas que excedem os limites do canteiro.			

Nome Científico: <i>Saritaea magnifica</i>		Nome Popular: Sariteia	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Bignoniaceae	Origem: Colômbia	Hábito: () Arbóreo (x) Arbustivo () Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo:		Propagação: Estaquia	
Aspectos atrativos: Floração ornamental			
Cor da flor: Arroxeadada	Época de floração: Primavera/Verão	Frutífera: () Sim (x) Não	
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Trepadeira semilenhosa, vigorosa, de folhagem perene e decorativa. Folhas compostas com dois folíolos coriáceos, muito típicos, o que permite identificar prontamente a planta pelas folhas. Flores arroxeadas, em forma de funil, formadas na primavera-verão e mais exuberantes na região litorânea.			
Avaliação do Uso: Adequada para revestimento de cercas, caramanchões, grades e portais. Não é tolerante a baixas temperaturas de inverno. Normalmente não frutifica.			

Nome Científico: <i>Schizocentron elegans</i>		Nome Popular: Quaresmeira-rasteira	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Melastomataceae	Origem: México	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo (x) Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol; Meia-sombra		Propagação: Ramagem enraizada	
Aspectos atrativos: Folhagem e flores ornamentais			
Cor da flor: Arroxeadada	Época de floração: Quase ano todo	Frutífera: () Sim (x) Não	
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Herbácea perene, prostrada, de 15-20 cm de altura, com ramagem densa e folhagem ornamental. Folhas pequenas, ovaladas e pubescentes, de 3-4 cm de comprimento. Flores solitárias, esparsas, formadas continuamente durante quase o ano todo.			
Avaliação do Uso: Extraordinária para forração, em canteiros ricos em composto orgânico, permeáveis, devendo ser irrigados constantemente. Indicada também para jardineiras e cuias como planta pendente. É sensível a geadas.			

Nome Científico: <i>Spathodea campanulata</i>		Nome Popular: Espatódea	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Bignoniaceae	Origem: África Central	Hábito: (x) Arbóreo () Arbustivo () Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo:		Propagação:	
Aspectos atrativos:			
Cor da flor: Vermelha	Época de floração:		Frutífera: () Sim (x) Não
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Árvore de crescimento, podendo atingir 24 metros. O tronco apresenta um diâmetro de 30 a 50 cm, a madeira é clara e mole e a casca fina e suberosa. As folhas são grandes, opostas e são compostas por numerosos folíolos (4 a 19) alongados e oval-lanceolados. As flores são vermelho-alaranjadas ou amarelas, de acordo com a variedade e surgem de inflorescências terminais, com botões numerosos que abrem-se sucessivamente, garantindo uma longa floração.			
Avaliação do Uso: Devem ser cultivadas sob sol pleno, em solo fértil, bem drenado, e enriquecido com matéria orgânica. Árvore tipicamente tropical, não se adapta a países de clima frio. Devido à sua grande capacidade reprodutiva, pode tornar-se invasiva em algumas situações.			

Nome Científico: <i>Sphagneticola trilobata</i>		Nome Popular: Vedélia	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Asteraceae	Origem: Brasil	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo (x) Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol; Meia-sombra		Propagação: Mudas	
Aspectos atrativos: Folhagem e flores ornamentais			
Cor da flor: Amarela	Época de floração: Quase ano todo		Frutífera: () Sim (x) Não
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Herbácea perene, prostrada, estolinífera, muito ramificada, de 40-60 cm de altura e folhagem decorativa. Folhas simples, trilobadas e tomentosas. Inflorescências com numerosas flores pequenas reunidas em capítulos axilares, solitários e amarelos.			
Avaliação do Uso: É cultivada como forração, adequada para revestir taludes ou barrancos. É tolerante a locais úmidos e inundáveis, bem como a terrenos secos e bem drenados, contudo sensível a geadas.			

Nome Científico: <i>Spondias purpurea</i>		Nome Popular: Seriguela	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Anacardiaceae	Origem: América	Hábito: (x) Arbóreo () Arbustivo () Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo:		Propagação: Estaquia	
Aspectos atrativos:			
Cor da flor:	Época de floração:		Frutífera: (x) Sim () Não
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: É uma árvore de porte médio, podendo atingir até sete metros. O fruto é uma drupa elipsoidal de cor amarelada ou mesmo avermelhada quando maduro, com comprimento entre 2,5 e cinco centímetros. Pesa entre quinze e vinte gramas.			
Avaliação do Uso: Sua frutificação se dá nos meses de outubro e novembro, sendo colhida entre os meses de dezembro e janeiro. Está adaptada a solos fracos e com baixa pluviosidade.			

Nome Científico: <i>Syagrus romanzoffiana</i>		Nome Popular: Jerivá	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Arecaceae	Origem: Brasil	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo () Herbáceo (x) Palmeira	
Condições de cultivo:		Propagação: Mudanças; Sementes	
Aspectos atrativos:			
Cor da flor:	Época de floração:		Frutífera: () Sim () Não
Cor da folha:	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Palmeira de caule simples, de 8 a 15 m de altura e 35 a 50 cm de diâmetro. folhas em número de 8 a 15, arqueadas, de 2,5 a 4 m de comprimento. Frutos globosos, de cor amarela quando maduros.			
Avaliação do Uso: É a palmeira nativa mais cultivada no país. Ocorre naturalmente no cerrado e em outros biomas brasileiros. É resistente a geadas assim como ao transplante, mesmo quando adulta.			

Nome Científico: <i>Syngonium angustatum</i>		Nome Popular: Singônio	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Araceae	Origem: Nicarágua	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo (x) Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Meia-sombra		Propagação: Estaquia	
Aspectos atrativos: Folhagem ornamental			
Cor da flor:	Época de floração:		Frutífera: () Sim (x) Não
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Semi-herbácea ascendente, muito vigorosa e um tanto infestante, de folhagem decorativa. As folhas têm várias divisões quando adultas e são simples nas formas jovens cultivadas. Inflorescências sem valor ornamental.			
Avaliação do Uso: Cultivada principalmente em vasos com suporte de coxim, bem como em jardins, às vezes como forração. Quando próxima de cercas e árvores cresce vigorosamente cobrindo-as totalmente. Não tolera baixas temperaturas.			

Nome Científico: <i>Tecoma stans</i>		Nome Popular: Ipê-de-jardim	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Bignoniaceae	Origem: América	Hábito: (x) Arbóreo (x) Arbustivo () Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo:		Propagação: Sementes	
Aspectos atrativos: Floração ornamental			
Cor da flor: Amarela	Época de floração: Quase ano todo		Frutífera: () Sim (x) Não
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Árvore pequena ou arbusto muito variável, lenhoso, ramificado, florífero, de 3-6 m de altura. Folhas opostas, pinadas, com folíolos quase sésseis. Inflorescência terminal, com poucas flores tubulares, campanuladas, amarelas, formadas na primavera-verão até outono.			
Avaliação do Uso: Cultivado em jardins, isoladamente ou em renques, bem como na arborização urbana como árvore. Tem tendência a tornar-se espontâneo, sendo, por isso, considerado invasor em algumas regiões. Espécie com certa tolerância a geadas.			

Nome Científico: <i>Tradescantia pallida</i> var <i>purpurea</i>		Nome Popular: Trapoeraba-roxa	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Commelinaceae	Origem: México	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo (x) Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol		Propagação: Estaquia	
Aspectos atrativos: Folhagem ornamental			
Cor da flor: Roxa	Época de floração:		Frutífera: () Sim (x) Não
Cor da folha: Roxa	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Herbácea prostrada, suculenta, de 15-25 cm de altura, com folhas roxas e pubescentes, muito decorativas. As flores são pequenas, também roxas, porém pouco vistosas e com importância ornamental secundária.			
Avaliação do Uso: Deve ser cultivada a pleno sol a fim de que a cor das folhas fique acentuada. Utilizada como forração e em maciços, bem como em jardineiras como planta pendente, com terra enriquecida, de boa fertilidade e com material orgânico, mantida úmida. Pouco tolerante a baixas temperaturas.			

Nome Científico: <i>Tradescantia zebrina</i>		Nome Popular: Lambari	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Commelinaceae	Origem: México	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo (x) Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Sombra; Meia-sombra		Propagação: Estaquia	
Aspectos atrativos: Folhagem ornamental			
Cor da flor: Arroxeadas	Época de floração:		Frutífera: () Sim (x) Não
Cor da folha:	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Herbácea prostrada, suculenta, de 15-25 cm de altura, com folhagem ornamental. Folhas verde-arroxeadas, glabras, com duas faixas prateadas brilhantes na face de cima e roxas na face de baixo. As flores são de cor rosa-arroxeadas, pequenas e pouco vistosas, sem importância ornamental significativa.			
Avaliação do Uso: Presta-se muito bem para forração em terra fértil, com boa drenagem e mantida sempre umedecida. Não tolera baixas temperaturas de inverno.			

Nome Científico: <i>Xanthosoma robustum</i>		Nome Popular: Inhame-branco	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Araceae	Origem: Brasil	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo (x) Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Meia sombra; Pleno sol		Propagação: Rizomas	
Aspectos atrativos: Folhagem ornamental			
Cor da flor:	Época de floração:	Frutífera: () Sim (x) Não	
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Herbácea perene, acaule, ereta, muito variável, robusta, entouceirada, com rizomas semelhantes a tubérculos, subterrâneos, porém elevando-se muito acima da superfície nas plantas idosas, de folhagem decorativa, de 0,8-1,4 m de altura. Folhas grandes (até 1 m) e marcadas pelas nervuras. Inflorescências formadas durante o verão, sem interesse ornamental.			
Avaliação do Uso: Cultivada principalmente para a produção de rizomas comestíveis, em locais muito úmidos, mas adequada também como planta ornamental em plantio isolado ou formando grupos em jardins, em terreno rico em matéria orgânica.			

Nome Científico: <i>Yucca guatemalensis</i>		Nome Popular: Iuca-elefante	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Agavaceae	Origem: México; Guatemala	Hábito: () Arbóreo (x) Arbustivo () Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol		Propagação:	
Aspectos atrativos:			
Cor da flor: Branca	Época de floração:	Frutífera: () Sim (x) Não	
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Arbusto semilenhoso, ereto, de tronco dilatado na base, de 4-6 m de altura, com roseta de folhas alongadas, sem espinho na ponta. Flores brancas, em inflorescências densas, altas, formadas no verão. As flores cerosas, muito duráveis, são utilizadas em arranjos e buquês.			
Avaliação do Uso: Utilizado para plantios isolados em cantos de edifícios e casas, para renques ou conjuntos, a pleno sol. É tolerante a solos áridos, porém sensível a geadas, sendo indicada para os subtrópicos.			

Nome Científico: <i>Zoysia japonica</i>		Nome Popular: Grama-esmeralda	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Poaceae	Origem: Japão	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo (x) Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol		Propagação: Placas; Mudas	
Aspectos atrativos: Formação de gramado			
Cor da flor:	Época de floração:	Frutífera: () Sim (x) Não	
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: Herbácea rizomatosa, reptante, perene, muito ramificada, de 10-15 cm de altura, com folhas estreitas, pequenas, dispostas em hastes curtas e densas, formando um tapete perfeito quando ceifada com frequência.			
Avaliação do Uso: Adequada para a formação de gramados domésticos, deve ser plantada a pleno sol em terra fértil e irrigada a intervalos.			

Nome Científico: <i>Zoysia tenuifolia</i>		Nome Popular: Grama-japonesa	
Localização: () Ala Norte () Ala Centro () Ala Sul		Canteiro:	() Lado A () Lado B
Família: Poaceae	Origem: Ilhas Mascarenas	Hábito: () Arbóreo () Arbustivo (x) Herbáceo () Palmeira	
Condições de cultivo: Pleno sol		Propagação:	
Aspectos atrativos:			
Cor da flor:	Época de floração:	Frutífera: () Sim (x) Não	
Cor da folha: Verde	Textura:	Forma:	
Descrição Botânica: A grama-coreana tem folhas muito estreitas, pequenas e pontiagudas. É rizomatosa, isto é, o caule fica abaixo do solo e emite as folhas para cima. É perfeita para jardins residenciais, condomínios, empresas e campos de golfe, formando gramados extremamente densos e macios quando bem cuidados. Deve ser aparada sempre que alcançar 2 cm. Vendida comumente na forma de placas.			
Avaliação do Uso: Deve ser cultivada a pleno sol, em solos férteis, com adubações semestrais e irrigações regulares. Não tolera pisoteio ou secas. Multiplica-se através da divisão dos rizomas.			